A QUESTÃO DO IMPOSSÍVEL

KRISHNAMURTI

ICK

A QUESTÃO DO IMPOSSÍVEL

KRISHNAMURTI

Esta obra examina, com profundidade, questões relevantes para a vida humana. Trata, entre outras, das seguintes matérias: as raízes do pensamento, a mente e o cérebro, as relações entre pessoas, a meditação e o autoconhecimento.

"INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI"
Rio de Janeiro — Guanabara

Krishnamurti A QUESTÃO DO IMPOSSÍVEL

A QUESTÃO DO IMPOSSÍVEL

A Instituição Cultural Krishnamurti, editora oficial das obras de Krishnamurti em nosso idioma, tem a satisfação de apresentar à coletividade brasileira a tradução vernácula de mais uma grande obra desse psicólogo indiano — A QUESTÃO DO IMPOSSÍVEL —, cujo título original é THE IMPOSSIBLE QUESTION.

Inegavelmente, nos últimos vinte anos firmou-se Krishnamurti como um dos mais profundos pensadores e mentores do nosso tempo. Tem ele percorrido várias partes do mundo e realizado conferências públicas em diversos países, porém o seu ensino alcançou maior penetração através de numerosos livros difundidos em vários idiomas. THE FIRST AND LAST FREEDOM, COMMENTARIES ON LIVING, FREEDOM FROM THE KNOW, THE ONLY REVOLUTION, THE URGENCY OF CHANGE, para citar apenas alguns deles, são trabalhos de magno porte de sua autoria, já publicados em nossa língua e divulgados no Brasil.

A mensagem verbal e escrita do autor tende a seguir uma linha uniforme — a constituir uma espécie de intercâmbio entre ele e seus leitores. Isso mais uma vez se confirma neste novo livro, em que se apresenta a matéria versada em sete reuniões de palestras e perguntas, realizadas em Saanen (Suíça) no verão de 1970 e, em seguida, sete diálogos entre Krishnamurti e os ouvintes.

"Nunca fazemos a pergunta sobre o impossível. Só se interroga acerca do que é possível. Se fazemos uma pergunta sobre o impossível, a mente tem de achar a resposta na base do impossível, e não do possível... Era impossível ir à Lua.

(continua na outra dobra)

Porque a coisa era impossível, trezentas mil pessoas cooperaram e trabalharam dia e noite, consagrando-lhe todas as suas energias mentais — e o homem foi à Lua! A pergunta alusiva ao impossível é esta: Pode a mente esvaziar-se do conhecido? — ela esvaziar-se *a si própria*, e não, *nós a esvaziarmos?* Eis a pergunta sobre o impossível". — Se tais perguntas forem feitas com o máximo de seriedade, com a paixão de descobrir, novos horizontes se nos descortinarão. É esse um dos objetivos das presentes palestras e diálogos.

Neles se consideram os mais variados assuntos. As raízes e a origem do pensamento, a diferença entre mente e cérebro, o esclarecimento, as relações entre pessoas, o uso correto de nossas faculdades pessoais, o milagre da meditação, a conquista de um estado de bem-aventurança baseado na verdade e na beleza — eis alguns dos tópicos apresentados para exame e que Krishnamurti resume com interrogar-nos o que é "autoconhecimento". Os problemas que criamos para nós mesmos e a sociedade, e a sociedade que cria problemas para nós; o movimento das relações entre nós e a sociedade; a natureza do medo, e se a mente terá alguma possibilidade de libertar-se de todo desse fardo; a natureza do prazer, que é inteiramente diferente da alegria; a questão dos inúmeros fragmentos constituintes do nosso ser; a natureza da consciência e da atenção — tudo isso, e muito mais, é investigado como só Krishnamurti sabe investigá-lo. São questões vitais que, como entes humanos, nos concernem fundamentalmente.

Esta nova obra se revelará de inestimável valor a quantos desejam tomar conhecimento de Krishnamurti e sua elevada compreensão da vida.

A QUESTÃO DO IMPOSSÍVEL

"Sempre fazemos a pergunta sobre o que é possível. Se fizerdes uma pergunta sobre o impossível, vossa mente terá de descobrir a resposta na base do impossível — e não do possível."

ÍNDICE

Primeira Parte

PALESTRAS E PERGUNTAS

Segunda Parte

DIÁLOGOS

PRIMEIRA PARTE

PALESTRAS E PERGUNTAS

1

O ATO DE OLHAR

"Quando uma pessoa é verdadeiramente *séria*, então, no momento de olhar, cessa o antigo movimento."

NUM mundo que se acha em tamanha confusão, onde se vê tanta violência, revolta em todas as formas e mil explicações para essas revoltas, é de esperar ocorra uma reforma social, com diferentes realidades e mais liberdade para o homem. Em todos os países e climas, sob o estandarte da paz, impera a violência; em nome da verdade, há exploração, miséria, milhões de pessoas a padecerem fome, e a opressão das poderosas tiranias, e muita injustiça social. Há guerra, conscrição militar e a fuga à conscrição. Observa-se, com efeito, uma enorme confusão, terrível violência; o ódio é justificado, e a fuga, em todas as formas, aceita como norma da vida. Percebendo tudo isso, ficamos confusos, incertos quanto ao que cumpre fazer, o papel que devemos representar. Que cumpre fazer? Aderir aos "ativistas"(*) ou fugir para uma certa espécie de isolamento interior? Volver às velhas idéias religiosas? Fundar uma nova seita, ou continuarmos com os nossos preconceitos e inclinações? Em presença de tudo isso, uma pessoa sente naturalmente o desejo

(*) *activista*, de *activism*: doutrina de que a vida é ação e luta. (V. "Standard Dictionary Funk & Wagnals). (N. do T.)

de descobrir, por si própria, o que lhe cabe fazer, o que pensar, como viver uma vida diferente.

Se, no decurso destas palestras e debates, pudermos encontrar uma luz em nós mesmos, uma maneira de viver inteiramente isenta de violência, uma vida totalmente religiosa e, portanto, livre de medo, interiormente estável, e inatingível pelos fatos exteriores — penso que então estas nossas reuniões serão verdadeiramente frutuosas. Estamos preparados para dispensar atenção plena, e sensível, aos problemas que vamos considerar? Nós estamos trabalhando *juntos*, com o fim de descobrir como poderemos viver em paz. Não é o orador quem irá dizer-vos o que tendes de fazer, o que deveis pensar; ele não é nenhuma autoridade, nem vai oferecer-vos nenhuma "filosofia".

Um dos problemas é que nosso cérebro funciona sempre segundo seus velhos hábitos, tal como um disco fonográfico, que toca sempre a mesma música. Enquanto dura o barulho da "música", isto é, do hábito, não temos possibilidade de escutar nada novo. O cérebro foi condicionado para pensar de uma certa maneira, reagir de acordo com uma dada cultura, tradição e educação; esse mesmo cérebro tenta escutar o que é novo e, naturalmente, não o consegue. Aí é que residirá nossa dificuldade. Uma palestra gravada em fita pode ser apagada e a fita utilizada de novo; mas, infelizmente, o que está gravado na "fita' do cérebro, nela vem sendo impresso há tanto tempo que se tornou dificílimo apagá-lo, para começar coisa nova. Vivemos a repetir e a repetir o mesmo padrão, as mesmas idéias e os mesmos hábitos físicos, e por essa razão nunca estamos receptivos para o que é novo.

Posso garantir-vos que temos possibilidade de livrar-nos da velha "fita", da velha maneira de pensar, de sentir, de reagir, dos inúmeros hábitos que adquirimos. Isso é possível quando se presta realmente atenção. Se a coisa que estamos escutando é, para nós, verdadeiramente séria, sumamente importante, então haveremos de escutar de tal maneira que o próprio ato de escutar apagará tudo o que é velho. Experimentai isso — ou, melhor, fazei-o! Vós estais profundamente interessados, pois, de contrário, não estaríeis aqui. Escutai com toda a atenção, para que, nesse próprio ato de escutar, as velhas memórias, os velhos hábitos, a tradição acumulada, tudo isso se apague.

Não podemos deixar de ficar sérios perante o caos existente no mundo — incerteza, guerra, destruição — quando todos os valores estão sendo desprezados, numa sociedade totalmente permissiva, sexual e economicamente. Não há moralidade, não há religião; tudo está sendo lançado fora e, por isso, temos de ser sérios, total e profundamente sérios. Se tendes essa seriedade em vosso coração, estais então preparados para escutar. Depende de vós, e não deste orador, o serdes suficientemente sérios, para escutardes *totalmente* e descobrirdes por vós mesmo aquela luz que jamais se extingue; descobrirdes uma maneira de viver não dependente de nenhuma idéia, de nenhuma circunstância, uma vida que seja sempre livre, nova, juvenil, cheia de vigor.

Se tendes uma mente disposta a *descobrir*, a todo custo, então, vós e eu, que vos estou falando, poderemos trabalhar juntos e alcançar aquela coisa maravilhosa que há de pôr fim a todos os nossos problemas — tanto os problemas triviais da vida diária, como os problemas mais graves.

Mas, como empreender esse trabalho? Para mim, só há uma única maneira: por meio da negação, alcançar o positivo; pela compreensão do que *não é*, descobrir *o que é*. Ver o que somos realmente, e ultrapassá-lo. Olhar o mundo e os fatos do mundo, as coisas que estão sucedendo, e ver se em nossa relação com o mundo existe separação. Uma pessoa pode olhar os fatos do mundo como se eles não a atingissem individualmente e, todavia, querer moldá-los, fazer alguma coisa em relação a eles. Há, assim, separação entre o indivíduo e o mundo. Se o olhamos dessa maneira, com a nossa experiência e conhecimentos, idiossincrasias, preconceitos, etc. — isso é olhar como uma entidade separada do mundo. Cumpre-nos descobrir uma maneira de olhar em que vejamos todas as coisas que estão sucedendo, fora e dentro de nós mesmos, como um processo unitário, um movimento total. Ou olhamos o mundo de um determinado ponto de vista — tomando posição, verbalmente, ideologicamente ligados a um determinado modo de ação e, por conseguinte, isolados do resto; ou olhamos o fenômeno todo inteiro, como um movimento vivo, total, do qual fazemos parte, do qual não estamos separados. O que somos — um resultado da cultura, da religião, da educação, da propaganda, do clima, da

alimentação — o que somos *é* o mundo, e o mundo *é* nós. Podemos ver esse todo, sem cuidarmos de fazer alguma coisa a seu respeito? O importante é vermos o todo, e não o que cumpre fazer em relação a ele. Temos o sentimento da humanidade como sendo um todo? Não se trata de nos identificarmos com o mundo — porque nós somos o mundo. A guerra é o resultado de nós mesmos. A violência, o preconceito, a terrível brutalidade que predomina no mundo, são partes de nós mesmos.

Assim, tudo depende de como olhamos este fenômeno, tanto interior como exteriormente, e também de quanto somos sérios. Se uma pessoa é realmente séria, cessa então o antigo movimento — a repetição dos velhos padrões, das velhas maneiras de pensar, de viver e de agir. Tendes um sério interesse em descobrir uma maneira de vida em que toda esta agitação, toda esta aflição e sofrimento, deixem de existir? Para a maioria de nós, a dificuldade é nos livrarmos dos velhos hábitos de pensamento: "Sou uma pessoa importante", "Desejo preencher-me", "Desejo vir a ser", "Creio em minhas opiniões", "Este é o caminho certo", "Pertenço a *esta* seita". No momento em que tomamos posição, separamo-nos do processo total e nos tornamos incapazes de olhá-lo.

Enquanto houver fragmentação da vida, tanto externa como internamente, haverá necessariamente confusão e guerra. Vede isso, por favor, com vosso coração. Vede a guerra que se está travando no Oriente Médio. Estais bem ao corrente de todos esses fatos, e já se escreveram volumes para explicá-los. As explicações nos seduzem — como se uma explicação pudesse resolver alguma coisa! É importantíssimo compreender que não devemos deixar-nos enredar pelas explicações — dadas por quem quer que seja. Quando vedes *o que é*, não há necessidade de nenhuma explicação. O homem que não vê *o que é* fica embrenhado em explicações. Vede isso, por favor, e tratai de compreendê-lo tão profundamente que não mais vos deixeis seduzir por palavras.

Na Índia, é costume abrir o livro sagrado — o Gita — e com ele explicar todas as coisas. Milhões de pessoas escutam as explicações sobre como se deve viver, o que se deve fazer, como Deus é ou não é; tudo escutam, encantadas, e depois con-

tinuam a viver na forma do costume. As explicações cegam-nos, impedem-nos de ver realmente *o que é.*

É de suma importância descobrirdes por vós mesmo a maneira de olhar o problema da existência. Vós o olhais através de uma explicação, de um determinado ponto de vista, ou o olhais não fragmentariamente? Verificai isso. Ide dar um passeio a sós, e aplicai-vos com todo o coração a descobrir a maneira como olhais esses fenômenos. Depois, no correr destas palestras, iremos coordenando os detalhes; pois vamos entrar numa infinidade de detalhes, para *descobrir, compreender.* Mas, antes disso, precisais estar bem certo de que estais livre de toda fragmentação, de que não sois inglês, americano, judeu — entendeis? — de que estais livre do condicionamento de uma dada religião ou cultura, condicionamento que vos mantém agrilhoado e segundo o qual tendes as vossas experiências, que só levam a mais condicionamento.

Vede o movimento da vida como um só movimento; nisso há uma grande beleza e imensas possibilidades; há ação completa, e liberdade. E a mente necessita de liberdade para descobrir o que é a realidade — não uma realidade inventada ou imaginada. Há necessidade de liberdade total, isenta de toda fragmentação, e essa liberdade só será possível se fordes real e totalmente sério — não de acordo com alguém que diz: "Esta é a maneira de ser sério"; lançai fora essas coisas, não lhes deis atenção. Tratai de descobrir por vós mesmo, quer sejais velho, quer sejais jovem.

Desejais fazer perguntas? Antes de fazê-las, vede porque as fazeis e de quem esperais a resposta. Quando fazeis uma pergunta, ficais simplesmente satisfeito com a explicação que porventura se dá na resposta? Ao fazermos uma pergunta — e é necessário indagar a respeito de tudo — fazemo-la porque já estamos começando a investigar e, conseqüentemente, a tomar parte ativa, a caminhar, experimentar, criar, juntos?

INTERROGANTE: Se uma pessoa, digamos, um louco, anda à solta, a matar gente, e temos possibilidade de impedi-lo, matando-o, que cumpre fazer?

KRISHNAMURTI: Nesse caso, vamos matar todos os presidentes e governantes, todos os tiranos, todos os nossos seme-

lhantes e — a nós mesmos. Nós fazemos parte desse todo. Com a nossa violência contribuímos para o estado atual do mundo. Não percebemos isso claramente. Pensamos que se nos livrarmos de umas tantas pessoas, repudiarmos o regime vigente, teremos resolvido inteiramente o problema. Todas as revoluções físicas se fizeram nessa base — a francesa, a comunista, etc. — e todas elas acabaram em burocracia ou tirania.

Assim, meus amigos, instituir uma nova maneira de viver não é instituí-la para outros, porém para si próprio; porque "o outro" sou eu mesmo: não há "nós" nem "eles", só há "eu mesmo". Se se percebe isso realmente — não verbal ou intelectualmente, porém com o coração — ver-se-á que é possível uma ação total, de resultado completamente diferente, e haverá, dessa maneira, uma nova estrutura social, sem ser necessário derribar um regime para substituí-lo por outro.

O investigar requer paciência; os jovens são impacientes, querem resultados instantâneos, e isso significa que ainda não compreenderam o processo total do viver. Se se compreender a totalidade do viver, virá uma ação instantânea, inteiramente diferente da ação imediata da impaciência. Vede o que se passa na América, os distúrbios raciais, a pobreza, os *ghettos*(*), o absurdo sistema educativo vigente. Considerai a desunião existente na Europa e a demora que está havendo em criar-se a Federação Européia. E vede o que está sucedendo na Índia, na Ásia, na Rússia, na China. Considerando-se tudo isso, e mais as divisões criadas pelas religiões, só há uma solução possível, uma única ação, ou seja a ação total, e não ação parcial ou fragmentária. Essa ação total não consiste em matar ninguém, porém em ver as divisões que estão destruindo o homem. Quando formos verdadeiramente sérios e virmos as coisas com sensibilidade, haverá uma ação completamente diferente.

INTERROGANTE: Suponhamos um indivíduo nascido num país onde impera a tirania absoluta e ele se veja totalmente "suprimido", sem se lhe dar oportunidade para fazer, por sua própria iniciativa, coisa alguma (creio que a maioria dos pre-

---

(*) *ghetto*: Na Europa (outrora): bairro em que os judeus eram obrigados a residir. O A. parece referir-se aos bairros residenciais dos negros, na América (Harlem, em Nova Iorque, etc.).

sentes não podem imaginar tais condições) — esse homem nasceu nessa situação, seus pais também; que fez ele para criar o caos existente no mundo?

KRISHNAMURTI: Nada, provavelmente. Que fez o pobre homem que vive nos sertões da Índia, numa aldeola da África ou num valezinho longínquo, completamente alheio ao que se está passando no resto do mundo? De que maneira pode ele ter contribuído para essa monstruosa estrutura? De maneira nenhuma, naturalmente — que pode fazer esse pobre coitado?

INTERROGANTE: Que significa "ser sério". Tenho a impressão de não ser "sério"?

KRISHNAMURTI: Investiguemos isso juntos. Que é ser sério, estar de tal maneira dedicado a uma coisa, a uma vocação, que se esteja disposto a segui-la até o fim? Não vou definir o que é "ser sério"; não aceiteis definições de espécie alguma. Se um homem deseja descobrir uma nova maneira de vida — uma vida livre de violência, uma vida de total liberdade interior, e a esse descobrimento devota seu tempo, sua energia, seus pensamentos, tudo — a essa pessoa eu chamaria um homem sério. Esse homem não se deixa facilmente desviar de seu intento; poderá buscar entretenimentos, mas sua rota está traçada. Isso não significa ser dogmático, obstinado, inadaptável. Ele está pronto a prestar ouvidos a outros, a considerar, examinar, observar. Pode acontecer que, nessa seriedade, um homem se torne egocêntrico; esse egocentrismo, decerto, o impedirá de examinar; mas o "homem sério" tem de prestar ouvidos aos outros, examinar, indagar constantemente; isso significa que ele deve ser altamente sensível. Cabe-lhe descobrir como e a quem escuta. Esse homem, pois, está sempre a escutar, a buscar, a investigar, a descobrir — com um cérebro sensível, uma mente sensível, um coração sensível — que não são coisas separadas; está a investigar com esse todo, com essa sensibilidade total. Verificai se tendes um corpo sensível; notai seus gestos, seus hábitos peculiares. Uma pessoa não pode ser fisicamente sensível se se alimenta em excesso, e tampouco pode ser sensível padecendo fome ou submetendo-se a jejuns. Temos de dar atenção ao que comemos. Temos necessidade de um cérebro sensível, isto é, um cérebro que não funcione por força de seus hábitos, que não

esteja em busca de seus particulares e insignificantes prazeres — sexuais ou de outra natureza.

INTERROGANTE: Recomendastes-nos não dar ouvidos a explicações. Qual a diferença entre o que dizeis e "explicações"?

KRISHNAMURTI: Que achais vós? Há alguma diferença, ou tudo é só palavrório?

INTERROGANTE: Palavras são palavras.

KRISHNAMURTI: Nós explicamos, mostrando a causa e o efeito. Dizemos, por exemplo: O homem herdou sua brutalidade do animal. Se aponto esse fato e, no mesmo ato de apontá-lo, estou agindo, deixo de ser violento; não há diferença? O que se requer é ação, mas pode a ação verificar-se como resultado de explicações, de palavras? Ou essa ação total só é possível quando sou suficientemente sensível para observar o movimento total da vida? Que queremos fazer aqui? Dar explicações sobre o "porquê" e a causa do "porquê"? Ou queremos viver de tal maneira que nossa vida não esteja baseada em palavras, mas, sim, no descobrimento do que realmente *é*? Esse descobrimento não depende de palavras. Há uma enorme diferença entre as duas coisas. Se um homem sente fome, podemos dar-lhe explicações sobre a qualidade e o gosto da comida, mostrar-lhe o *menu*, mostrar-lhe os comestíveis expostos numa vitrine. Mas o que ele quer é comida de verdade, e nenhuma explicação lha pode dar. Eis a diferença.

16 de julho de 1970.

2

LIBERDADE

"A dependência de qualquer forma de imaginação subjetiva, fantasia ou conhecimento, gera o medo e destrói a liberdade."

Temos muitos assuntos para considerar, mas, em primeiro lugar, cumpre-nos examinar a fundo o que é liberdade. Se não compreenderdes a liberdade, não apenas externamente, mas sobretudo interiormente; se não a compreenderdes profunda e seriamente, não apenas com o intelecto, porém sentindo-a deveras, o que vamos dizer pouco significará.

Já estivemos considerando a natureza da mente. É a mente séria que vive verdadeiramente, que conhece a alegria de viver — e não aquela que anda meramente em busca de entretenimentos, de satisfação e preenchimento próprio. A liberdade requer o repúdio total, a total negação de toda autoridade interna, psicológica. A geração mais jovem pensa que liberdade é cuspir no rosto do policial, cada um fazer o que quer. Mas, a rejeição da autoridade externa não significa necessariamente que se está completamente livre de toda autoridade interior, psicológica. Quando compreendemos a autoridade interior, a mente e o coração ficam total e inteiramente livres; estamos então habilitados a compreender a ação externa da liberdade.

A liberdade de ação no exterior depende por inteiro de uma mente livre da autoridade interna. Esta questão exige

uma grande soma de paciente investigação e reflexão. É uma questão de primacial importância; compreendida ela, estaremos aptos a considerar outras coisas da vida e do viver diário com uma mente de todo nova.

Conforme o dicionário, a palavra "autoridade" deriva de "autor": "aquele que lança uma idéia original, que cria alguma coisa inteiramente nova". Esse homem estabelece um padrão, um sistema baseado em suas idéias; outros seguem tal sistema, nele encontrando uma certa satisfação. Ou inicia um novo modo de vida religiosa, que outros seguem cegamente, ou intelectualmente. Eis como se estabelecem os padrões ou maneiras de vida e de conduta política, psicológica — externamente e interiormente. A mente, em geral muito preguiçosa e indolente, acha mais fácil seguir o que um outro disse. O seguidor aceita a "autoridade", a fim de alcançar o que promete o seu sistema de filosofia ou de idéias; a esse sistema se apega, dele fica dependendo e, dessa maneira, confirma a autoridade. O seguidor, pois, é um ente humano sem originalidade; assim é a maioria das pessoas. Poderão pensar que têm idéias originais, na pintura, na literatura, etc., mas, essencialmente, já que estão condicionados para seguir, imitar, ajustar-se, tornaram-se entes humanos "de segunda mão", entes humanos absurdos. Este é um dos aspectos da natureza destrutiva da autoridade.

Como ente humano, estais seguindo alguém, psicologicamente? Não nos referimos à obediência externa, à observância da lei; mas, interiormente, psicologicamente, estais seguindo alguém? Se estais, nesse caso sois essencialmente um ente sem originalidade; podeis praticar boas obras, viver de maneira muito útil, mas essa vida pouco significa.

Há também a autoridade da tradição. Tradição significa: "transportar do passado para o presente" — tradição religiosa, tradição familiar, tradição racial. E há a tradição da memória. Vê-se que seguir a tradição em certos níveis tem valor; noutros níveis não tem valor algum. As boas maneiras, a cortesia, a consideração, nascidas do estado de vigilância da mente, podem converter-se gradualmente em tradição; uma vez fixado o padrão, a mente o repete: abrir a porta a outrem, ser pontual às refeições, etc. Mas, tendo-se tornado tradição, esses atos já não

procedem do estado de vigilância, de penetrante percepção, de lucidez.

A mente que cultivou a memória funciona com base na tradição; qual um computador, repete sem cessar as mesmas coisas. Jamais pode perceber uma coisa nova, ouvir uma coisa de maneira totalmente diferente. Nossos cérebros são como gravadores de fitas: certas memórias vêm sendo cultivadas há séculos e não fazemos outra coisa senão repeti-las. Em meio ao barulho dessa repetição, não podemos escutar nada novo. Assim, perguntamos "Que devo fazer?", "Como posso libertar-me do velho mecanismo, da fita velha?". O novo só pode ser ouvido quando a fita velha silencia de todo, sem nenhum esforço de nossa parte; quando somos sérios e, por conseguinte, temos interesse em descobrir, prestar atenção.

Temos, pois, a autoridade de outrem, de quem dependemos, a autoridade da tradição, e a autoridade da experiência passada, como memória, como conhecimento. Há também a autoridade da experiência presente, que reconhecemos com base nos conhecimentos acumulados no passado; e tal experiência, visto que pode ser reconhecida, não é coisa nova. Como pode uma mente, um cérebro que foi tão condicionado pela autoridade, pela imitação, pelo ajustamento, escutar uma coisa inteiramente nova? Como se pode ver a beleza do dia, com a mente, o coração e o cérebro obscurecidos pelo passado, como autoridade? Se pudermos perceber realmente o fato de que a mente está transportando a carga do passado e foi condicionada pela autoridade, sob várias formas; de que ela não é livre, sendo portanto incapaz de ver totalmente — deixaremos, então, de lado o passado, sem nenhum esforço.

A liberdade requer a total cessação de toda autoridade interna. Desse estado mental resulta uma liberdade externa toda diferente da reação de oposição ou de resistência. O que estamos dizendo é, em verdade, muito simples e, justamente por causa dessa simplicidade, pode escapar à vossa apreensão. A mente, o cérebro está condicionado por causa da autoridade, da imitação, da obediência; eis um fato. O homem realmente livre não reconhece nenhuma autoridade interior; esse homem sabe o que é amar e meditar.

Compreendendo-se a liberdade, compreende-se também o que é disciplina. Esta poderá parecer uma asserção contraditória, porque em geral pensamos que liberdade significa estar livre de toda disciplina. Qual a natureza da mente bem disciplinada? Não pode existir liberdade sem disciplina; mas isso não significa que devemos primeiro disciplinar-nos para, depois, termos liberdade. A liberdade e a disciplina se acompanham sempre, não são coisas separadas. Assim, que significa "disciplina"? Conforme o dicionário, a palavra "disciplina" significa aprender — e não, forçarmos a mente a ajustar-se a um certo padrão de ação baseado em alguma ideologia ou crença. A mente capaz de aprender é toda diferente daquela que só é capaz de ajustar-se. A mente que está aprendendo, observando, vendo realmente *o que é*, não está interpretando *o que é* em conformidade com seus desejos, seu condicionamento, seus particulares prazeres.

Disciplina não significa reprimir e controlar, nem tampouco ajustamento a um padrão ou a uma ideologia; significa que a mente vê *o que é* e aprende de *o que é*. A mente é então sobremodo desperta, vigilante. "Disciplinar-se", no sentido comum, implica uma entidade que se está disciplinando em conformidade com alguma coisa. Esse é um processo dualista. Digo entre mim: "Preciso erguer-me cedo, todas as manhãs, e deixar de ser preguiçoso" ou "Não devo deixar-me encolerizar"; um processo dualista: aquele que, por meio da vontade, procura determinar o que lhe cumpre fazer, em oposição ao que realmente faz. Nesse estado há conflito.

A disciplina imposta pelos pais, pela sociedade, pelas organizações religiosas, é ajustamento. Contra esse ajustamento vem a revolta —o pai quer obrigar o filho a fazer certas coisas, este se rebela, etc. — Tal é a vida baseada na obediência e no ajustamento; e há o contrário: rejeitar o ajustamento, para fazer o que se entende. Tratemos, pois, de descobrir qual a natureza da mente que não se ajusta, que não imita, não segue, não obedece e, contudo, é altamente disciplinada — "disciplinada", no sentido de que está constantemente aprendendo.

Disciplina é aprender, e não, ajustar-se. Ajustamento implica que me comparo com outrem, medindo o que sou ou penso que devia ser, em comparação com o herói, o santo, etc. Onde

há ajustamento, há necessariamente comparação — vede isso, por favor. Descobri se sois capaz de viver sem comparação, quer dizer, sem ajustamento. Desde a infância, somos condicionados para comparar — "Seja como seu irmão, como sua tia-avó", "Seja igual ao santo", "Siga Mao". Na educação, comparamos: nas escolas damos notas aos alunos e submetemo-los a exames. Não sabemos o que significa viver sem comparar e sem competir e, portanto, não agressivamente, não violentamente. Comparar-se com outro é uma forma de agressão e uma forma de violência. Violência não é só matar ou espancar alguém; é também espírito comparativo: "Preciso ser igual a *fulano*", ou "Preciso aperfeiçoar-me". O aperfeiçoamento próprio é a verdadeira antítese da liberdade e do aprender. Descobri por vós mesmo uma maneira de viverdes sem comparação, e vereis acontecer uma coisa maravilhosa. Se realmente vos tornardes vigilante, sem nenhuma escolha, vereis o que significa viver sem comparação e nunca mais pronunciareis as palavras "Eu serei".

Somos escravos do verbo "ser", que implica: "Serei no futuro uma pessoa importante." A comparação e o ajustamento andam sempre juntos; nada criam senão repressão, conflito, interminável sofrer. Importa, pois, descobrir uma maneira de viver, em cada dia, sem nenhuma comparação. Fazei-o, e vereis como isso é maravilhoso, como vos liberta de tantas das vossas cargas. Desse percebimento nasce uma mente sobremodo sensível e, portanto, disciplinada — que está constantemente aprendendo, não o que deseja aprender ou o que lhe dá gosto e satisfação aprender: *aprendendo*. Tornar-vos-eis, assim, cônscios do condicionamento interior causado pela autoridade, pelo ajustamento a um padrão, pela tradição e a propaganda, pelos ditos de outras pessoas, e pela experiência acumulada, vossa própria e da raça e da família. Tudo isso se tornou autoridade. Onde há autoridade, a mente não será jamais livre para descobrir o que cumpre descobrir: uma realidade eterna, inteiramente nova.

A mente sensível não está limitada por nenhum padrão fixo; acha-se em constante movimento, a fluir como um rio, e nesse movimento constante não há repressão, não há obediência, não há desejo de preenchimento. Muito importa compreender claramente, com seriedade e profundeza, a natureza da mente

que é livre e, portanto, verdadeiramente religiosa. A mente livre vê que qualquer espécie de dependência — de pessoas, de amigos, do marido ou da esposa, das idéias, da autoridade, etc. — gera medo: *esta* é a origem do medo. Se de vós dependo para ter conforto, ou como meio de fuga à minha solidão e fealdade, minha superficialidade e insignificância, essa dependência causa medo. A dependência de qualquer forma de imaginação subjetiva, fantasia ou conhecimento, gera medo e destrói a liberdade.

Ao perceberdes todas as implicações, isto é, que não há liberdade quando há dependência interior e, por conseguinte, medo; e que só uma mente confusa e sem luz é dependente, perguntais: "De que maneira posso livrar-me da dependência?" E aí está mais uma causa de conflito. Já se observardes que a pessoa dependente está necessariamente confusa; se conhecerdes esta verdade, que a pessoa que interiormente depende de qualquer autoridade só pode criar confusão; se perceberdes isso e não perguntardes de que maneira podeis livrar-vos da confusão, então deixareis de depender. Vossa mente se tornará sobremodo sensível e, portanto, capaz de aprender e de disciplinar a si própria sem nenhuma espécie de compulsão ou de ajustamento.

Está mais ou menos claro tudo isso — não verbalmente, porém de fato? Posso imaginar ou pensar que estou vendo claramente, mas essa claridade é de breve duração. A verdadeira e clara percepção só se torna possível quando não há dependência e, por conseguinte, não há a confusão oriunda do medo. Podeis, honesta e seriamente, aplicar-vos a descobrir se estais livre de qualquer autoridade? Isso requer muita investigação de vós mesmo, atenta vigilância. Daquela percepção clara provém uma ação de espécie totalmente diversa, ação não fragmentária, não dividida, política ou religiosamente; eis a ação total.

INTERROGANTE: Do que dizeis pode-se depreender que uma ação que, num ponto, pode ser considerada uma reação a uma dada autoridade externa, pode, noutro ponto, ser ação total, da parte de outro indivíduo.

KRISHNAMURTI: Intelectualmente, verbalmente, podemos competir uns com os outros, liquidar-nos mutuamente por meio

de explicações, mas isso não tem significação nenhuma; o que a vós pode parecer uma ação completa, a mim pode parecer uma ação incompleta. Não é isso o que interessa. O que interessa é ver se vossa mente, como mente humana, está atuando de maneira completa. Um ente humano pertencente ao mundo não é um indivíduo. A palavra "indivíduo" significa "indivisível". Indivíduo é um ser que não está dividido, que não é fragmentário, um ser *completo*, mental e fisicamente são; e, também, "completo" significa sagrado. Podeis dizer que sois um indivíduo, mas não o sois absolutamente. Vivei uma vida livre de autoridades, livre de comparação, e vereis como isso é maravilhoso; dispondes de uma energia tremenda quando não estais competindo, não estais comparando, não estais reprimindo; sois então uma entidade viva, sã, *completa* e, por conseguinte, sagrada.

INTERROGANTE: O que estais dizendo não me é bem claro. Que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Ou o que estou dizendo não está bem claro, ou não compreendeis bem o inglês, ou, ainda, não estais dando atenção continuada. É muito difícil sustentar a atenção durante uma hora e dez minutos; há momentos em que não se presta toda a atenção, e então dizeis: "Não entendo bem o que estais dizendo". Verificai se estais prestando constante atenção, escutando, observando, ou se andais a divagar, a "vagabundear"... Qual é o caso?

INTERROGANTE: Credes que é possível aprender continuamente?

KRISHNAMURTI: Fazendo a vós mesmo esta pergunta, já tornastes a coisa difícil. Com uma pergunta dessa natureza, estais impedindo a vós mesmo de aprender; percebeis? Não me interessa saber se posso aprender continuamente; o que me interessa é isto: Estou aprendendo? Se estou aprendendo, não me importa ver se isso está ocorrendo constantemente; não faço disso um problema. Tal pergunta não tem cabimento quando estou aprendendo.

INTERROGANTE: Pode-se aprender de qualquer coisa.

KRISHNAMURTI: Desde que se esteja cônscio de estar aprendendo. Isto é muito complexo. Vamos examiná-lo um pouco?

"Posso aprender continuamente?" Qual é aqui o fator importante — "aprender" ou "continuamente"? Naturalmente, o importante é "aprender". Quando estou aprendendo, pouco me importa "o resto do tempo" — o intervalo de tempo, etc. Só me importa aquilo que estou aprendendo. É natural a mente dispersar-se, cansar-se, tornar-se desatenta. Quando desatenta, a mente se ocupa de coisas as mais absurdas. O importante, portanto, não é "como tornar atenta a mente desatenta". O importante é que a mente se torne cônscia de estar desatenta. Estou atento, observando as coisas — o movimento das árvores, o correr das águas — e observando a mim mesmo, sem nada corrigir, sem dizer que *isto* "devia ser" ou "não devia ser" — observando, simplesmente. Quando a mente que está observando se cansa, fica desatenta e, de súbito, torna-se cônscia desse estado e tenta obrigar a si própria a prestar atenção, surge o conflito entre a atenção e a desatenção. E eu vos digo: Não façais isso, porém ficai cônscio de estar desatento; só isso.

INTERROGANTE: Podeis explicar-nos como "estar cônscio de estar desatento"?

KRISHNAMURTI: Estou aprendendo a respeito de mim mesmo (não de acordo com "tal" psicólogo ou especialista). Estou a observar-me, e vejo em mim mesmo uma certa coisa: não a condeno, não a julgo, não a ponho de lado — observo-a, apenas. Vejo que sou uma pessoa orgulhosa (isto, apenas para exemplo). Não digo: "Que coisa feia o orgulho; preciso afastá-lo" — observo-o, apenas. Observando, estou aprendendo: observar o orgulho significa aprender o que nele está latente, como se originou ele. Não posso observá-lo durante mais de cinco ou seis minutos — e isso já é muito; em seguida, torno-me desatento. Como eu estava atento e sei o que é "desatenção", luto para converter a desatenção em atenção. Não façais tal coisa, porém observai a desatenção, tornai-vos cônscio de estar desatento; só isso e nada mais. Parai aí. Não digais: "Devo passar o meu tempo atento", mas apenas notai quando estais desatento. Estender-nos mais a este respeito se tornaria muito complicado. Há na mente a capacidade de estar continuamente atenta e vigilante — vigilante, mesmo quando não há nada para aprender. Essa capacidade, a mente a possui quando está sobremodo quieta,

silenciosa. Que tem para aprender a mente que está em silêncio, cheia de claridade?

INTERROGANTE: A comunicação por meio de palavras, de idéias, não pode tornar-se um hábito, uma tradição?

KRISHNAMURTI: Só pode tornar-se hábito ou tradição quando as palavras se tornam importantes. Há necessidade de comunicação verbal, que é "ver em comum" a coisa que se está observando, por exemplo, o medo. Isso significa estarmos — vós e este que vos fala — observando, cooperando, compartilhando no mesmo nível, ao mesmo tempo, com a mesma intensidade. Nasce daí uma comunhão verbal que não é hábito.

INTERROGANTE: Como pode um indivíduo total, completo, mentalmente são — um indivíduo não fragmentado, porém "indivisível" — amar a outro? Como pode um ser humano completo amar um ser humano fragmentado? E, mais, como pode um indivíduo completo amar outro indivíduo completo?

KRISHNAMURTI: Não podeis ser completo se não sabeis o que é o amor. Se sois completo — no sentido em que estamos empregando a palavra — não há então a questão de amar a outrem. Já observastes uma flor, na margem do caminho? Ela existe, vive — banhada de sol, exposta ao vento, na beleza da luz e da cor, e não vos diz: "Vinde cheirar-me, deleitar-vos comigo, olhar-me". Ela vive, e seu próprio viver é amor.

19 de julho de 1970.

3

ANÁLISE

"A análise nunca é completa; a negação dessa ação incompleta é ação total."

É verdadeiramente importante compreender, no seu todo, o problema do viver: desde o momento de nascermos até à hora da morte nos vemos em perene conflito. Há uma luta incessante; não só dentro de nós mesmos, mas, exteriormente, em todas as nossas relações, há tensão e luta; há constante divisão e a noção de nossa existência individual separada, oposta à da comunidade. Nas relações mais íntimas, cada um busca, secreta ou abertamente, seu mesmo prazer, cada um visa seus próprios alvos, seu preenchimento — criando, dessarte, frustrações para si próprio. O que chamamos "viver" é um estado de confusão. No meio desta confusão, queremos ser criadores. Um indivíduo dotado de talento escreve um livro, um poema, pinta um quadro, etc. — tudo porém dentro do mesmo padrão de luta, angústia e desespero; e isso é o que considera um "viver criador". No viajar para a Lua, no viver no fundo do mar, no fazer guerras — em tudo se mostra esta constante e encarniçada luta do homem contra o homem. Eis a nossa vida.

Penso que devemos considerar esta questão com muita seriedade e profundeza e, se possível, descobrir o estado mental em que se está inteiramente livre de luta, tanto no nível consciente como nas camadas subconscientes.

A beleza não resulta de conflito. Quando se vê a beleza de uma montanha ou da rápida corrente d'água, nessa percepção direta não há nenhum estado de luta. Não há muita beleza em nossa vida por causa da perene batalha nela existente.

Muito releva descobrir o estado mental que é essencialmente belo e lúcido, jamais atingido pela luta; na compreensão dessa luta — não apenas no nível verbal ou intelectual, mas no viver real de cada dia — encontraremos, decerto, uma certa espécie de paz, dentro em nós mesmos e no mundo. Nesta manhã — se formos andando cautelosamente, com sensível vigilância — talvez tenhamos a possibilidade de compreender a batalha em que vivemos, e dela nos libertar.

Qual a causa básica deste conflito e contradição? Fazei a vós mesmo esta pergunta. Não tenteis formular uma explicação verbal, mas tratai, tão-só, de descobrir, não verbalmente, se possível, a base desta contradição e divisão, desta luta e conflito. Pode-se investigar analiticamente ou perceber imediatamente essa base. Analiticamente, ela poderá revelar-se pouco a pouco; desse modo, poderá descobrir-se a natureza, a estrutura, a causa e o efeito desta nossa luta interior, da luta entre o indivíduo e o Estado. Ou pode-se perceber instantâneamente a sua causa. Por essa maneira, descobre-se a causa de todo este conflito, e de pronto se percebe a verdade respectiva.

Tratemos, pois, de compreender o que significa analisar, tentar descobrir intelectualmente, verbalmente, a causa do conflito. Porque, no mesmo instante em que compreenderdes o processo analítico — em que virdes sua verdade ou falsidade — dele ficareis completamente livre, para sempre. Mas, essa compreensão significa que vossos olhos, vossa mente, e vosso coração perecebem de imediato a verdade relativa a esse "processo". A ele já nos habituamos; estamos condicionados para dependermos da análise e das conjecturas filosóficas e psicológicas dos especialistas — para procurarmos compreender o inteiro e complexo processo do viver, analiticamente, intelectualmente. Com isso não estamos advogando o contrário: a sentimentalidade ou o emocionalismo. Mas, se compreenderdes com toda a clareza a natureza e estrutura do processo analítico, tereis então uma nova visão das coisas e podereis imprimir à energia até agora aplicada à análise uma direção totalmente diferente.

Análise implica divisão — o analista e a coisa a analisar. Não importa se sois vós mesmo que vos analisais ou se é um especialista quem o faz — de qualquer maneira há divisão e, por conseguinte, já temos o começo do conflito. Só somos capazes de fazer coisas extraordinárias quando há uma grande paixão e, portanto, abundante energia; só essa paixão pode criar uma vida de espécie totalmente diferente, em nós mesmos e no mundo. Eis porque tanto importa compreender o "processo" da análise, a que a mente humana está apegada há tantos séculos.

Dentre os numerosos fragmentos em que nos achamos divididos, um assume a autoridade como "analista"; a coisa que se vai analisar é outro fragmento. Esse analista se torna o "censor"; com seus conhecimentos acumulados avalia o bom e o mau, o certo e o errado, o que deve ou não deve ser reprimido, etc. Outrossim, o analista tem o dever de fazer análises completas, senão suas avaliações, suas conclusões serão parciais. O analista tem de examinar cada pensamento — tudo o que for necessário analisar — e isso leva tempo. Pode-se passar a vida inteira analisando — se a pessoa tem dinheiro e inclinação para isso ou se apaixona pelo analista, etc. Podeis passar todos os dias da vida analisando e, no fim, vos achareis no mesmo lugar de onde saístes e com mais coisas ainda para analisar.

Já vimos que na análise há a divisão em analista e coisa analisada, e também que o analista deve analisar com muita precisão, completamente, senão suas conclusões dificultarão a próxima analise. Vimos também que o processo analítico requer um tempo infinito, durante o qual outras coisas podem suceder. Assim, ao verdes a inteira estrutura da análise, esse ver é então, na realidade, uma negação, uma rejeição dela; ver o que a análise implica é a negação dessa ação — ou seja ação completa.

INTERROGANTE: Que entendeis por ação incompleta?

KRISHNAMURTI: A ação que segue uma idéia, uma ideologia, a experiência acumulada. Essa ação visa sempre a aproximar-se do ideal, do protótipo e, por conseguinte, há separação entre ela e o ideal. Essa ação nunca é completa, jamais é completa a análise; a negação dessa ação incompleta é a ação total. Ao perceber a futilidade, a inanidade da análise, e todos os problemas a ela inerentes, a mente nunca mais se interessará nela, nunca mais quererá compreender a "verdadeira" análise.

A mente que compreendeu o processo da análise tornou-se deveras penetrante, viva, sensível, já que rejeitou essa coisa que considerávamos como o único meio e modo de compreensão.

Se virdes muito claramente, por vós mesmo — e não forçado ou compelido pelos argumentos e raciocínios de outrem — a falsidade ou a verdade em referência à análise, vossa mente se tornará então livre dela e terá a energia necessária para olhar, investigar noutra direção. Que é essa outra direção? É a percepção imediata, ou seja a ação total.

Como já vimos, há separação entre o analista e a coisa a analisar, entre o observador e a coisa observada: esta é a causa básica do conflito. Quando observamos, sempre o fazemos com base num centro, em nosso fundo de experiência e conhecimento; o "eu" — como católico, comunista ou "especialista" — está observando. Há, assim, separação entre "mim" e a coisa observada. Isso não requer muita compreensão, sendo um fato óbvio. Quando olhais uma árvore, vosso marido ou esposa, existe essa separação. Ela existe entre vós e a comunidade. Há, pois, "observador" e "coisa observada": nesta divisão produz-se, inevitavelmente, a contradição. Essa contradição é a raiz de todas as lutas.

Se se percebe que essa é a causa básica do conflito, logo se pergunta: Pode-se observar sem o "eu", o "censor", sem nenhuma de nossas experiências acumuladas, de aflição, conflito, brutalidade, vaidade, orgulho, desespero, que constituem o "eu"? Podeis observar sem o passado — memórias, conclusões e esperanças, trazidas do passado — observar sem esse fundo (*background*)? Esse fundo — sendo o "eu", o "observador" — separa-vos da coisa observada. Já alguma vez observastes sem ele? Fazei-o *agora*, por favor! — ainda que por divertimento. Olhai as coisas externas objetivamente; escutai os sons do rio, observai os contornos das montanhas, a beleza, a claridade, que vos rodeiam. Isso é relativamente fácil, sem a presença do "eu" — que é o passado — como observador. Mas, podeis olhar-vos interiormente, sem "observador"? Tende a bondade de olhar-vos — vosso condicionamento, vossa educação, vossa maneira de pensar, vossas conclusões e preconceitos — sem nenhuma espécie de condenação, explicação ou justificação — *observando*, apenas. Quando assim se observa, não há observador e, por conseguinte, não há conflito algum.

Essa maneira de vida difere totalmente da outra; não é o oposto da outra, nem uma reação a ela: é *diferente.* Nela, há liberdade infinita, abundante energia e paixão. Ela é observação total, ação completa. Quando tiverdes visto e compreendido completamente, vossa ação será sempre lúcida. É como olhar o mapa inteiro, em vez do detalhe — o lugar aonde desejais ir.

Descobris, assim, por vós mesmo, como ente humano, que é possível viver sem nenhuma espécie de conflito. Isso implica uma tremenda revolução interior. A revolução interior, completa e total, produto da compreensão do conflito causado pela divisão entre o observador e a coisa observada, faz surgir um viver de qualidade inteiramente diferente.

Agora, se vos aprouver, penetremos mais nesta matéria por meio de perguntas.

INTERROGANTE: Como podemos divorciar-nos dos problemas, se vivemos num mundo cheio de problemas?

KRISHNAMURTI: Sois diferente do mundo? Vós não sois o mundo?

INTERROGANTE: Sou uma simples pessoa que vive no mundo.

KRISHNAMURTI: "Uma simples pessoa que vive no mundo" — dissociada, desligada de tudo o que está ocorrendo no mundo?

INTERROGANTE: Não, eu faço parte dele. Mas, como posso divorciar-me dele?

KRISHNAMURTI: Não tendes nenhuma possibilidade de divorciar-vos do mundo: vós sois o mundo. Se viveis num mundo cristão, estais condicionado por sua civilização, religião, educação, por sua industrialização, etc. Não podeis de modo nenhum separar-vos desse mundo. Os monges sempre tentaram retirar-se do mundo, isolando-se em mosteiros e, todavia, eles são o resultado do mundo em que vivem; pretendem fugir dessa cultura, voltando-lhe as costas, dedicando-se ao que consideram ser a verdade, ao ideal de Jesus, etc.

INTERROGANTE: Que possibilidade tenho de examinar a mim mesmo com a mente cheia de preocupações — ganhar dinheiro, adquirir casa própria, etc.?

KRISHNAMURTI: Como encarais o vosso emprego, como o considerais?

INTERROGANTE: Como meio de subsistência, neste mundo.

KRISHNAMURTI: "Preciso de um emprego para subsistir". Toda a estrutura da sociedade, seja aqui, seja na Rússia, baseia-se no subsistir a qualquer preço, no fazer o que a sociedade determina. Como subsistir em segurança, duradouramente, quando há divisão entre nós? Quando vós sois europeu e eu sou asiático, quando há separação, cada um de nós competindo para ter segurança, para subsistir, por conseguinte a batalharmos uns contra os outros, individual ou coletivamente, como é possível a subsistência — subsistência temporária?

A verdadeira questão, pois, não é a subsistência, mas, sim, se se pode viver neste mundo sem nenhuma divisão. Quando não houver mais divisão, poderemos subsistir, a pleno, sem medo. Já houve guerras religiosas; houve guerras medonhas entre católicos e protestantes — cada uma das facções alegando "precisamos subsistir". Nunca disseram a si próprios "Como é insensata esta divisão — um crer nisto, outro crer naquilo!"; jamais perceberam eles o absurdo de seu condicionamento. Podemos aplicar toda a força de nosso pensar, de nosso sentir, de nossa paixão, em descobrir se é possível viver sem essa divisão, vale dizer, viver com plenitude e completa segurança? Mas, nada disso vos interessa. Só vos interessa subsistir.

Vede, senhores, os governos soberanos, com seus exércitos, dividiram o mundo e estão sempre a agredir-se mutuamente, a fim de manter o seu prestígio e garantir a própria subsistência econômica. Em boas mãos, e sem necessidade dos políticos, os computadores poderão alterar toda a estrutura deste mundo. Mas, nós não temos interesse na união da humanidade. Entretanto, politicamente, é este o único problema. E esse problema só será resolvido quando não houver mais políticos, nem governos soberanos, nem seitas religiosas separadas. E vós, aqui presentes, sois os homens mais aptos para resolvê-lo.

INTERROGANTE: Não é necessária uma análise consciente, para se chegar a essa conclusão?

KRISHNAMURTI: Isso é uma conclusão, um resultado de análise? Observai, simplesmente, o fato. Pode-se ver que o mundo

está dividido pelos governos soberanos e as religiões; vós podeis vê-lo; ver é análise?

INTERROGANTE: Não achais que, para alterarmos esse estado de coisas, necessitamos também de uma revolução externa?

KRISHNAMURTI: Revolução interna e externa ao mesmo tempo. Não, primeiro uma e depois a outra; as duas devem ser simultâneas. Deve ser uma instantânea revolução interior e exterior, sem se dar mais relevo a uma ou à outra. Como realizá-la? Só quando se vê esta verdade que a revolução interior é a revolução exterior. Quando a virdes de fato, e não intelectualmente, verbalmente, idealmente, a revolução se realizará. Ora, existe em vós essa interior e total revolução? Se não existe e quiserdes promover a revolução exterior, implantareis o caos no mundo. Mas — já *há* caos no mundo.

INTERROGANTE: Falais de Governos, Igrejas e Nacionalismo; eles têm isso que se chama "o poder".

KRISHNAMURTI: Os burocratas querem o poder e o têm. Não desejais exercer poder — sobre vossa esposa ou marido? Em vossas conclusões, em relação ao que pensais ser correto, há poder; todo ente humano deseja uma certa espécie de poder. Portanto, não ataqueis o poder de que outros se acham investidos, porém libertai-vos do desejo de poder existente em vós mesmo; vossa ação será então totalmente diferente. Queremos atacar o poder externo, arrancá-lo das mãos de quem o detém para dá-lo a outrem; nunca dizemos "livremo-nos de toda espécie de domínio e de posse". Se realmente aplicásseis toda a energia de vossa mente em libertar-vos de qualquer espécie de poder — quer dizer, *funcionar* sem assumirdes uma *posição* — teríeis a possibilidade de criar uma sociedade inteiramente diferente.

INTERROGANTE: Se tendes fome, não podeis sequer começar a tratar destas questões.

KRISHNAMURTI: Se vós estivésseis realmente com fome, não estaríeis aqui! Nós não estamos com fome e, portanto, dispomos de tempo para escutar e para observar. Podeis alegar que, sendo um pequeno grupo de pessoas, uma gota dágua no oceano, que podemos nós fazer? É esta uma pergunta válida, quando

nos vemos em presença do enorme e complexo problema do mundo em que vivemos? Como ente humano, como simples indivíduo, que posso fazer? Se estivésseis realmente enfrentando o problema, faríeis tal pergunta? Estaríeis, agora mesmo, trabalhando. Compreendeis, senhor? Ao dizerdes "Que posso eu fazer?" — esta pergunta já denota desespero.

INTERROGANTE: Muita gente está a morrer de fome e precisa fazer imediatamente o necessário para sobreviver. Que pode significar para eles o que se está dizendo aqui?

KRISHNAMURTI: Nada. Quando estou com fome, quero comida — e o que se está dizendo aqui tem para mim muito pouca significação. Assim, que quereis perguntar?

INTERROGANTE: Nós somos uma minoria, um grupo insignificante. A grande maioria — na Índia, na Ásia, em certas partes da Europa e da América — anda realmente faminta. Que influência pode ter em toda essa gente o que se está dizendo aqui?

KRISHNAMURTI: Isso depende de vós, do que fizerdes, mesmo como uma minoria insignificante. Uma enorme revolução ocorrerá no mundo, quando uma minoria de pessoas se tiverem transformado interiormente. Preocupado com as aflições do mundo — a pobreza, a degradação, a fome — perguntais "Que posso fazer?". O que se pode fazer é, ou aderir impensadamente a uma dada revolução externa, tentando despedaçar a atual estrutura social para criar outra de nova espécie (com o que voltarão as mesmas aflições de antes), ou considerar a possibilidade de uma revolução total — não parcial ou meramente física — na qual a psique possa atuar, numa relação inteiramente diferente com a sociedade.

INTERROGANTE: Falais como se a revolução interior se verificasse instantaneamente; é realmente assim que ela ocorre?

KRISHNAMURTI: A revolução interior depende do tempo, de uma gradual mudança interna? Eis uma questão muito complexa. Nós estamos condicionados para aceitar a idéia de que a mudança ocorrerá em virtude de uma interna e gradual revolução. Verifica-se ela (a mudança) aos poucos, gradativamente, ou *acontece* instantaneamente, ao perceber-se a verdade a seu

respeito? Ao ver-se um perigo súbito, a ação é instantânea, não? Não é gradual ou analítica; em presença do perigo, há ação imediata. Estamos a apontar-vos perigos — os perigos da análise, o perigo da sede de poder, o perigo do adiamento, da divisão. Quando se vê a periculosidade de uma coisa — não verbalmente, porém realmente, física e psicologicamente — há então ação instantânea, a ação da revolução imediata. Para verdes esses perigos psicológicos, necessitais de uma mente sensível, alertada, vigilante. Se perguntardes "Como adquirir uma mente vigilante e sensível?", vos vereis de novo às voltas com a gradualidade. Mas, se perceberdes a necessidade da revolução instantânea, tal como, em presença de um perigo, percebeis a necessidade de ação imediata — e a sociedade é um perigo, e todas as coisas que vos cercam são perigosas — haverá então ação total.

21 de julho de 1970.

4

FRAGMENTAÇÃO

> "Só nasce um problema quando se vê a vida fragmentariamente. Descobri a beleza de ver a vida como um todo."

KRISHNAMURTI: Em presença de nossos numerosos problemas, temos a propensão de resolvê-los cada um de per si. Se é um problema sexual, tratamo-lo como coisa completamente isolada dos outros problemas. O mesmo acontece em relação ao problema da violência ou da fome, problemas que procuramos resolver no campo político, econômico ou social. Não sei porque queremos resolver cada problema separadamente. O mundo está sob o império da violência; os poderes existentes procuram resolver cada problema como se estivesse separado do resto da vida. Não consideramos os problemas como um todo, cada problema em relação com outros problemas.

A violência, como podemos observá-la em nós mesmos, faz parte de nossa herança animal. Uma boa parte de cada um de nós é animal e, se não compreendemos nossa estrutura de entes humanos totais, e apenas tratamos de acabar com a violência, separadamente, daí resultará mais violência ainda. Penso que isso precisa ser compreendido claramente por cada um de nós. Há milhares de problemas, aparentemente separados, e nunca vemos que eles estão relacionados entre si e que nenhum deles pode ser resolvido isoladamente, de per si. Temos de considerar a vida como um contínuo movimento de problemas e de crises,

graves e insignificantes. Penetremos com muito cuidado nesta matéria, porque, se não for compreendida claramente, quando estivermos considerando as questões do medo, do amor, da morte, da meditação e da realidade, não compreenderemos como essas coisas possam estar relacionadas entre si. Porque a beleza da vida, o êxtase, a imensidade, não estão separados de nossos problemas diários. Se disserdes: "Só me interessa a meditação e a verdade" — nunca as descobrireis, sem a compreensão de que os problemas estão relacionados. O problema da fome, por exemplo, não pode ser resolvido isoladamente, uma vez que está em relação com as divisões nacionais, políticas, econômicas, sociais, religiosas e psicológicas — entre os homens. E temos o problema das relações pessoais, o problema do sofrimento — não apenas físico, mas também psicológico — os problemas atinentes às aflições que não só nos atingem individualmente, mas ao mundo inteiro — toda a angústia e confusão existentes no mundo. Se tentamos achar uma solução para cada problema em particular, o que fazemos é criar mais divisão e mais conflito. Se sois entes verdadeiramente sérios e amadurecidos, já deveis ter perguntado a vós mesmos por que razão a mente tenta resolver cada problema como se ele não estivesse em relação com outros problemas. Por que razão faz a mente humana essa divisão em "eu" e "meu", "nós" e "eles", religião e política, etc.? Porque essa constante divisão e tanto esforço para resolver cada problema de per si, isoladamente?

Para podermos responder a essa pergunta, cumpre-nos investigar a função do pensamento, seu significado, sua substância e estrutura; porque é possível que o próprio pensamento seja o fator da divisão e, portanto, o próprio processo de tentar uma solução por meio do pensamento, do raciocínio, seja causador de separação.

Deseja-se uma revolução física, a fim de estabelecer uma ordem melhor, esquecendo-se as conseqüências da revolução física, esquecendo-se a integral natureza psicológica do homem. É preciso, pois, fazer esta pergunta. E, de quem a resposta? Do pensamento ou da compreensão desta vasta estrutura da vida humana?

Queremos averiguar porque existe esta divisão. Dela tratamos há dias, em relação ao "observador" e à "coisa observada".

Deixemos isso de parte, e olhemo-la de diferente maneira. O pensamento cria de fato divisão? Se cria, a razão é que ele procura a solução de um dado problema separadamente de outros problemas.

Por favor, não concordeis comigo; não é caso de concordar, mas, sim, de verdes por vós mesmo a verdade ou falsidade do que se está dizendo. Não aceiteis em circunstância nenhuma e em tempo algum o que este orador diz. Aqui não há autoridade nenhuma, nem vossa, nem minha; estamos, em comum, investigando, observando, olhando, aprendendo.

Se o pensamento, por sua própria natureza e estrutura, divide a vida em tantos problemas, o procurar-lhes a solução por meio do pensamento só pode levar a uma solução isolada e, por conseguinte, tal solução cria mais confusão e mais aflição. Cumpre-nos averiguar, por nós mesmos, livremente, sem preconceitos e conclusões, se é dessa maneira que o pensamento funciona. Em geral tentamos achar a solução de um problema intelectualmente ou emocionalmente, ou dizemos que a encontramos intuitivamente. É preciso muito cuidado com esta palavra "intuição"; nela se encerra muita ilusão, porquanto a intuição pode ser ditada por nossas próprias esperanças, temores, amarguras, desejos, etc. Procuramos uma solução de ordem intelectual ou emocional, como se o intelecto fosse coisa separada da emoção, e a emoção coisa separada da reação física. Nossa educação e cultura, bem como todos os nossos conceitos filosóficos, se baseiam nessa perspectiva intelectual da vida; nossa estrutura social e nossa moralidade fundamentam-se nessa divisão.

Ora, se o pensamento divide, de que maneira o faz? Se realmente observardes isso em vós mesmo, vereis a extraordinária descoberta que fareis. Sereis a luz de vós mesmo, sereis um ente humano "integrado", e não necessitareis de ninguém para dizer-vos o que deveis fazer, o que deveis pensar, e como deveis pensar. O pensamento pode ser admiravelmente racional; ele deve raciocinar conseqüentemente, logicamente, objetivamente, sãmente; deve funcionar perfeitamente, qual um computador, trabalhando com precisão, sem atrito nem conflito. Raciocinar é necessário; a sanidade mental faz parte da capacidade de raciocinar.

Pode o pensamento, alguma vez, ser novo, puro? Todo problema humano — não problemas mecânicos e científicos — é sempre novo, e o pensamento procura compreendê-lo, procura alterá-lo, procura traduzi-lo, procura fazer alguma coisa a seu respeito.

Se sentíssemos, profundamente, amor uns pelos outros — não verbalmente, porém realmente — toda esta divisão cessaria. Isso só pode ocorrer quando não há condicionamento algum, nenhum centro, constituído pelo "eu" e o "vós". Mas o pensamento, sendo atividade do cérebro, do intelecto, é completamente incapaz de amar. O pensamento precisa ser compreendido, e perguntamos se o pensamento é capaz de ver qualquer coisa nova; ou o fato é que o "novo" pensamento é sempre velho, de modo que, ao enfrentar um problema da vida — que é sempre novo — ele não pode vê-lo como novo, porquanto tenta traduzi-lo de acordo com seu próprio condicionamento.

O pensamento é necessário, e, contudo, vê-se que o pensamento divide — "eu" e "não eu", etc.; tenta resolver o problema da violência isoladamente, não relacionado com todos os outros problemas da existência. O pensamento é sempre o passado; se não tivéssemos o cérebro, que, como um gravador de fitas, acumulou informações e experiências de toda espécie, não teríamos possibilidade de pensar ou de reagir. O pensamento, ao encontrar-se com um novo problema, não pode deixar de traduzi-lo em seus próprios termos, relativos ao passado e, por conseguinte, criar divisão.

Deixai de parte tudo o mais, por ora, e observai vosso pensar; ele é reação do passado. Se não tivésseis pensamentos, não haveria passado, vos acharíeis num estado de amnésia. O pensamento, inevitavelmente, divide a vida em passado, presente e futuro. Enquanto existir pensamento, como passado, a vida será dividida nessas seções de tempo.

Se desejo compreender o problema da violência, completamente, totalmente, de modo que a mente dela se liberte de forma total, só o compreenderei pela compreensão da estrutura do pensamento. É o pensamento que gera a violência: "minha" casa, "minha" mulher, "minha" pátria — contra-sensos! — Quem é esse "eu" permanente, oposto a tudo o mais? Qual a sua causa? A educação, a sociedade, o Governo, a Igreja? Tudo

o está causando, e eu faço parte desse todo. O pensamento é matéria; está localizado na própria estrutura, nas próprias células do cérebro e, assim, quando o cérebro funciona — psicológica, social ou religiosamente — fá-lo, necessariamente, de acordo com seu condicionamento passado. Vemos que o pensamento é de essencial importância e deve funcionar de maneira absolutamente lógica, objetiva, impessoal, e vemos, ao mesmo tempo, que ele é fator de divisão.

Não pretendo impelir-vos a concordar com o que estou dizendo, mas percebeis que o pensamento inevitavelmente divide? Notai o que acontece: vendo que o nacionalismo tem levado a toda espécie de guerras e de aflição, o pensamento diz: "Unamo-nos todos e formemos uma liga de nações". Mas o pensamento está ainda a funcionar, ainda a manter a separação — vós como italiano, conservando vossa soberania italiana, etc. Ao mesmo tempo que se fala em fraternidade, mantém-se a separação, e isso é hipocrisia. Esse jogo duplo é característico do pensamento.

Está visto, pois, que o pensamento não traz nenhuma solução, mas daí não decorre que é preciso matar a mente. Que mente é essa que vê, em sua totalidade, todos os problemas que surgem? Um problema sexual é um problema total, relacionado com a cultura, o caráter, os vários problemas da vida — e não um fragmento de problema. Que mente é essa que vê cada problema totalmente?

INTERROGANTE: Compreendi o que dissestes, mas resta uma questão.

KRISHNAMURTI: Dizeis ter compreendido o que o pensamento faz, tanto no mais alto como no mais baixo nível, mas, se há ainda outra questão, *quem* é que a apresenta? Quando o cérebro, o sistema nervoso inteiro, a mente — que abrange todo esse conjunto — diz "Compreendi a natureza do pensamento" — então o passo seguinte é este: ver se a mente pode olhar a vida, em toda a sua vastidão e complexidade, com suas aparentemente intermináveis aflições. Esta é a única questão, e não é o pensamento quem a está apresentando. A mente, tendo observado a inteira estrutura do pensamento, conhece agora o seu valor relativo; pode essa mente olhar com olhos jamais turvados pelo passado?

Esta é uma questão muito séria e não um mero passatempo. Temos de devotar nossa energia e paixão, e nossa vida, a compreendê-la, porque essa é a única solução para esta terrível brutalidade, aflição, degradação, corrupção de toda espécie. Pode a mente, o cérebro — que também se corrompeu por influência do tempo — ficar quieta, para que possa ver a vida como um todo e, por conseguinte, livrar-se de todos os problemas? Só surge um problema quando a vida é vista fragmentariamente. Descobri quanto é belo ver a vida como um todo. Quando se vê a vida como um todo, não há mais problema nenhum. Só a mente e o coração que se acham fragmentados criam problemas. O centro do fragmento é o "eu". O "eu" é criado pelo pensamento; *não tem, em si, nenhuma realidade.* O "eu" — "minha" casa, "minha" desilusão, "meu" desejo de tornar-me importante — esse "eu" é produto do pensamento, que *divide.* Pode a mente olhar sem o "eu"? Não tendo possibilidade de fazê-lo, esse mesmo "eu" diz: "Vou devotar-me a Jesus, a Buda, a isto ou àquilo" — compreendeis? — "Tornar-me-ei comunista, para dedicar-me a todo o mundo". O "eu" que se identifica com aquilo que considera "maior", é sempre "eu".

Assim, pergunta-se: Pode a mente, o cérebro, o coração, o ser inteiro, observar sem "eu"? O "eu" vem do passado; não existe "eu" do presente. O presente não pertence ao tempo. Pode a mente libertar-se do "eu", para olhar toda a vastidão da vida? Pode, sim, e de maneira completa, total, quando se compreendeu fundamentalmente, com todo o ser, a natureza do pensar. Se não tiverdes dedicado vossa atenção, tudo o que tendes, a descobrir o que é o pensar, jamais tereis a possibilidade de descobrir se é possível observar sem o "eu". Se não fordes capaz de observar sem o "eu", os problemas continuarão existentes — cada problema em oposição a outro. E posso garantir-vos que todos esses problemas cessarão quando o homem começar a viver de modo completamente diferente, quando a mente puder olhar o mundo como um movimento total.

INTERROGANTE: No começo da palestra, dissestes que gostaríeis de saber por que razão tentamos resolver os problemas separadamente. Não é a urgência uma das razões que nos impelem a resolver os problemas isoladamente?

KRISHNAMURTI: Quando vedes perigo, agis. Nessa ação não há nenhuma questão de urgência, nenhuma impaciência — a gente age. Só há "urgência" e a exigência de ação imediata quando se vê o perigo como uma ameaça ao "eu", como pensamento. Quando se vê, em seu todo, a periculosidade do pensamento, a dividir o mundo em fragmentos, esse *ver é* a urgência e a ação. Ao verdes realmente a fome, tal como existe na Índia, e ao verdes como foram criadas essas condições, a indiferença das pessoas e dos governos, a inépcia dos políticos, que deveis fazer? Atacar um dado aspecto do problema da fome, isoladamente? Ou dizeis: "Tudo isso é um fato psicológico, centralizado no "eu", que foi criado pelo pensamento"? Se esse problema, em todos os seus aspectos, é completa e totalmente compreendido — não só a fome física, mas a miséria humana decorrente da falta de amor — sabereis qual é a ação correta. A própria mudança *é* urgência; não é por causa da urgência que a mudança ocorre.

INTERROGANTE: Pareceis dizer que o pensamento deve funcionar, e ao mesmo tempo que não pode funcionar.

KRISHNAMURTI: O pensamento deve funcionar logicamente, impessoalmente e, contudo, manter-se quieto. Como pode isso verificar-se?

Vedes ou compreendeis, realmente, a natureza do pensar (não de acordo comigo ou com algum especialista) — vedes, vós mesmo, como funciona o pensamento? Ora, senhor, quando vos fazem uma pergunta sobre uma coisa com que estais perfeitamente familiarizado, vossa resposta é imediata, não? Se a pergunta é um tanto complicada, necessitais de mais tempo para responder. Quando ao cérebro se apresenta uma pergunta cuja resposta ele não pode achar, após rebuscar todas as suas lembranças e livros — então ele diz: "Não sei". Fez ele uso do pensamento para dizer "Não sei"? Ao dizerdes "Não sei", vossa mente não está a buscar, não está a esperar: a mente que diz "Não sei" é inteiramente diferente da mente que funciona com o conhecimento. Pode, pois, a mente ficar completamente livre do conhecimento, e, todavia, funcionar eficazmente no campo do conhecimento? Os dois campos não são separados. Quando se deseja descobrir uma coisa nova, cumpre rejeitar o passado.

O novo só pode manifestar-se quando se está libertado do conhecimento. Essa liberdade pode ser constante, o que significa que a mente está vivendo em completo silêncio, num estado de *não-existência*. Esse estado de não-existência e de silêncio é vasto e, dentro dele, podemos servir-nos do conhecimento — conhecimento técnico — para fins práticos. Também, de dentro desse silêncio, pode ser observado o todo da vida — sem o "eu".

INTERROGANTE: No começo da palestra dissestes que, quando se quer mudar as coisas externamente, essa ação conduz à ditadura de um grupo ou de uma pessoa. Não achais que estamos vivendo debaixo da ditadura do dinheiro e da indústria?

KRISHNAMURTI: Naturalmente. Onde há autoridade, há ditadura. Para promover-se uma mudança social, religiosa, ou humana, é necessário, primeiramente, compreender toda a estrutura do pensamento, como o "eu", que busca o poder. Pode a mente viver sem buscar o poder? Respondei, senhor.

INTERROGANTE: Não é natural buscar o poder?

KRISHNAMURTI: Decerto é "natural" — como se costuma dizer. É natural um cachorro querer dominar os outros cachorros. Mas, nós somos tidos por entes humanos cultos, educados, inteligentes, e parece que em todos estes milênios não aprendemos a viver sem essa sede de poder.

INTERROGANTE: Eu gostaria de saber se a mente é capaz de fazer uma pergunta a respeito de si própria cuja resposta ela já não conheça.

KRISHNAMURTI: Quando a mente como "eu", como pensamento separado, faz a si própria uma pergunta a seu próprio respeito, já achou a resposta, porque está falando acerca de si mesma; está tocando o mesmo sino com um badalar diferente, mas o sino é o mesmo.

INTERROGANTE: Podemos atuar sem nenhum "eu"? Isso não significa viver em contemplação?

KRISHNAMURTI: Podeis viver no isolamento, em contemplação? Quem irá dar-vos comida, roupas? Os monges e os vários impostores religiosos sempre fizeram isso. Na Índia, há gente que diz: "Eu vivo em contemplação; alimentai-me, vesti-me,

banhai-me, estou completamente desligado do mundo". Ora, isso é muito infantil. Não tendes possibilidade nenhuma de isolar-vos, já que estais sempre em relação com o passado ou com as coisas que vos cercam. Viver no isolamento, chamando a isso "contemplação", é mera fuga, automistificação.

23 de julho de 1970.

5

MEDO E PRAZER

"Se se deseja compreender e ficar livre do medo, deve-se compreender o prazer; são coisas relacionadas."

NA última reunião estivemos falando sobre a estrutura e atividades do pensamento — sobre a maneira como o pensamento divide e cria enorme conflito nas relações humanas. Nesta manhã, será oportuno considerarmos — não intelectual ou verbalmente — a natureza do prazer e do medo, e se temos possibilidade de libertar-nos totalmente do sofrimento. Nesta investigação, temos de examinar com muita atenção a questão do tempo. Uma das coisas mais difíceis é a comunicação, que não só requer precisão no emprego das palavras, mas também uma precisão de percebimento que transcenda todas as palavras, e um sentimento de íntimo contato com a realidade.

Se, escutando este orador, vos limitais a interpretar as suas palavras em conformidade com vossos gostos e aversões pessoais, sem tomardes conhecimento de vossas próprias tendências interpretativas, então a palavra se torna esta prisão em que, infelizmente, a maioria de nós estamos cativos. Mas, se a pessoa está cônscia do significado da palavra e do que atrás dela se esconde, torna-se então possível a comunicação. "Comunicação" implica, não só compreensão verbal, mas também viajar conjuntamente, examinar conjuntamente, participar conjuntamente, criar conjuntamente. Isso é muito importante, principalmente quando se está falando a respeito do sofrimento, do tempo e da

natureza do prazer e do medo. Estas são questões muito complexas. Todo problema humano é verdadeiramente complexo e requer, para sua percepção, uma certa austeridade e simplicidade. Com a palavra "austeridade" não nos referimos à rigidez ou severidade — significado comumente dado a essa palavra — a nenhuma idéia de sequidão, disciplina e controle. O que temos em mente é a austera simplicidade que deve existir no exame e na compreensão dos assuntos de que vamos tratar. A mente deve ser realmente sensível. Sensibilidade implica inteligência que ultrapassa a interpretação intelectual, que ultrapassa o emocionalismo e o entusiasmo. No examinar, no escutar, no observar e aprender a respeito do tempo, do prazer, do medo e do sofrimento, é necessária aquela sensibilidade que dá a imediata percepção de que uma coisa é verdadeira ou falsa. Tal sensibilidade não é possível, se o intelecto, em sua atividade pensante, está dividindo, interpretando. Espero tenhais compreendido o que dissemos, na última reunião, sobre como o pensamento, por sua própria natureza, divide as relações humanas — embora ele seja necessário, para o raciocínio, para o pensar são, claro e objetivo.

No que respeita à maioria de nós, o medo é nosso constante companheiro; quer a pessoa esteja cônscia dele, quer não, ele está presente em algum escuro recesso da mente; e nós estamos perguntando se é possível a mente livrar-se, completa e totalmente, dessa carga. O orador pode sugerir esta pergunta, mas a vós é que cabe responder, pois o problema é vosso; por conseguinte, deveis ser suficientemente persistente e suficientemente sutil, para o perceberdes e o seguirdes até o fim, de modo que, ao saírdes deste pavilhão, nesta manhã, vossa mente esteja deveras livre do medo. Isso talvez seja pedir muito, mas a coisa é possível. Para a mente que foi condicionada na cultura do medo, com as complicadas conseqüências neuróticas de suas ações, o simples formular da pergunta sobre a possibilidade de se ficar completamente livre do medo já é, em si, um problema. Um problema só existe quando insolúvel, quando não podemos dar cabo dele e ele volta e torna a voltar. Pensais ter resolvido a questão do medo e, entretanto, ele continua a manifestar-se em diferentes formas. Se dizeis: "É impossível livrar-nos do medo", já fechastes o caminho a vós mesmo. Devemos ter muito cuidado para não fecharmos o caminho a nós mesmos, não impe-

dirmos a nós mesmos de examinar a questão do medo até sua completa solução.

Todo estado de medo gera atividades nocivas, não só neurótica e psicologicamente, mas também exteriormente. Torna-se existente o problema da segurança, tanto física como psicológica. Prestai atenção ao que estamos dizendo, porque nós vamos examinar uma coisa que requer muita atenção — não o vosso concordar, nem vossa interpretação, porém vosso perceber e ver a coisa tal como é. Não necessitais de nenhum intérprete; examinai por vós mesmo, descobri por vós mesmo.

A maioria de nós já tivemos temores físicos, como o medo de uma doença, da ansiedade que ela inspira e da dor com que nos atenaza, ou a presença de um perigo físico. Ante um perigo físico, de qualquer espécie, sentis medo? Quando se caminha por lugares selvagens da Índia, da África ou da América, pode-se encontrar um urso, uma serpente ou um tigre; há então ação imediata —não ação consciente, deliberada, porém ação instintiva. Ora, essa ação procede do medo, ou da inteligência? Estamos tentando achar uma ação que seja inteligente, em comparação com a ação nascida do medo. Ao encontrar-nos com uma serpente, só há a instantânea reação física: fugir, suar, procurar fazer alguma coisa em face da situação. Essa é uma reação condicionada, porque há muitas gerações nos dizem que devemos ter cuidados com as serpentes, os animais selvagens. O cérebro, o sistema nervoso, reage instintivamente, para proteger-se; essa é uma reação natural, inteligente. É necessário proteger o organismo físico; a serpente representa um perigo, e a reação de proteção, frente a esse perigo, é uma ação inteligente.

Consideremos a dor física. Sofrestes dores anteriormente e tendes medo de que elas voltem. Esse medo é causado pelo pensamento, pelo pensardes numa coisa que aconteceu há um ano ou ontem, e que poderia tornar a acontecer amanhã. Examinai bem isso, observai vossas próprias reações e a natureza de vossas atividades. Aqui, o medo é produto do pensamento consciente ou inconsciente — o pensamento como tempo (não tempo cronológico), a pensar no que sucedeu e criando o medo de que torne a suceder no futuro. O pensamento é, pois, tempo. E o pensamento produz medo: "Posso morrer amanhã"; "Pode-se ficar sabendo de uma certa coisa que pratiquei no passado"

— o pensar nisso faz medo. Fizestes algo que não desejais se torne conhecido, ou desejais fazer, no futuro, uma certa coisa que não tereis possibilidade de fazer. Tudo isso é produto do pensamento como tempo.

Pode esse movimento do pensamento, que gera o medo, no tempo, e que é tempo, cessar? Compreendestes esta pergunta? Há a ação inteligente de proteção e preservação próprias, a necessidade física de sobrevivência — que é uma reação natural e inteligente. E há a outra reação: o pensamento pensar uma coisa e "projetar" a possibilidade de sua repetição no futuro, gerando, assim, medo. A questão, pois, é esta: Pode esse movimento do pensamento, tão direto, tão constante e persuasivo, cessar naturalmente? Não pela oposição; se a ele vos opondes, essa oposição é ainda produto do pensamento. Se exerceis a vontade para detê-lo, isto é ainda produto do pensamento. Se dizeis "Não quero pensar dessa maneira" — quem é a entidade que diz "Não quero"? O pensamento — na esperança de que, fazendo cessar esse movimento, alcançará uma outra coisa. Aí temos, pois, mais um produto do pensamento. O pensamento poderá "projetar" essa coisa e não ter a possibilidade de obtê-la; por conseguinte, mais uma vez, o medo.

Assim, perguntamos se toda essa atividade de pensamento, que produziu o medo psicológico — não uma só espécie de medo, mas uma multidão de espécies — pode cessar naturalmente, facilmente, sem nenhum esforço. Se se faz qualquer esforço, esse esforço é ainda pensamento e, conseqüentemente, gerador de medo. Cumpre achar uma maneira de fazer o pensamento deter-se naturalmente e não mais criar medo.

Estamos todos nós em comunicação — não apenas no nível verbal? Podeis ter percebido claramente a idéia, mas o que nos interessa não é a compreensão verbal da idéia, e, sim, o fato de terdes medo em vossa vida diária. Não nos interessa descrever a vossa vida; a descrição não é a realidade, a explicação não é a coisa explicada, a palavra não é a coisa que ela representa. Vossa vida, vosso medo não estão sendo descritos pelas palavras do orador; mas, escutando-as, cabe-vos revelar a vós mesmo o vosso medo, e ver como o pensamento gera esse medo.

Estamos perguntando se a atividade do pensamento, que gera, cria, sustenta e nutre o temor — pode cessar naturalmente,

sem a mínima resistência. Antes de podermos descobrir a verdadeira resposta, devemos examinar também o desejo de prazer; porque, aqui também, é o pensamento quem sustenta o prazer. Podeis ter fruído um momento deleitável; por exemplo, ao contemplardes, ontem, o maravilhoso pôr do Sol, sentistes um imenso deleite. Entra, então, em ação o pensamento e diz: "Como foi belo aquilo; desejo repetir essa experiência amanhã." A coisa é a mesma, quer se trate do pôr do Sol, quer se trate de uma lisonja que ouvistes, de uma experiência sexual, de algo que conseguistes e sentis necessidade de conservar porque vos dá prazer. Há o prazer derivado das próprias realizações, do próprio sucesso, o prazer da expectativa do que pretendeis fazer amanhã, da repetição de algo que experimentastes, sexualmente, ou artisticamente.

A moralidade social está baseada no prazer e, por conseguinte, não é moralidade; a moralidade social é imoralidade. Mas isso não significa que, se nos revoltarmos contra a moralidade social, nos tornaremos morais. Se se deseja compreender e ficar livre do medo, deve-se também compreender o prazer; são duas coisas relacionadas. Com isso não quero dizer que devemos renunciar ao prazer. As religiões organizadas — que sempre foram a praga da civilização — determinam que devemos abster-nos do prazer, do sexo, aproximar-nos de Deus como entes humanos torturados. Determinam que não olhemos para uma mulher ou qualquer coisa que nos lembre o sexo, etc. Dizer que não devemos ter prazer é dizer que não devemos ter desejo. Assim, ao apresentar-se o desejo, abrimos a Bíblia, para fazê-lo desaparecer; ou repetimos certas palavras do Gita. Puro contra-senso!

O medo e o prazer são as duas faces de uma mesma moeda; não podemos livrar-nos de um sem nos livrarmos do outro também. Desejais ter prazer toda a vossa vida e ao mesmo tempo estar livre do medo; só isso vos interessa. Mas, não percebeis que, se vos for negado o prazer de amanhã, vos sentireis frustrado, não preenchido, irritado, ansioso, "culpado" — terão começo todas as aflições psicológicas. Assim, tendes de olhar o medo e o prazer conjuntamente. Para compreenderdes o prazer, cumpre também compreender o que é alegria. Prazer é alegria? A alegria de existir não é uma coisa totalmente diferente do prazer?

Já perguntamos se o pensamento, com suas atividades geradoras e mantenedoras do medo e do prazer, pode cessar, naturalmente e sem esforço algum. Há os temores inconscientes, que têm uma influência muito maior em nossa vida que os temores de que estamos conscientes. Como iremos descobrir esses temores inconscientes — expô-los à luz? Por meio da análise? Se disserdes "Vou analisar os meus temores", que é, então, o analista? Não é ele próprio uma parte, um fragmento do temor? Portanto, a análise de vossos próprios temores não terá valor nenhum. Ou se procurais um analista, este, tal como vós, está também condicionado — por Freud, por Jung ou Adler: ele faz a análise de acordo com seu condicionamento e, por conseguinte, não vos ajuda a livrar-vos do medo. Como dissemos anteriormente, a análise é a negação da ação.

Sabendo que a análise é sem valor, como ireis descobrir o medo inconsciente? Se disserdes "Examinarei os meus sonhos" — torna a surgir o mesmo problema. Quem é a entidade que irá examinar os sonhos? Um fragmento, dentre inúmeros fragmentos. Assim, cabe-vos fazer uma pergunta inteiramente diferente: "Porque é que sonho?" — Os sonhos são meramente a continuação das atividades do dia; está sempre havendo ação, de uma ou de outra espécie. Como pode essa atividade ser compreendida e terminar? Isto é, pode a mente, durante o dia, manter-se tão desperta que seja capaz de observar todas as suas "motivações", todos os seus impulsos, todas as suas complexidades, seus orgulhos, suàs ambições e frustrações, sua necessidade de preenchimento, de se tornar "importante", etc.? Pode todo esse movimento do pensamento durante o dia ser observado sem o "observador"? Porque se há um observador observando, esse observador faz parte do pensamento, que se separou e atribuiu a si próprio autorização para observar.

Se observardes durante o dia o movimento de vossas atividades, de vossos pensamentos e sentimentos, sem interpretação, vereis que os sonhos são muito pouco significativos. E, então, provavelmente nunca mais tornareis a sonhar. Se, durante as horas do dia, estiverdes desperto, e não meio-acordado, meio-dormindo, se não vos achais enredado em vossas crenças, vossos preconceitos, vossas mesquinhas e absurdas vaidades, vossos insignificantes conhecimentos, vereis que não só terminam os sonhos, mas também o próprio pensamento começa a quietar-se.

O pensamento está sempre a buscar alguma coisa, a sustentar o medo ou a evitá-lo; produz, também, o prazer, pelo nutrir continuamente a lembrança de uma experiência aprazível. Vemo-nos aprisionados nessa rede do medo e do prazer, fatores de sofrimento; como pode isso terminar? Como poderá a maquinaria do pensamento, que produz todo esse movimento de prazer e de medo — deter-se, naturalmente? Eis o problema. Que cumpre fazer? Abandonar esse movimento, ou continuar a viver como antes, entre o prazer e a dor? — e essa é a própria característica da mente medíocre, pois é próprio da mente medíocre viver enredada no medo e no prazer. Enfrentai este problema. Como ireis resolvê-lo? Vós tendes a obrigação de resolvê-lo, se desejais uma vida de espécie totalmente diferente, uma sociedade diferente, uma nova moralidade; tendes de resolver este problema. Se sois jovem, podeis dizer "Ele é sem importância", "Continuarei a ter o prazer "do momento", o medo "do momento". Mas, ainda assim, o problema se irá desenvolvendo, e um belo dia nele vos vereis completamente enredado. É vosso problema, e nenhuma autoridade pode resolvê-lo para vós. Já tivestes autoridades — os sacerdotes e as autoridades psicológicas — e eles não foram capazes de resolvê-lo; deram-vos meios de fuga — drogas, crenças, ritos. Tudo isso vos ofereceram, mas jamais resolveram o problema básico do medo e do prazer. Cabe-vos resolvê-lo. Como? Que ides fazer? Aplicai-lhe a vossa mente, já que ninguém pode resolvê-lo para vós. Ao compreenderdes que ninguém pode resolvê-lo para vós, já estais começando a livrar-vos da mediocridade.

A menos que resolvais esse problema do medo e do prazer, é inevitável o sofrimento — não só vosso sofrimento pessoal, mas também o "sofrimento do mundo". Sabeis o que é o sofrimento do mundo? Sabeis o que está acontecendo no mundo? Não exteriormente — as guerras, os malfeitos dos políticos — mas interiormente, a medonha solidão do homem, suas profundas frustrações, a total falta de amor que se observa neste mundo tão vasto, impiedoso, endurecido. Se não for resolvido este problema, o sofrimento é inevitável. O tempo não o resolverá. Não podeis dizer: "Pensarei nisto amanhã", "Quero fruir o prazer do momento, ainda que acompanhado de medo", "Tudo suportarei". Quem vai dar-vos a solução? Levantada esta questão e vendo-se sua enorme complexidade e que nenhum poder

humano nem divino resolverá este problema essencial, qual a vossa reação? Que dizeis vós, senhores? Não podeis responder, podeis? Se sois verdadeiramente honestos, se não sois hipócritas ou não estais tentando esquivar-vos, ao defrontar-vos com este problema, que é o problema decisivo — nenhuma resposta tendes. Assim, como descobrir a maneira de pôr-lhe fim, naturalmente? — sem se fazer uso de nenhum método, porque todo método, obviamente, exige tempo. Se alguém vos dá um método, um sistema, e o pondes em prática, ele tornará vossa mente cada vez mais mecânica e criará cada vez mais conflito entre *o que é* e o sistema. O sistema promete um certo resultado, mas o fato é que continuais com medo; praticando o sistema, estais a afastar-vos cada vez mais de *o que é*; por conseguinte, o conflito aumenta, consciente ou inconscientemente. Assim sendo, que podeis fazer?

Agora, que sucedeu à mente, depois de escutar o que se disse, não se limitando a ouvir palavras, mas *escutando*, compartilhando, comungando, aprendendo? Que sucedeu à vossa mente, após *escutar* com intensa atenção a complexidade do problema, percebendo seus próprios temores e vendo que o pensamento gera e nutre tanto o medo como o prazer, que sucedeu à mente que assim escutou? Essa mente é agora de todo diferente do que era no início desta palestra, ou é ainda a mesma mente "repetitiva", enredada no prazer e no medo? Possui ela agora uma nova capacidade ? É ela agora uma mente que não está dizendo "Temos de pôr fim ao medo ou ao prazer", porém uma mente que está aprendendo pela observação? Não se tornou vossa mente um pouco mais sensível? Antes, íeis levando esta carga de medo e de prazer; e agora, conhecendo o peso da carga, não vos livrastes dela com toda a facilidade? Não a deixastes cair e, por conseguinte, estais agora andando muito cautelosamente?

Se realmente seguistes o que se disse, simplesmente a observar — não por efeito de determinação ou esforço — vossa mente se tornou sensível e, por conseguinte, muito inteligente. A primeira vez que o medo surgir — e ele surgirá — a inteligência reagirá, mas não "em termos de" prazer, repressão ou fuga. Essa inteligência ou sensibilidade nasceu do observar e do depor a carga. Ela se tornou sumamente viva; é capaz de fazer uma pergunta completamente diferente, ou seja: Se o

prazer não é a norma da vida, como sempre foi para a maioria de nós, a vida é então estéril? Quer dizer, não posso fruir as delícias da vida?

Não há diferença entre prazer e alegria? Antes, estivestes vivendo pela norma do prazer e do medo — do prazer "do momento", sexo, bebida, matar um animal para comer-lhe a carne, etc. Foi sempre esta a vossa norma de vida e, agora, descobris subitamente que o prazer não é de modo nenhum o caminho certo, porquanto conduz ao medo, à frustração, à aflição, à tristeza, a perturbações sociais e pessoais, etc. Assim, fazeis agora uma pergunta muito diferente: "Existe uma alegria não contaminada pelo pensamento e pelo prazer?" Porque, se contaminada pelo pensamento, ela se tornará prazer e, portanto, medo. Assim, compreendidos o prazer e o medo, existe uma maneira de viver, em cada dia, com alegria — e não a transportar o prazer e o medo de dia para dia? — Olhar aquelas montanhas, a beleza do vale, a luz a brilhar nos montes, nas árvores, no rio que corre, e sentir deleite nisso — sem dizerdes "Que coisa maravilhosa!", sem o pensamento a servir-se dela como meio de prazer.

Podeis olhar para aquela montanha, para o movimento de uma árvore, para o rosto de uma mulher ou de um homem, e achar nisso um extraordinário deleite. Isso, uma vez ocorrido, está acabado. Mas, se o transportardes no pensamento, começa então a dor e o prazer. Podeis olhar dessa maneira e dar a coisa por acabada? Prestai muita atenção a isso. Podeis olhar para aquela montanha e bastar-vos esse deleite? Não o levardes em pensamento para amanhã, por perceberdes quanto isso é perigoso? Podeis experimentar um grande prazer e dizer: "Acabou!" — mas, acabou de fato? Não está a mente, consciente ou inconscientemente, a pensar nessa experiência, a desejar que se repita?

Vedes, pois, que o pensamento não tem absolutamente nada em comum com a alegria. Eis um importantíssimo descobrimento feito por vós. Não se trata de uma coisa que vos disseram, de uma coisa escrita e interpretada para vós. Há enorme diferença entre deleite, alegria e bem-aventurança, a um lado, e o prazer, a outro lado.

Não sei se alguma vez notastes que os primitivos quadros religiosos do mundo ocidental evitavam toda espécie de prazer dos

sentidos; neles não se vêem paisagens — só o corpo humano torturado, ou a Virgem Maria, etc. Não há, naqueles quadros, paisagens, porque dá prazer vê-las e isso poderia desviar o interesse da pessoa na figura e seu simbolismo. Só muito mais tarde introduziram-se as paisagens, coisas que na China e na Índia sempre fizeram parte da vida.

Podeis observar tudo isso e encontrar a beleza do viver sem esforço, do viver num grande êxtase, sem nenhuma ingerência do prazer, do pensamento e do medo.

INTERROGANTE: Quando sonho, às vezes vejo algo exatamente como vai acontencer no futuro. Sonhei que vos vi entrar neste salão, pendurar ali a capa e ajustar o microfone. Isso foi, positivamente, um sonho com uma coisa que ia acontecer na manhã seguinte.

KRISHNAMURTI: Como explicar isso? — Em primeiro lugar, porque atribuís tanta importância ao que vai acontecer no futuro? Porquê? Os astrólogos, os adivinhos, os quiromantes — quantas coisas maravilhosas vos prometem esses homens! Porque tanto interesse no futuro? Porque não vos interessa o viver real de cada dia, que tantos tesouros encerra — e não os vedes? Ora, depois de terdes escutado o que aqui se disse, a mente se tornou sensível em certo grau — não digo completamente sensível, porém "sensível num certo grau" — e, naturalmente, capaz de observar mais, seja do amanhã, seja do hoje. Isso é como olhar para baixo, de um avião, e ver dois barcos que se aproximam um do outro de diferentes direções, no mesmo rio; vê-se que eles se encontrarão num certo ponto — e isso é o futuro. A mente, tendo-se tornado um pouco mais sensível, pode estar cônscia de coisas que poderão acontecer amanhã, bem como daquelas que estão ocorrendo agora. Em geral damos enorme importância ao que vai acontecer amanhã, e tão pouca ao que está acontecendo agora! Mas, se aprofundardes bem esta matéria, descobrireis que nada *acontece*: todo *acontecimento* é uma parte da vida. Porque desejais qualquer experiência? A mente que é sensível, ativa, completamente lúcida, tem ela necessidade de "experiência"? Respondei vós mesmo a esta pergunta.

INTERROGANTE: Dizeis-nos que observemos nossas ações na vida de cada dia, mas quem é a entidade que decide sobre o

que se deve observar, e quando? Quem é que decide que devemos observar?

KRISHNAMURTI: Vós "decidis" observar? Ou simplesmente observais? Tomais a decisão e dizeis "Vou observar e aprender"? Porque, nesse caso, pergunta-se "Quem é que está decidindo?" A vontade, que diz "Devo"? E, quando ela falha, ela se disciplina, a dizer "devo, devo, devo"; nisso há conflito; por conseguinte, o estado da mente que decidiu observar não é de modo nenhum um estado de observação.

Ides caminhando pela estrada, alguém passa por vós e o observais, e provavelmente dizeis para vós mesmo: "Como é feio; que cheiro ele tem; ele não devia fazer isto ou aquilo." Estais cônscio de vossas reações àquele passante, estais cônscio de que estais julgando, condenando ou justificando; estais observando. Não dizeis "Não devo julgar, não devo justificar". Pelo fato de estardes cônscio de vossas reações, não há decisão nenhuma. Vedes alguém que ontem vos insultou. Logo vos ouriçais todo, ficais nervoso ou ansioso, começais a detestar; ficai cônscio de vossa aversão, ficai cônscio de tudo o mais, não "decidais" ficar cônscio. Observai, e nessa observação não haverá "o observador" nem "coisa observada" — só haverá observação. Só existe o "observador" quando, na observação, acumulamos; Se dizeis: "Ele é meu amigo porque me disse coisas lisonjeiras", ou "Ele não é meu amigo, porque falou mal de mim ou disse-me alguma verdade de que não gosto" — isso é acumulação por meio da observação, e essa acumulação é o observador. Quando observamos sem nenhuma acumulação, não há julgamento. Isso podeis fazer a todas as horas; nessa observação, naturalmente, tomam-se certas decisões definidas, mas tais decisões são resultados naturais e não decisões tomadas pelo observador que acumulou.

INTERROGANTE: Dissestes, no começo, que a reação instintiva de autoproteção, diante de um animal selvagem, é inteligência, e não medo, e que o pensamento que gera medo é inteiramente diferente.

KRISHNAMURTI: Não são diferentes? Não vedes a diferença entre o pensamento que gera e nutre o medo, e a inteligência que diz "Cuidado!" O pensamento criou o nacionalismo, o

preconceito racial, a aceitação de certos valores morais; mas o pensamento não vê a periculosidade dessas coisas. Se a visse, haveria então a reação, não de medo, mas da inteligência, reação que seria idêntica à do encontro com uma serpente. Diante da serpente, há uma reação natural de autoproteção; diante do nacionalismo, que é produto do pensamento, que separa os homens, e é uma das causas da guerra, o pensamento não vê o perigo.

26 de julho de 1970.

6

A ATIVIDADE MECÂNICA DO PENSAMENTO

"A mente que compreendeu o inteiro movimento do pensamento torna-se sobremodo quieta, absolutamente silenciosa."

Estivemos falando sobre a importância do pensamento e ao mesmo tempo de sua não importância; de como o pensamento é capaz de enorme atividade e, dentro de seu próprio campo, só tem liberdade limitada. Falamos também acerca de um estado mental totalmente descondicionado. Nesta manhã, podemos considerar esta questão do condicionamento — não apenas o condicionamento cultural, superficial, mas também considerar porque há condicionamento. Podemos investigar a natureza da mente não condicionada, da mente que transcendeu todo condicionamento. Cumpre-nos penetrar bem fundo nesta questão, a fim de descobrirmos o que é o amor. E, compreendendo o que é o amor, estaremos aptos a compreender a pleno o significado da morte.

Assim, em primeiro lugar, tratemos de averiguar se a mente pode tornar-se total e completamente livre de condicionamento. É bem óbvio que somos condicionados superficialmente pela cultura, pela sociedade, pela propaganda de que nos vemos rodeados, e também pela nacionalidade, por determinada religião, pela educação e pelas influências ambientes. Parece-me bastante fácil e simples ver como a maioria dos entes humanos, de todos os

países e raças, estão condicionados pelas respectivas culturas e religiões. São eles moldados e mantidos dentro de um determinado padrão. Esse condicionamento é bastante fácil de rejeitar.

Mas, há o condicionamento mais profundo, como, por exemplo, uma atitude agressiva perante a vida. A agressividade implica tendência de domínio, busca de poder, de posses, de prestígio. Para nos libertarmos desse condicionamento, temos de mergulhar bem fundo em nós mesmos, porquanto ele é muito sutil e multiforme. Pode uma pessoa julgar que não é agressiva, mas, se declarada ou não declaradamente, ela tem algum ideal, ou opinião, ou escala de valores, existe então uma tendência para a arrogância, que se tornará gradualmente agressiva e violenta. Qualquer um pode observar isso em si mesmo. Atrás da própria palavra "agressividade" — ainda que a pronunciemos muito docemente — há um certo impulso, uma atividade furtiva e predominante, imperiosa, a qual se torna cruel e violenta. Esse condicionamento agressivo precisa ser descoberto, para vermos se o herdamos do animal ou se nos tornamos agressivos pelo prazer de nos impormos aos outros, de tomar-lhes a frente.

Outra forma de condicionamento é o que resulta da comparação: "comparamo-nos" com aquilo que consideramos nobre ou heróico, com o que gostaríamos de ser, em oposição ao que realmente somos. A atividade comparativa é uma forma de condicionamento; essa atividade, por sua vez, é extremamente sutil. Comparo-me com alguém que é um pouco mais inteligente ou fisicamente mais belo do que eu. Secreta ou abertamente, há, em vosso interior, um constante monólogo de caráter comparativo. Observai isso em vós mesmo. Onde há comparação, há sempre uma certa forma de agressividade, uma determinação de conseguir o que queremos, e, quando não o conseguimos, um sentimento de frustração, de inferioridade. Desde a infância somos condicionados para comparar. Nosso sistema educativo baseia-se na comparação — dar notas, fazer exames. Quando nos comparamos com alguém que é mais inteligente, sentimos inveja, despeito, e segue-se o conflito. Comparação implica medida; estou a medir-me, em comparação com uma coisa que se me afigura melhor ou mais nobre.

Pergunta-se: "Pode a mente libertar-se desse condicionamento social e cultural, desse medir e comparar, do condiciona-

mento de medo, de prazer, de recompensa e de castigo? Nossas estruturas morais e religiosas baseiam-se totalmente nesse condicionamento. Por que razão somos condicionados? Vemos as influências externas que nos estão condicionando e, interiormente, a "voluntária necessidade" de sermos condicionados. Porque aceitamos tal condicionamento? Porque se deixou a mente condicionar? Qual o fator que está atrás de tudo isso? Por que razão eu, nascido num certo país, numa certa cultura, que me denomino hindu, com toda a carga de superstição e tradição imposta pela família, pela sociedade — por que razão aceito esse condicionamento? Qual o impulso existente atrás disso? Qual o fator que constantemente exige, aceita, cede ou resiste a esse condicionamento? Vemos que desejamos estar em segurança, numa sociedade que está seguindo determinado padrão. Se não observamos esse padrão, podemos perder nosso emprego, ficar sem dinheiro, não sermos considerados entes humanos respeitáveis. Contra ele nasce a revolta, e essa revolta forma o seu peculiar condicionamento — como está acontecendo com a maioria dos jovens, hoje em dia. Devemos descobrir esse impulso que nos faz ajustar-nos a um padrão. A menos que, por nós mesmos, o descubramos, permaneceremos condicionados, de uma ou de outra maneira, positiva ou negativamente. Do nascimento à morte, vemos esse processo continuamente em vigor. Pode uma pessoa revoltar-se contra ele, buscar refúgio noutro condicionamento, recolher-se a um mosteiro, como fazem certos indivíduos que devotam sua vida à contemplação, à filosofia, mas o movimento é sempre o mesmo. Que mecanismo é esse que se acha em constante movimento, ajustando-se a diferentes formas de condicionamento?

O pensamento está perpetuamente condicionado, já que é reação do passado, como memória. O pensamento é sempre mecânico; facilmente deixa-se cair num padrão, numa rotina; e pensais, então, estar em extraordinária atividade — na rotina católica, na rotina comunista, ou noutra qualquer. Essa é a coisa mais fácil e mecânica que se pode fazer; e pensamos estar vivendo! Assim, embora o pensamento desfrute, em seu próprio campo, uma certa e limitada liberdade, tudo o que ele faz é mecânico. Afinal de contas, uma viagem à Lua é uma coisa perfeitamente mecânica, já que é o resultado da ciência acumulada pelos séculos em fora. O cultivo do pensamento técnico

pode levar-vos à Lua ou ao fundo do mar, etc. A mente quer estar seguindo uma rotina, quer ser mecânica, pois assim há proteção, segurança, e não há perturbações. O viver mecanicamente não é apenas estimulado pela sociedade, mas também por cada um de nós, porque esta é a maneira mais fácil de viver.

Assim, o pensamento, sendo uma atividade mecânica, "repetitiva", aceita qualquer forma de condicionamento que lhe possibilite continuar em sua atividade mecânica. Um filósofo inventa uma nova teoria, um economista um novo sistema — e aceitamos tal rotina e ficamos a segui-la. Nossa sociedade, nossa cultura, nossas inspirações religiosas, tudo parece funcionar mecanicamente, embora nos proporcione uma certa e estimulante sensação. Quando ides à missa, encontrais um determinado enlevo, uma certa emoção, que se torna o padrão. Não sei se alguma vez experimentastes esta coisa — fazei-a, uma vez, para verdes como é "engraçada": pegai um pedaço de pau ou uma pedra — qualquer uma serve, desde que tenha alguma forma — colocai-a sobre a lareira e todas as manhãs depositai a seu lado uma flor; dentro de um mês vos tereis habituado a ver essa coisa como um símbolo religioso e já começastes a indentificar-vos com ela.

O pensamento é reação do passado. Se uma pessoa aprendeu engenharia, como profissão, pode aumentar e ajustar esse conhecimento, mas ficará fixada nesse ramo de atividade; a mesma coisa, se a pessoa se formou em medicina, etc. O pensamento tem uma certa liberdade dentro de um dado campo, mas fica sempre limitado a seu funcionamento mecânico. Estais vendo isso, não apenas verbal ou intelectualmente, porém de fato? Estais tão cônscio disso como estais cônscio de ouvir aquele trem? (*barulho de um trem que passa*).

Pode a mente libertar-se dos hábitos que cultivou, de certas opiniões, juízos, atitudes e valores? Quer dizer, pode a mente libertar-se do pensamento? Se isso não ficar bem compreendido, então o que vou dizer sobre o próximo assunto que vamos examinar, nada significará. A compreensão deste ponto conduz, inevitavelmente, à seguinte questão: Se o pensamento é mecânico, se conduz forçosamente ao condicionamento da mente, que é então o amor? O amor é produto do pensamento? É o amor nutrido, cultivado, pelo pensamento, dependente do pensamento?

Que é o amor? — mas, tenha-se em mente que a descrição não é a coisa descrita, a palavra não é a coisa. Pode a mente libertar-se da atividade mecânica do pensamento, a fim de descobrir o que é o amor? Para a maioria de nós, o amor está associado, ou igualado ao sexo. Essa é uma forma de condicionamento. Ao investigardes essa coisa realmente tão complexa, intricada e sumamente bela, deveis ver o quanto a palavra "sexo" condicionou a mente.

Dizemos que não queremos matar, que não iremos para o Vietnã ou outro lugar, para matar gente; mas não nos importamos de matar animais. Se vós mesmo tivésseis de matar um animal, para vossa alimentação, e vísseis quanto isso é horrível, seríeis capaz de comer esse animal? Duvido muito. Mas não vos importais que o carniceiro o mate, para vós o comerdes; quanta hipocrisia!

Perguntamos, pois, não só o que é o amor, mas também o que é a compaixão. Na cultura cristã, os animais não têm alma, foram postos na Terra por Deus, para vós os comerdes; tal é o condicionamento cristão. Em certas partes da Índia, é pecado matar — matar uma mosca, um animal, qualquer ser. Lá, portanto, não matam o mais insignificante inseto, vão ao extremo do exagero; esse é o condicionamento deles. E há os que são contra a vivissecção e, contudo, ostentam suntuosos casacos de peles — a mesma hipocrisia por toda a parte!

Que significa ser compassivo? Ser compassivo, não apenas verbalmente, mas de fato? A compaixão é questão de hábito, de pensamento, questão de repetição mecânica da ação bondosa, cortês, delicada, terna? Pode a mente, que se acha toda entregue à atividade do pensamento, com seu condicionamento, sua repetição mecânica, ser compassiva, por pouco que seja? Poderá falar de compaixão, aprovar a reforma social, ser generosa para com os "pobres pagãos", etc.; mas, isso é compaixão? Quando o pensamento dita, quando o pensamento está ativo, pode haver algum lugar para a compaixão? — sendo a compaixão ação sem motivo, sem interesse egoísta, sem nenhuma idéia de medo, nenhuma idéia de prazer.

Assim, pergunta-se "O amor é prazer?" — o sexo, decerto, é prazer. Nós achamos prazer na violência, achamos prazer em realizar alguma coisa importante, na arrogância, na agressividade.

Achamos também prazer em ser "importantes". E tudo isso é produto do pensamento, produto da medição: "Eu fui aquilo" e "Eu serei isto". O prazer (no sentido em que dele estamos falando) é amor? Como pode a mente que se acha toda entregue ao hábito, à medição e à comparação, saber o que é amor? Podemos dizer que o amor é isto ou aquilo — mas tudo isso é produto do pensamento.

Dessa observação vem a questão: Que é a morte? Que significa isto — morrer? Morrer deve ser a mais maravilhosa das experiências! Deve significar que uma coisa chegou completamente a seu fim. O movimento que fora desencadeado — conflito, luta, confusão, desesperos e frustrações — cessou subitamente. A atividade do homem que quer tornar-se famoso, que é arrogante, violento, brutal — essa atividade é interrompida. Já notastes que tudo o que tem continuidade psicológica se torna mecânico, "repetitivo"? Só quando cessa a continuidade psicológica, surge alguma coisa totalmente nova; isso podeis observar em vós mesmo. Criação não é a continuidade do que *é* ou do que *foi*, mas o findar dessa continuidade.

Ora, pode-se morrer psicologicamente? Entendeis esta pergunta? Podeis morrer para o conhecido, morrer para o que *foi* — não com o fim de vos tornardes outra coisa — sendo esse morrer o fim do conhecido, a libertação do conhecido? Afinal de contas, a morte é isso.

O organismo físico, naturalmente, morrerá; dele se abusou, foi submetido a maltratos e frustrações; comeu e bebeu coisas de toda espécie. Vós sabeis de que maneira viveis, e pelo mesmo caminho continuareis até ele (o organismo físico) perecer. O corpo, por motivo de acidente, de velhice, de doença, da tensão da constante batalha emocional, no interior e no exterior, se deforma, torna-se feio, e morre. Nesse morrer há autocompaixão, e ela existe também quando outra pessoa morre. Quando morre alguém que pensamos amar, não há em nossa tristeza uma grande porção de medo? Porque nos vemos sós, abertos a nós mesmos, sem ninguém para nos amparar, nos dar conforto. Nossa tristeza é toda mesclada dessa autocompaixão e desse medo e, naturalmente, nessa incerteza, aceitamos qualquer espécie de crença.

A Ásia inteira crê na reencarnação, no renascer em outra vida. Se indagamos o que é que vai renascer na próxima vida, deparam-se-nos dificuldades. Que é que vai renascer? Vossa pessoa? Que sois vós? — um monte de palavras, de opiniões, apego a vossas posses, a vossos móveis, vosso condicionamento. Esse monte de coisas, que chamais vossa alma, vai renascer na próxima vida? Reencarnação implica que o que hoje sois determina o que sereis na próxima vida. Portanto, comportai-vos bem! — não amanhã, mas hoje, porque pelo que hoje fazeis ides pagar na próxima vida. Os que crêem na reencarnação pouco se importam com seu comportamento; trata-se de uma mera crença, sem valor nenhum. Reencarnai-vos hoje, renovai-vos hoje, e não na próxima vida! Mudai completamente *esta vida*, agora; mudai-a com uma grande paixão, fazei a mente despojar-se de todas as coisas, de todos os condicionamentos, de todos os conhecimentos, de tudo o que pensar ser "correto"; esvaziai-a. Sabereis então o que significa morrer; sabereis então o que é o amor. Porque o amor não pertence ao passado, ao pensamento, à cultura; não é, tampouco, prazer. A mente que compreendeu o inteiro movimento do pensamento se torna sobremodo quieta, absolutamente silenciosa. Esse silêncio é o começo do novo.

INTERROGANTE: Senhor, pode o amor ter objeto?

KRISHNAMURTI: *Quem* está fazendo essa pergunta? O pensamento ou o amor? Não é o amor. Quando amais, amais! — não perguntais: "Existe objeto ou nenhum objeto, o amor é pessoal ou impessoal?". Oh! vós não sabeis o que ele significa, não conheceis a sua beleza. O amor, tal como o conhecemos, é um tormento, nossas mútuas relações, um medonho conflito. Nosso amor está baseado na imagem que tendes de mim, e na imagem que tenho de vós. Olhai-o mui atentamente, olhai a relação existente entre essas duas imagens isoladas, que dizem uma para a outra "Nós nos amamos". As imagens são produto do passado, das lembranças, lembranças do que me dissestes e do que eu vos disse. Essa relação entre as duas imagens há de ser, forçosamente, um processo de isolamento. Eis o que chamamos "relação". Estar em relação significa "estar em contato" — não apenas fisicamente — e esse contato não é possível quando existe alguma imagem, quando há o processo de auto-

-isolamento do pensamento, que é o "eu" e o "vós". Perguntamos "Tem o amor algum objeto? É o amor divino ou profano?" — Senhor, quando amais, não estais dando nem recebendo.

INTERROGANTE: Quando penetramos as palavras "beleza" e "amor", não desaparecem todas essas divisões?

KRISHNAMURTI: Alguma vez estivestes sentado, não a sonhar acordado, porém muito quieto e plenamente desperto? Nessa vigilância, não há verbalização, não há escolha, nem repressão ou diretriz. Quando o corpo está inteiramente descontraído, já notastes o silêncio que vem? Esta questão requer muita investigação, porque nossa mente nunca está quieta, está sempre a fazer barulho e, por conseguinte, dividida. Nós dividimos a vida em fragmentos.

Pode essa fragmentação terminar? Sabendo que o pensamento é o responsável por ela, perguntamos "Pode o pensamento tornar-se completamente silencioso e, todavia, reagir, quando necessário, sem violência, objetivamente, sãmente, racionalmente — deixando, ao mesmo tempo, predominar esse silêncio? Este é o único caminho a seguir: descobrirdes por vós mesmo aquela mente que não tem fragmentos, que não está fracionada como "vós" e "eu".

INTERROGANTE: Senhor, o ato de matar uma mosca acha-se no mesmo nível que o ato de matar um animal ou um ente humano?

KRISHNAMURTI: Senhor, onde começareis a compreensão de matar? Dizeis que não quereis ir para a guerra, que não quereis matar entes humanos (não sei se de fato o dizeis — isso depende de vós), mas não tendes escrúpulo em tomar partidos — vosso grupo e meu grupo. Não vos importais de crer numa coisa e de defender o que credes. Não tendes escrúpulo em matar entes humanos com uma palavra, um gesto — e tendes tanto escrúpulo em matar uma mosca! Há anos, este orador esteve num país onde o budismo é a religião professada. Se sois budista praticante, sabeis que um dos princípios reconhecidos é o de não matar. Duas pessoas vieram visitar o orador, dizendo "Temos um problema: Não queremos matar. Somos fervorosos

budistas, e fomos criados para não matar; mas, nós gostamos de ovos, e não queremos matar um ovo fecundado; que devemos fazer?" Compreendeis? A menos que, interiormente, vos esteja bem claro o significado de matar — não apenas com um fuzil, mas com uma palavra, por gestos, pela divisão, pelo dizermos "minha pátria", "vossa pátria", "meu Deus", "vosso Deus" — continuar-se-á inevitavelmente a matar, de alguma maneira. Não façais tanto "barulho" sobre a questão de matar uma mosca, para depois irdes matar o vosso semelhante com uma palavra.

Este que vos fala jamais comeu carne em sua vida, não sabe sequer que gosto ela tem e, no entanto, usa sapatos de couro. Ele tem de viver, como vós outros, e, embora, de coração, não deseje matar nada, não deseje ferir ninguém, é obrigado a "matar" os legumes que come. Porque, se uma pessoa não come, acaba depressa. Deve cada um investigar com toda a clareza e sem nenhuma escolha, nenhum preconceito; cada um tem de ser altamente sensível e inteligente, e deixar essa inteligência agir — em vez de dizer "não quero matar moscas" e, contudo, dizer coisas brutais a respeito do próprio marido.

28 de julho de 1970.

7

RELIGIÃO

"Religião é a força que conduz a uma vida sem fragmentação."

CONSIDEREMOS nesta manhã o problema da religião. Muitas pessoas desadoram esta palavra, reputando-a "fora de moda" e de mui pouca significação no mundo moderno. E há os "religiosos de fim de semana", que vestem suas melhores roupas no domingo de manhã, e fazem todo o mal que podem no correr da semana. Mas, quando nós(*) empregamos a palavra "religião", não estamos de modo nenhum interessado em religiões organizadas, igrejas, dogmas, rituais, ou na autoridade dos salvadores, representantes de Deus, etc. Estamo-nos referindo a coisa muito diferente.

Os entes humanos, no passado como no presente, sempre indagaram se existe uma coisa transcendental, muito mais real que a existência de todos os dias, com sua tediosa rotina, sua violência, seus desesperos e tristezas. Mas, não conseguindo achá-la, começaram a adorar um símbolo, atribuindo-lhe enorme significado.

Para descobrirmos se existe realmente alguma coisa verdadeira e sagrada (emprego essa palavra com alguma hesitação),

---

(*) Krishnamurti refere-se a si próprio (evita quase sempre a primeira pessoa ("I" — "*eu*") *dizendo* "nós", "o orador", etc.). (N. do T.)

devemos procurar, não uma certa coisa concebida pelo desejo e a esperança, pelo medo e a ansiedade, não uma coisa dependente do ambiente, da cultura e da educação — porém algo que o pensamento jamais atingiu, algo que seja total e inauditamente novo. Talvez possamos nesta manhã aplicar algum tempo em investigar este assunto, tentando descobrir se existe essa imensidade, esse êxtase, essa vida inextinguível; se não fizer esse descobrimento, por mais virtuosa, por mais regrada, por mais "não violenta" que seja a pessoa, a vida, em si, pouco significará. A religião — no sentido em que estamos empregando a palavra, o qual não compreende nenhuma espécie de medo ou crença — é a força que conduz a uma vida sem fragmentação. Se vamos investigar esta questão, não só devemos estar livres de toda crença, mas também perceber claramente o caráter deformador de toda espécie de esforço, de direção e finalidade. Vede quanto isso é importante; se estais verdadeiramente interessados nesta matéria, muito importa compreender que qualquer espécie de esforço deforma a percepção direta; e, também, que toda forma de repressão, toda forma de diretiva oriunda de escolha, de propósitos fixos, criados por nossos próprios desejos, igualmente deformam a percepção direta. Tudo isso torna a mente incapaz de ver as coisas como são.

Para investigar esta questão, ou seja o que é a verdade, se existe isso que se chama "iluminação", se alguma coisa existe completamente independente do tempo, uma realidade não dependente de nossos próprios desejos — necessita-se de liberdade, de uma certa espécie de ordem. Em geral, associamos a ordem à disciplina — sendo disciplina obediência, imitação, ajustamento, repressão, etc.; forçar a mente a seguir uma determinada linha de conduta, um padrão considerado "moral". Mas, a ordem nada tem em comum com a disciplina; a ordem nasce, natural e inevitavelmente, quando compreendemos todos os fatores perturbadores, as desordens e conflitos que estão ocorrendo continuamente, dentro e fora de nós mesmos. Quando nos tornamos cônscios dessa desordem, vendo todos os males que ocasiona, o ódio existente entre os homens, suas atividades de comparação — nasce então a ordem; e esta nada tem que ver com a disciplina. Necessitamos de ordem; afinal de contas, ordem é virtude (palavra de que talvez não gosteis). A virtude não é cultivável; se criada pelo pensamento, pela vontade, se resultado

de repressão, já não é virtude. Mas, se compreenderdes o estado de desordem de vossa vida, a confusão, a total inanidade de nossa existência, se perceberdes todos esses fatos bem claramente — não apenas intelectual e verbalmente — sem condená-los, sem deles fugir, porém observando-os na vida, então, desse percebimento e observação nasce, naturalmente, a ordem — que é virtude. Essa virtude é inteiramente diferente da virtude social, com sua respeitabilidade, suas sanções religiosas e sua hipocrisia; inteiramente diferente da disciplina que a nós mesmos impomos.

É indispensável a ordem, para que possamos descobrir se há — ou não há — uma realidade não dependente do tempo, uma realidade incorruptível, não dependente de coisa alguma. Se realmente vos interessa a ordem, que é uma parte de nossa vida tão importante como o ganho do sustento, a busca de prazer — uma parte essencial de nossa vida — percebereis então que ela só pode ser descoberta pela meditação. Segundo o dicionário, a palavra "meditação" significa "ponderar, refletir, inquirir" — o que requer uma mente capaz de observar, uma mente inteligente, sã, não pervertida ou neurótica, e que não espera receber "de algum lugar" uma certa coisa.

Existe algum método, algum sistema, algum caminho a percorrer, para chegarmos à compreensão do que é meditação, do que é a percepção da realidade? Infelizmente, há certas pessoas vindas do Oriente com seus sistemas e métodos e que nos dizem: "Fazei isto", "Não façais aquilo", "Praticai o Zen, e alcançareis a iluminação". Alguns de vós talvez já tenham ido à Índia ou ao Japão, e lá passado anos a estudar, a disciplinar-se, concentrando a atenção no dedo grande do pé ou no nariz, a exercitar-se interminavelmente, a repetir palavras que têm a virtude de quietar a mente, para, nessa quietação, terem a percepção de algo transcendente ao pensamento. Tais artifícios podem ser praticados por uma mente que se tornou muito estúpida e embotada. Emprego a palavra "estúpido" com o sentido de "entorpecido"(*) — uma mente entorpecida. Só essa mente é capaz de praticar tais artifícios. As coisas de que estamos tratando talvez

---

(*) Cf. dicionário "J. Seguier": "*estúpido*: entorpecido, paralisado". (N. do T.)

não vos interessem, mas deveis descobri-las. Depois de as ouvirdes muito atentamente, talvez tenhais vontade de sair pelo mundo a ensiná-las; tal pode ser a vossa missão, na vida — e eu espero que seja. Cumpre-vos conhecer a pleno a substância, o significado, a riqueza, a beleza, o êxtase das coisas de que estamos falando.

A mente embotada, a mente entorpecida pela disciplina, não pode, em circunstância alguma, compreender o que é a realidade. Temos de libertar-nos completa e totalmente do pensamento. Necessitamos de uma mente não deformada, muito lúcida, mente não embotada — e que não esteja seguindo nenhuma diretiva ou propósito. Perguntareis: "É possível alcançar esse estado mental em que não há experimentar?" — "Experimentar" implica uma entidade que está experimentando, por conseguinte, dualidade: o experimentador e a coisa experimentada, o observador e a coisa observada. Quase todos nós desejamos uma certa experiência profunda, maravilhosa, mística; nossas experiências de cada dia são tão triviais, tão banais e superficiais, que desejamos algo de "eletrizante". Nessa extravagante idéia de termos uma experiência maravilhosa encerra-se a dualidade representada pelo "experimentador" e a "experiência". Enquanto existir essa dualidade, haverá deformação; porque o experimentador é o passado, com todos os conhecimentos e memórias nele acumulados. Insatisfeito com as atuais experiências, deseja ele uma experiência muito mais grandiosa, "projeta-a" como idéia e trata de alcançar essa "projeção": mais uma vez, dualidade e deformação.

A verdade não é uma coisa que se possa experimentar. A verdade não pode ser buscada e achada. Está fora do tempo. E o pensamento, que é tempo, nenhuma possibilidade tem de buscá-la e "pegá-la". Portanto, é necessário compreender profundamente essa questão do desejo de experiência. Vede, por favor, quanto isso é importante. Qualquer forma de esforço, de desejo, de busca da verdade, de exigência de experiência, é o observador a querer algo transcendental e a esforçar-se por alcançá-lo; sua mente, por conseguinte, não é lúcida, incorrompida, não-mecânica. Quando a mente está a buscar uma experiência, por mais maravilhosa que seja, isso significa que o "eu" a está buscando — o "eu", que é o passado, com todas as suas frustrações, aflições, esperanças.

Observai, por vós mesmo, como funciona o cérebro. Ele é o depósito da memória, do passado. Essa memória está sempre a reagir, "gostando" e "não gostando", justificando, condenando, etc.; a reagir de acordo com seu condicionamento, de acordo com a cultura, a religião, a educação, nela armazenadas. Esse depósito, de onde surge o pensamento, guia a maior parte de nossa vida. Está dirigindo e moldando nossa vida, a cada minuto do dia, consciente ou inconscientemente; está gerando pensamento, gerando o "eu", que é a essência mesma do pensamento e das palavras. Pode esse cérebro, com seu conteúdo — o "velho" — tornar-se completamente quieto — só despertando quando necessário operar, funcionar, falar, agir, porém, a maior parte do tempo, completamente estéril?

Meditação é descobrir se o cérebro, com todas as suas experiências, pode tornar-se absolutamente quieto. Não forçado a isso, porque, no momento em que o forçamos, torna a surgir a dualidade, a entidade que diz "Eu gostaria de ter experiências maravilhosas e, portanto, tenho de obrigar o meu cérebro a quietar-se." Nunca o conseguirá! Mas, se começardes a investigar, a olhar, a observar, a "escutar" todos os movimentos do pensamento, seu condicionamento, seus alvos, seus temores e prazeres; observar como o cérebro funciona — vereis então que ele se tornará sobremodo quieto; essa quietação não é um estado de sono, pois o cérebro se acha então sumamente ativo e, portanto, em silêncio. Um dínamo grande, em perfeito estado de funcionamento, quase não faz barulho; só quando há atrito, há barulho.

Cumpre-nos descobrir se nosso corpo é capaz de ficar sentado ou deitado, em completa quietação, sem nenhum movimento, sem estar sendo forçado. Podem o corpo e o cérebro — pois estão psicossomaticamente relacionados — tornar-se quietos? Há vários exercícios para pôr o corpo quieto, mas tais exercícios implicam coerção; o corpo quer erguer-se e andar, mas lhe impomos que fique quieto, e começa a batalha: querer sair à rua e querer ficar sentado e quieto.

A palavra "ioga" significa "ajuntar". O próprio termo "ajuntar" é impróprio, porque implica dualidade. Provavelmente a ioga, como uma determinada série de exercícios e movimentos respiratórios, foi inventada na Índia há milhares de anos. Sua finalidade é manter as glândulas, os nervos e todo o orga-

nismo funcionando saudavelmente, sem remédios, e sobremodo sensível. O corpo precisa ser sensível, porque de outro modo não se pode ter um cérebro claro. É fácil ver este simples fato que precisamos ter um corpo perfeitamente são, sensível, alertado, e um cérebro a funcionar muito claramente, não emocionalmente, não pessoalmente; o cérebro é então capaz de pôr-se absolutamente quieto. Mas, como conseguir isso? Como pode o cérebro, que anda sempre tão ativo — não apenas durante o dia, mas também quando dormimos — ficar em completo repouso, inteiramente quieto? Decerto, nenhum método produzirá esse efeito, já que todo método implica repetição mecânica, que entorpece e embota o cérebro; e, nesse estado de embotamento, pensais ter experiências maravilhosas!

Como pode o cérebro, que anda sempre a monologar ou a palrar, sempre julgando, avaliando, "gostando" e "não gostando", constantemente variando, quietar-se de todo? Estais vendo, por vós mesmo, quanto é importante ter o cérebro completamente quieto? Porque, em qualquer momento em que o cérebro está agindo, sua ação é reação do passado, traduzida em pensamento. Só quando totalmente quieto, é ele capaz de observar uma nuvem, uma árvore, a correnteza de um rio. Podeis ver quanto é bela a luz que brilha naquelas montanhas e, contudo, estar com o cérebro totalmente quieto. Já deveis ter observado isso, não? Como sucede? A mente, em presença de algo extraordinário, como um mecanismo extremamente complicado, um maravilhoso computador, ou um esplendoroso pôr do Sol, fica perfeitamente quieta, ainda que por uma fração de segundo. Sabeis, quando se dá um brinquedo a uma criança, como o brinquedo a absorve, como a criança fica toda interessada nele. Do mesmo modo, a majestade das montanhas, a beleza de uma árvore, a correnteza das águas, absorvem a mente e a põem quieta. Mas, nesses casos, o cérebro é posto quieto por alguma coisa. Pode o cérebro imobilizar-se sem a ingerência de nenhum fator externo? Não descobrindo nenhuma maneira de quietá-lo, certas pessoas esperam pela graça de Deus, rezam, têm fé, absorvem-se em Jesus, nisto ou naquilo. É bem evidente que essa absorção numa coisa externa só pode verificar-se numa mente embotada, entorpecida. O cérebro está em contínua atividade, do despertar ao adormecer — e mesmo então a atividade cerebral prossegue. Essa atividade, na forma de sonhos, é o mesmo movimento do dia,

continuado durante o sono. O cérebro nunca tem um momento de repouso, nunca diz "Acabei". Leva para as horas de sono os problemas que acumulou durante o dia, e, ao despertardes, os mesmos problemas continuam, ininterruptamente: um círculo vicioso. O cérebro, para que possa quietar-se, não deve ter sonhos. Quando o cérebro está quieto durante o sono, introduz-se na mente uma capacidade inteiramente nova. Como pode o cérebro, sempre tão intensa e ardorosamente ativo, imobilizar-se, natural e simplesmente, sem nenhum esforço ou coerção? Eu vo-lo mostrarei.

Como dissemos, durante o dia o cérebro está incessantemente ativo. Se ao despertardes e olhardes pela janela, exclamais "Oh, que chuva!" ou "Que dia maravilhoso, mas quente demais" — já pusestes o cérebro em movimento! Assim, no momento de olhardes pela janela, não digais para vós mesmo uma só palavra. Isso não significa reprimir as palavras, porém, apenas, compreender que no momento em que dizeis "Que linda manhã!" ou "Que tempo horrível!" — o cérebro se põe em movimento. Mas se, olhando pela janela, observais as coisas sem pronunciardes uma única palavra (e isso não é reprimir a palavra), se ficais apenas observando, sem a imediata intromissão da atividade cerebral, tendes então a solução, a chave do problema (de pôr o cérebro quieto). Quando não reage o velho cérebro, começa a despontar o cérebro novo. Podeis observar as montanhas, os rios, os vales, as sombras, as árvores formosas, as maravilhosas nuvens, totalmente iluminadas, além das montanhas — sem pronunciar uma palavra, sem comparar.

Mas, isso se torna bem mais difícil quando se observa outra pessoa, porque, aí, já tendes imagens estabelecidas. *Observai*, ainda assim! Assim observando, com claro percebimento, vereis que a ação assume uma extraordinária vitalidade: é a ação completa, que nunca é levada para o próximo minuto. Compreendeis?

Todos nós temos problemas, profundos ou superficiais — insônia, brigas com a mulher, problemas que vamos levando de dia para dia. Os sonhos são a repetição desses mesmos problemas, a interminável repetição do medo e do prazer. Isso, decerto, entorpece a mente e embota o cérebro. Ora, é possível pôr fim a cada problema, no momento de surgir? — não levá-lo

para diante? Tomemos um problema: alguém me insulta, chama-me "idiota". Instantaneamente, o velho cérebro reage, dizendo "Idiota é você!" Se, antes de o cérebro reagir, me torno perfeitamente cônscio do que foi dito — uma coisa desagradável — abro um intervalo, de modo que o cérebro não pode logo precipitar-se para a arena. Assim, se durante o dia observardes, em vossos atos, o movimento do pensamento, percebereis que ele está a criar problemas, e que problemas são coisas incompletas e, por conseguinte, têm de ser levados para diante. Mas, se observardes com o cérebro realmente quieto, vereis que a ação é completa, instantânea; não se leva para diante o problema, não se leva para diante o insulto, o elogio: é coisa acabada. E, depois, durante o sono, o cérebro já não levará consigo as "velhas" atividades do dia, estará em completo repouso. E, estando o cérebro quieto durante o sono, verifica-se um rejuvenescimento de toda a sua estrutura — desponta a inocência. A mente "inocente" é capaz de ver o verdadeiro — não a complicada mentalidade do filósofo ou do sacerdote.

A mente inocente abrange aquele todo em que está contido o corpo, o coração, o cérebro e a mente propriamente dita. A mente inocente, jamais atingida pelo pensamento, pode ver o verdadeiro, o real. Isso é meditação. Para alcançar-se aquela maravilhosa beleza da verdade e seu êxtase, é necessário lançar a base adequada. Essa base é a compreensão do pensamento, que gera medo e nutre o prazer; é a compreensão da ordem e, portanto, virtude. Fica-se, assim, livre de todo conflito, de toda agressividade, brutalidade e violência. Lançada essa base da liberdade, desponta uma sensibilidade que é a culminância da inteligência, e a vida do homem se torna, em todos os seus aspectos, inteiramente diferente.

INTERROGANTE: Acho muito importante compreender *a vós,* para se compreender o que dizeis. Surpreendeu-me o que dissestes a respeito da ioga, pois sei que a praticais, regularmente, duas horas por dia. Isso me parece uma forma bem distinta de disciplina. Entretanto, mais importante do que isso é a questão da inocência. Interessa-me a inocência da vossa mente.

KRISHNAMURTI: Antes de poderdes ver a inocência da mente — vossa ou minha — deveis ser inocente. Não estou usando de subterfúgios. Para verdes a inocência da mente, deveis estar

livre, não ter medo, e possuir uma certa capacidade que vem quando o cérebro está funcionando sem nenhum esforço.

Praticar a ioga diariamente, durante duas horas, não é uma forma de disciplina? Ora, o corpo nos informa quando está cansado, dizendo-nos: "Hoje, não!" Quando abusamos do corpo, forçando-o de todas as maneiras, estragando-lhe a inteligência, tomando alimentos impróprios, fumando, bebendo, etc. — o corpo se torna insensível. E o pensamento "diz": "É necessário forçá-lo." Esse compelir e forçar o corpo se torna disciplina. Mas, se quiserdes praticar essas coisas regularmente, sem nenhum esforço, essa regularidade dependerá da sensibilidade do vosso corpo. A gente as pratica um dia, e se, no dia seguinte, o corpo estiver cansado, diremos: "Muito bem, hoje não!" Não se requer uma regularidade mecânica. Tudo isso exige uma certa inteligência, não só da mente, mas também do corpo, e essa inteligência vos dirá o que deveis e o que não deveis fazer.

INTERROGANTE: Podemos desejar nossa mente quieta, mas às vezes temos de tomar decisões; isso pode causar dificuldades e criar problemas.

KRISHNAMURTI: Se a mente é incapaz de decidir claramente, surgem problemas; a própria decisão é um problema. *Decidir* significa tomar uma decisão entre *isto* e *aquilo*; isso implica escolha. Havendo escolha, há conflito, e deste vêm problemas. Mas, quando vedes as coisas muito claramente, não há escolha de espécie alguma e, por conseguinte, não há decisão. Sabeis muito bem o caminho que vai daqui ao lugar onde morais; seguis esse caminho, que é perfeitamente claro; já o percorrestes centenas de vezes e, por conseguinte, não há escolha de espécie alguma, embora possais descobrir um atalho e o tomardes na próxima vez. Isso é uma coisa mecânica, e não há problema nenhum. O cérebro deseja que a mesma coisa torne a acontecer, a fim de que possa funcionar automaticamente, mecanicamente, de modo que não surjam problemas. O cérebro exige de si próprio que opere mecanicamente. Por conseguinte, "diz": "Eu me disciplinarei para funcionar mecanicamente", "Tenho necessidade de uma crença, de um propósito, de uma diretiva, a fim de determinar o caminho a seguir." — e fica funcionando nesse canal. Que acontece? A vida não permitirá isso, pois a todas as horas sucedem coisas de toda espécie; portanto, o pensa-

mento resiste, ergue uma muralha de crença, e essa própria resistência cria problemas.

Quando tendes de decidir entre *isto* e *aquilo*, isso significa que há confusão: "devo ou não devo fazer isto?" Só faço a mim mesmo tal pergunta quando não estou vendo claramente o que cumpre fazer. Nós escolhemos por causa de nossa confusão, e não quando há claridade. Se tendes claridade, vossa ação é completa.

INTERROGANTE: Mas nem sempre pode ser completa.

KRISHNAMURTI: Porquê?

INTERROGANTE: Trata-se freqüentemente de uma escolha complexa, e necessita-se de tempo para considerá-la.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, necessita-se de tempo, de paciência, para considerá-la. Tendes de comparar; comparar o quê? Comparais dois panos, azul e branco, interrogais a vós mesmo se gostais mais desta ou daquela cor, se deveis subir este morro ou aquele morro. Decidis: "Prefiro subir este morro hoje, e amanhã subirei o outro". O problema se apresenta quando se está lidando com a psique — o que fazer, dentro em si mesmo. Vede primeiramente o que implica a decisão. Decidir fazer isto ou aquilo — em que se baseia essa decisão? Na escolha, é óbvio: Devo fazer isto ou devo fazer aquilo?". Percebo que, quando há escolha, há confusão. Estou, pois, vendo a verdade, o fato — *o que é*. E o fato é este: onde há escolha, há inevitavelmente confusão. Ora, porque estou confuso? Porque não sei ou porque prefiro, em vez de uma coisa, outra coisa mais agradável, que dê melhores resultados, mais sorte, etc. Escolho, portanto, essa coisa. Mas, adotando-a, nela encontro também frustração, dor. Vejo-me, assim, mais uma vez, apanhado na mesma rede, entre o medo e o prazer. E, então, pergunto: "Posso atuar sem escolha?" Isto significa: tenho de tornar-me cônscio da confusão e de todas as implicações da decisão, pois nesta existe dualidade: "aquele que decide" e a "coisa decidida". Por conseguinte, vem o conflito e a perpetuação da confusão.

Direis que ficar cônscio de todas as complicações desse movimento levará tempo. Levará tempo? Ou ele (o movi-

mento) pode ser visto instantaneamente e a ação, por conseguinte, ser imediata? Só necessito de tempo quando não estou cônscio dele. Meu cérebro, que está condicionado, diz: "Preciso decidir" — decidir em conformidade com o passado, como é seu hábito. "Preciso decidir sobre o que é correto, o que é errado, o que é dever, o que é responsabilidade, o que é amor." As decisões do cérebro criam mais conflito — sendo isso o que estão fazendo os políticos por este mundo afora. Ora, pode esse cérebro tornar-se quieto, a fim de ver instantaneamente o problema da confusão, e agir, por estar esclarecido? Não há então decisão de espécie alguma.

INTERROGANTE: Pode-se aprender da experiência?

KRISHNAMURTI: De modo nenhum. O aprender requer liberdade, curiosidade, investigação. Quando uma criança está aprendendo uma coisa, torna-se curiosa a respeito dela, deseja saber; é um movimento livre, e não um movimento consistente em adquirir, para partir dessa aquisição. Temos inumeráveis experiências. Já tivemos cinco mil anos de guerras; não aprendemos nada, a não ser inventar engenhos mais mortíferos. Tivemos inúmeras experiências, com os nossos amigos, nossas esposas, nossos maridos, nossa nação — e nada aprendemos. O aprender, com efeito, só pode verificar-se quando estamos libertados da experiência. Se quereis descobrir uma coisa nova, vossa mente deve estar livre do "velho", é claro. Assim, meditação é esvaziar a mente do conhecido, como experiência, porque a verdade não é uma coisa que nós inventamos, porém uma coisa totalmente nova, independente do passado, do "conhecido". O novo não é o oposto do velho; a verdade é uma coisa incrivelmente nova: a mente que dela se abeira com a experiência não pode vê-la.

30 de julho de 1970.

Segunda Parte

DIÁLOGOS

DIÁLOGO I

A necessidade de autoconhecimento. Saber e aprender: o aprender requer uma mente libertada do passado. A fuga ao medo e o aprender a respeito do medo. Dificuldade de observar o medo. Quem está observando?

KRISHNAMURTI: Vamos realizar aqui sete "reuniões de exame", nas quais cada um de nós tomará parte ativa. Não se tratará simplesmente de ouvir o que diremos uns aos outros e, depois, continuarmos com as nossas opiniões e juízos; mas, examinando e considerando juntos as diversas questões, começaremos a descobrir, por nós mesmos, como pensamos, de que ponto de vista consideramos a vida, e como as fórmulas e conclusões governam e controlam a nossa mente. Durante estas sete reuniões, poderemos examinar vários problemas, tomando para estudo, cada manhã, uma determinada questão, para considerarmos o mais completamente possível, a fim de que todos nós a compreendamos perfeitamente — não apenas no nível verbal ou intelectual, pois isso, decerto, não é compreensão — e possamos deixá-la para trás. Assim, de que trataremos nesta manhã?

INTERROGANTE (1): Podemos considerar as raízes e a origem do pensamento?

INTERROGANTE (2): Podemos examinar a diferença entre "cérebro" e "mente"?

INTERROGANTE (3): Pode-se descobrir em si mesmo um sistema de meditação, ou tal sistema é também um método?

INTERROGANTE (4): Estamos fazendo uso correto de nossas faculdades e capacidades pessoais?

INTERROGANTE (5): Podeis dizer alguma coisa sobre as relações entre pessoas?

INTERROGANTE (6): Podemos considerar a questão de nos livrarmos de nosso condicionamento?

INTERROGANTE (7): Que é "iluminação"?

INTERROGANTE (8): Porque nos é tão difícil alcançar um estado de bem-aventurança, baseado na verdade e na beleza?

KRISHNAMURTI: Vamos reunir numa só todas essas perguntas? Se examinássemos a questão do autoconhecimento, não achais que todas elas ficariam respondidas? Questões, como: Que é meditação — um sistema? Qual a diferença entre a mente e o cérebro? Porque é tão difícil alcançar ou compreender o que é iluminação? Por que razão a maioria de nós temos de lutar de várias maneiras? — Podemos considerar a questão do autoconhecimento, que abrange todas essas perguntas? Há algum método ou sistema de nos conhecermos? Existe alguma maneira de descobrirmos por nós próprios a resposta a todas as perguntas que nesta manhã formulamos, sem a pedirmos a ninguém? A única maneira é conhecermos por nós mesmos o mecanismo do pensamento, como funciona o cérebro, como a mente está toda entregue ao condicionamento, quanto está apegada a diferentes coisas, e quanto deseja libertar-se. Há uma luta constante dentro de nós e também exteriormente. Assim, para serem respondidas todas as perguntas que a nós fazemos e ficarem resolvidos todos os problemas existentes exteriormente, não achais importante compreendermos a nós mesmos? Vamos considerar esta questão?

Em primeiro lugar, como observo a mim mesmo? Observo-me de acordo com o que disseram as autoridades, os especialistas, os psicólogos — coisas que obviamente condicionaram a minha mente? Posso não gostar de Freud, de Jung, de Adler e dos mais modernos psicólogos e analistas, mas como justamente as asserções deles penetraram a minha mente, estou olhando a mim próprio com os olhos deles. Posso olhar-me objetivamente, sem nenhuma reação emocional, apenas para ver o que sou? E, para ver o que sou, necessito de análise?

Todas essas perguntas estão implícitas quando digo que preciso conhecer-me; sem esse autoconhecimento, não tenho base para nenhuma ação. Se não conheço a mim mesmo e estou confuso, qualquer ação que eu empreenda levará necessariamente a mais confusão. Assim, tenho *necessidade* de conhecer a mim mesmo. Preciso investigar profundamente a estrutura de minha natureza. Devo ver o arcabouço de minhas atividades, os padrões em que estou funcionando, as linhas que estou seguindo, as diretivas que estabeleci para mim mesmo, ou a sociedade estabeleceu para mim. Tenho de compreender o impulso que me leva a agir harmoniosamente ou contraditoriamente. Para compreender tantos problemas, tais como se existe Deus, se existe a Verdade, o que é meditação, quem é o "meditador" (e isso é muito mais importante do que a meditação), preciso conhecer-me completamente. Percebeis a importância de conhecerdes, por vós mesmo, o que sois? Porque, sem esse conhecimento próprio, tudo o que fizerdes será feito num estado de ignorância, por conseguinte, de ilusão, de contradição; e assim haverá confusão, tristeza, etc. Está claro isto? Devemos conhecer-nos, não só no nível consciente, mas também nas camadas profundas de nós mesmos. Esse conhecimento deve ser claro e cabe-vos alcançá-lo por vós mesmo — e não pelo que eu digo.

Ora, como posso conhecer-me? Qual o método? Posso seguir as autoridades, os especialistas, que aparentemente investigaram e alcançaram certas conclusões, que poderão ser alteradas ou robustecidas por posteriores psicólogos e filósofos? Não digais "Não". Se não posso segui-los, como poderei compreender a mim mesmo? Todas as investigações dos filósofos e instrutores do passado (a mente indiana penetrou muito fundo nesta questão) e mais as dos modernos imprimiram-se na minha mente, consciente ou inconscientemente. Assim, posso segui-los porque sou apenas um principiante, e eles se acham muito à minha frente, e, por fim, ir mais longe ainda do que eles foram? Ou será melhor não seguir ninguém, mas olhar-me a mim mesmo? Se posso olhar-me como "o que é", estou então olhando a mim mesmo como o resultado de todos os ditos dos filósofos, instrutores e salvadores. Por conseguinte, não preciso seguir ninguém. Está claro isto? Vede-o bem, por favor, não o deixeis para depois.

Minha mente é o resultado de tudo o que eles disseram. Essas coisas não foram simplesmente aceitas por nós, invadiram-nos, como uma vaga, não só do presente, mas também do passado, através de uma multidão de instrutores. Eu sou o resultado de tudo isso. Assim, o que me cabe fazer é, tão-só, observar-me, ler o livro que eu mesmo sou. Como lê-lo, como posso observar com tanta clareza que nada possa impedir-me de ver? Posso olhar com óculos coloridos, ter certos preconceitos, certas conclusões que me impedirão de olhar-me e de ver tudo o que esse olhar pode revelar. Assim, que devo fazer? Já que estou condicionado, não posso olhar-me em completa liberdade; por conseguinte, devo tornar-me cônscio de meu condicionamento. Sou, pois, levado a perguntar: Que é estar cônscio?

Mas, continuemos. Não posso olhar-me em plena liberdade porque minha mente não é livre. Tenho dúzias de opiniões e de conclusões, e um número infinito de experiências. Recebi uma certa educação, que faz parte de meu condicionamento; por conseguinte, cumpre-me tornar-me cônscio desses condicionamentos, que fazem parte de mim mesmo. Assim, em primeiro lugar, preciso compreender o que significa "estar cônscio". Que significa, para vós, "estar cônscio"? Há dias, este orador disse: "Por favor, não tomeis notas" — vós o ouvistes, e vários dentre vós continuaram a tomar notas. Isso é "estar cônscio"?

INTERROGANTE: Sei que não posso estar cônscio por mais de dois minutos; em seguida, começa a confusão.

KRISHNAMURTI: Iremos verificar se esse percebimento pode prolongar-se ou se só é possível por um breve período. Mas, antes disso, vejamos o que significa "estar cônscio". Estou cônscio do barulho daquele rio? Estou cônscio das diferentes cores dos trajes usados pelos homens e mulheres aqui reunidos? Estou cônscio da estrutura e forma deste pavilhão? Estou cônscio do espaço que o circunda, dos montes, das árvores, das nuvens, do calor — estou objetivamente, externamente, cônscio de tudo isso? De que maneira estais cônscios?

INTERROGANTE: Estamos cônscios interior e exteriormente ao mesmo tempo.

KRISHNAMURTI: Por favor, vamos devagar. Estais cônscio deste pavilhão, das cores dos trajes das pessoas, estais cônscio

dos montes, das árvores, dos prados? Estais cônscios, no sentido de estardes conscientes dessas coisas? Estais — não?

INTERROGANTE: Quando lhes fixo a atenção, torno-me cônscio delas.

KRISHNAMURTI: Se lhes prestais atenção, estais cônscio; por conseguinte, não estais cônscio quando desatento. Só no prestar atenção, estais cônscio. Por favor, observai isso bem de perto.

INTERROGANTE: Ao prestar atenção a uma coisa, nela me absorvo; não posso prestar atenção às outras coisas que me cercam.

KRISHNAMURTI: Vós vos absorveis numa certa coisa e o resto se apaga. Estais cônscio de que, quando estais a olhar atentamente o pavilhão, as árvores, as montanhas, estais moldando em palavras o que vedes? Dizeis: "Aquilo é uma árvore, aquilo uma nuvem, aquilo uma tenda, gosto desta cor, não gosto daquela cor" — não é verdade? Por favor, fazei um pequeno esforço a esse respeito, não vos deixeis enfadar. Porque, se penetrardes bem profundamente nesta questão, ao sairdes deste pavilhão, vereis algo por vós mesmo. Pois bem; quando observais, estais cônscio de vossas reações?

INTERROGANTE: A atenção parece expandir-se.

KRISHNAMURTI: Pergunto-vos uma coisa e respondeis outra. Estou cônscio daquele vestido: minha reação diz: "bonito!" ou "feio!" Pergunto: ao olhardes aquela cor vermelha, estais cônscio de vossas reações? Não de uma dúzia de reações, porém daquela peculiar reação que tendes ao verdes a cor vermelha? — Porque não? Isso não faz parte do percebimento? (*)

INTERROGANTE: Quando damos nome a uma coisa, não estamos cônscios dela.

KRISHNAMURTI: Eu vou averiguar, senhor, o que significa "estar cônscio". — Quero estar cônscio e sei que não estou

---

(*) Perguntas dirigidas a um aparteante (as duas últimas). (N. do T.)

cônscio. Às vezes estou atento, mas a maior parte do tempo estou semi-adormecido. Estou pensando noutra coisa, enquanto olho uma árvore ou uma cor. Como disse, desejo conhecer-me completamente, porque percebo que, se não me conheço, não tenho base para fazer coisa alguma. Portanto, *preciso* conhecer a mim mesmo. Como me tornarei cônscio de mim mesmo, como observarei a mim mesmo? Observando, aprendo. Portanto, o aprender faz parte do percebimento. Posso aprender alguma coisa a meu respeito em conformidade com outra pessoa — em conformidade com os filósofos, os instrutores, os salvadores, os sacerdotes? Isso é aprender? Se aprendo de acordo com o que outros disseram, cesso de aprender acerca de mim mesmo, e isso é o principal. Ora, que significa esse aprender a respeito de mim próprio? Investigai isso, penetrai-o, descobri o seu significado — o que significa "aprender a respeito de si mesmo".

INTERROGANTE: Significa "ver minha reação".

KRISHNAMURTI: Não, minha senhora, não é isso o que quero. Que significa aprender?

INTERROGANTE: Parecemos andar a buscar freneticamente um sistema prático de alcançar esse estado de percebimento. Houve tempo em que eu pensava que poderíamos "educar-nos" anotando todos os nossos pensamentos, para depois lê-los, vendo-os como se vê um filme. Talvez desse modo fosse possível aprender alguma coisa.

KRISHNAMURTI: Diz o interrogante que vemos razão para conhecermos a nós mesmos e ansiamos por descobrir como fazê-lo, mas, por causa dessa ansiedade, desejamos um sistema, queremos achar um método, porquanto não sabemos o que fazer com nós mesmos. Assim, precisamos que alguém nos diga: "Faça tais coisas e você conhecerá a si mesmo".

Ora, senhores, tende a bondade de escutar-me. Aqui estou eu: sou o resultado da sociedade, da cultura em que vivo, da religião, do mundo dos negócios, do mundo econômico, do clima, da alimentação; sou o resultado de tudo isso, do passado infinito e do presente. Quero conhecer-me, isto é, quero aprender a respeito de mim mesmo. Que significa a palavra "aprender"? Vede a dificuldade aí contida. Eu não sei alemão, e isso signi-

fica que tenho de aprender o significado das palavras, decorar os verbos e aprender a sintaxe da língua. Quer dizer, tenho de acumular conhecimento de palavras, etc. — e, então, talvez eu seja capaz de falar alemão. Acumulo — verbalmente ou de outra maneira qualquer — para depois agir. Aí, aprender significa acumulação. Agora, que sucede se quero aprender a respeito de mim mesmo? Vejo algo em mim e digo "Aprendi tal coisa". Vi que "isto é assim", aprendi a tal respeito. Ficou, pois, um resíduo de conhecimento, e com esse conhecimento examino o próximo incidente. E isso, por sua vez, aumenta a acumulação. Assim, quanto mais me observo e aprendo sobre minha pessoa, tanto mais conhecimento acumulo a respeito de mim mesmo. Não é exato isso?

INTERROGANTE: — Estou mudando.

KRISHNAMURTI: Estou acumulando conhecimento e, ao mesmo tempo, mudando. Ora, por meio da observação, estou acumulando conhecimento e experiência. E, então, que acontece? Com esse conhecimento olho a mim mesmo. Por conseguinte, o conhecimento me impede a observação nova. Percebeis isso? Por exemplo, dissestes-me algo que me ofendeu. Esse é meu conhecimento, e a próxima vez que vos vejo, é esse conhecimento de ter sido ofendido que vai ao vosso encontro. O passado vem ao encontro do presente. O conhecimento, portanto, é o passado, e com os olhos do passado estou olhando o presente. Compreendeis? Ora, para aprender sobre mim mesmo, para olhar-me, tenho de estar livre do conhecimento trazido do passado. Isto é, o aprender sobre mim mesmo deve ser sempre novo. Percebeis a dificuldade?

INTERROGANTE: Eu diria que há, na vida, constantes(*) que nunca se alteram.

KRISHNAMURTI: Consideraremos mais adiante o problema da mudança. Estou vigilante, quero aprender a respeito de mim mesmo. "O que sou" é movimento, não é estático; é vivo, ativo, está sempre tomando direções diferentes. Assim, se aprendo

---

(*) "Constantes" (substantivo, pl.) no sentido matemático (quantidades constantes": que têm sempre o mesmo valor). (N. do T.)

com a mente e o cérebro vindos do passado, eles me impedirão o auto-aprendizado. Percebendo isso, logo perguntais: "Como pode uma pessoa libertar-se do passado, para que possa aprender a respeito de si mesma, uma coisa constantemente nova? Vede quanto isso é belo e apaixonante!

Quero aprender sobre mim, e "o que sou" é uma coisa viva, não uma coisa morta. Hoje penso de uma maneira, e, amanhã, de diferente modo. Isso é uma constante, um movimento vivo. E para observá-lo e a seu respeito aprender, a mente deve estar livre. Por conseguinte, se ela está levando a carga do passado, não pode observar. Assim, que cumpre fazer?

INTERROGANTE: Isso não significa amnésia, mas, sim, estar livre do passado.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, é isso mesmo que quero dizer. Ora, que devo fazer? Percebo o que acontece: Ao ver aquela cor vermelha, digo "Não gosto dela". Isto é, o passado "reage". O passado entra logo em ação e, por conseguinte, põe termo ao aprender. Que fazer?

INTERROGANTE: A gente deve esquecer-se de pensar — não ter pensamentos.

KRISHNAMURTI: Não me estais seguindo. Dizendo "não ter pensamentos", chegastes a uma conclusão. Não estais aprendendo realmente.

INTERROGANTE: Temos de esvaziar-nos.

KRISHNAMURTI: Outra conclusão! Como podeis esvaziar-vos? *Quem é* a entidade que vai esvaziar a mente?

INTERROGANTE: Temos de esvaziar-nos de tudo. Temos de esvaziar-nos também da entidade.

KRISHNAMURTI: *Quem* vai fazê-lo? Ora, senhor, não estais escutando — predoai-me dizê-lo! Eu disse que desejo aprender a respeito de mim mesmo. Não o posso, se o passado interfere. *Aprender* é presente ativo; significa estar ativo *no presente*; mas isso não é possível quando a mente, quando o cérebro está levando toda a carga do passado. Dizei-me agora o que cumpre fazer.

INTERROGANTE: Tenho de estar atento.

KRISHNAMURTI: Estais vendo? Como posso estar atento?

INTERROGANTE: Tenho de viver no presente.

KRISHNAMURTI: Como posso viver no presente, com a carga do passado?

INTERROGANTE: Estando cônscio do movimento que se está desenrolando.

KRISHNAMURTI: E isso significa o quê? Estar cônscio de que o passado está interferindo e impedindo o cérebro de aprender? Ide devagar, senhor. Estais cônscio desse movimento, enquanto estamos falando? Pois, se estais cônscio dele enquanto falamos — que está ocorrendo? Não suponhais nada! Não digais "deve ser", "não deve ser"; isso não significa nada. Que é que está realmente ocorrendo quando estais cônscio desse movimento, que é o passado a interferir no presente e, por conseguinte, impedindo o aprender — no sentido em que estamos empregando essa palavra? Quando se está cônscio de todo esse "processo", que ocorre?

INTERROGANTE: Vemo-nos como um efeito do passado.

KRISHNAMURTI: Sabemos que isso é um fato. Perguntamos qual é o resultado, o que é que acontece quando estamos cônscios de que somos o efeito do passado e que ele nos está impedindo de aprender no presente? Nada de suposições. Que é que acontece, em vós, quando estais cônscios desse processo?

INTERROGANTE (1): Cessa o movimento.

INTERROGANTE (2): Não há mais pensamento.

INTERROGANTE (3): Há medo.

KRISHNAMURTI: Um diz que não há mais pensamento, outro que há silêncio, e mais outro que há medo.

INTERROGANTE: Parece que nada existe senão o presente.

KRISHNAMURTI: Qual dessas respostas é verdadeira?

INTERROGANTE: Estamos confusos.

KRISHNAMURTI: Tendes razão: estamos confusos.

INTERROGANTE (1): Estamos cônscios.

INTERROGANTE (2): Estamos aprendendo.

INTERROGANTE (3): Sinto que há uma contradição que precisa ser anulada pela ação direta.

KRISHNAMURTI: Peço-vos, senhores, não chegar a conclusões, porque elas vos impedirão de aprender. E, se dizeis "É necessária ação direta" — isso é uma conclusão. Estamos aprendendo. Vejo que sou o efeito do passado. O passado pode ser o ontem ou o segundo precedente, que deixou sua marca como conhecimento. Esse conhecimento, que é o passado, me está impedindo de aprender no presente; ele é um movimento constante. Ora, quando estou cônscio desse movimento, que sucede? Não quero conclusões. Se aceito vossas conclusões, vós sereis "o novo filósofo". Eu não quero novos filósofos! Quero aprender; por conseguinte, o que me cabe fazer é ver o que realmente sucede quando o cérebro se torna cônscio desse movimento. Pode o cérebro estar cônscio dele, ou tem medo do novo?

INTERROGANTE: O movimento cessa.

KRISHNAMURTI: E, então, que acontece? Estou aprendendo?

INTERROGANTE: Se estou suficientemente quieto, creio que posso ver o que percebo (*sic*) e o que provém de mim mesmo.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor; observai bem isso. Quero aprender a respeito desse movimento; para aprender, preciso de curiosidade. Se meramente chego a uma conclusão, cessa a minha curiosidade. Por conseguinte, a curiosidade é necessária ao aprender. Necessito de paixão, necessito de energia. Sem isso, não posso aprender. Se sinto medo, não tenho paixão. Por conseguinte, deixemos de parte aquele movimento (do passado), e perguntemos: "Porque tememos aprender a respeito de algo que pode ser uma coisa nova?" — Cabe-me investigar o medo. Abandonei o movimento do passado e vou agora aprender acerca do medo. Estais-me seguindo? Ora, porque tenho medo?

INTERROGANTE: Tememos perder a nossa imagem de nós mesmos.

KRISHNAMURTI: Temo perder a imagem que formei de mim mesmo, a qual está repleta de conhecimentos e é uma coisa morta. Não, senhor, não deis explicações(*). Percebo que tenho medo — porquê? Porque vejo que estou morto? Estou vivendo no passado e não sei o que significa observar e viver no presente; isso, por conseguinte, é uma coisa inteiramente nova e eu tenho medo de fazer qualquer coisa nova. E isso significa o quê? Que minha mente e meu cérebro estão seguindo o velho padrão, o velho método, a velha maneira de pensar, de viver, de trabalhar. Mas, para aprender, a mente deve estar livre do passado; isso já é uma verdade estabelecida. Pois bem; que aconteceu? Estabeleci como verdadeiro este fato que não há aprender se o passado interfere. E percebo também que estou com medo. Há, portanto, uma contradição: Compreendi que, para aprender, a mente deve estar livre do passado e, ao mesmo tempo, tenho medo de ver esse fato. Há, pois, dualidade: vejo e tenho medo de ver.

INTERROGANTE: Há sempre esse medo de ver coisas novas?

KRISHNAMURTI: Não há? Não temos medo de mudar?

INTERROGANTE: O novo é o desconhecido. Nós tememos o desconhecido.

KRISHNAMURTI: E por isso ficamos apegados ao velho, e isso inevitavelmente causa medo, porque a vida está sempre a mudar; há convulsões sociais, agitações populares, guerras. Conseqüentemente, há medo. Ora, como posso aprender sobre o medo? Afastamo-nos do movimento anterior; agora queremos aprender a respeito do movimento do medo.

Que é o movimento do medo? Estais cônscios de que tendes medo? Estais cônscio de que tendes temores?

INTERROGANTE: Nem sempre.

KRISHNAMURTI: Senhor, sabeis agora, estais cônscio *agora* de vossos temores? Podeis "ressuscitá-los", e dizer: "Tenho medo do que outras pessoas digam a meu respeito". Estais cônscio de que tendes medo da morte, medo de perder dinheiro,

(*) Palavras dirigidas a um aparteante. (N. do T.)

medo de perder vossa esposa? Estais cônscio desses temores? Também dos temores físicos — de sofrerdes dores amanhã, etc.? Se estais cônscio, qual o movimento que se verifica nesse estado? Que sucede quando estais cônscio de que tendes medo?

INTERROGANTE: Procuro livrar-me dele.

KRISHNAMURTI: Quando procurais livrar-vos dele, que sucede?

INTERROGANTE: Reprimo-o.

KRISHNAMURTI: Ou o reprimis ou dele fugis; há um conflito entre o medo e o desejo de livrar-se dele, não é verdade? Há repressão, ou há fuga. E no esforço para vos libertardes do medo, há conflito, que só pode aumentar o medo.

INTERROGANTE: Permitis uma pergunta? Não é o "eu" o próprio cérebro? O cérebro cansa-se de estar sempre a buscar experiências novas e deseja repouso.

KRISHNAMURTI: Quereis dizer que o próprio cérebro tem medo de largar o movimento do passado e é a causa do medo? Vede, senhor, desejo aprender a respeito do medo; isso significa que devo ter curiosidade, paixão. Antes de mais nada, preciso ter curiosidade, e não a posso ter se formo uma conclusão. Assim, para aprender a respeito do medo, não devo distrair-me, fugindo dele; não deve haver nenhum movimento de repressão, que é também uma distração do medo. Não deve haver o sentimento de que "preciso livrar-me do medo". Se tenho tais sentimentos, não posso aprender. Ora, tenho esses sentimentos quando vejo que há medo? Não estou dizendo que não os devais ter; eles existem. Se deles me torno cônscio, que devo fazer? São tão fortes os meus temores, que deles desejo fugir. E o próprio movimento de fuga gera mais medo; estais percebendo tudo isso? Percebo a verdade e o fato de que, fugindo do medo, aumento o medo: por conseguinte, não há nenhum movimento de fuga — certo?

INTERROGANTE: Não compreendo isso, porque sinto que se tenho um certo temor e dele trato de fugir, estou em movimento para alguma coisa que lhe irá pôr fim, alguma coisa que dele me libertará.

KRISHNAMURTI: De que tendes medo?

INTERROGANTE: Do dinheiro.

KRISHNAMURTI: Tendes medo de perder dinheiro, e não do dinheiro. Quanto mais dinheiro temos, mais contentes ficamos! Mas, vós tendes medo de perdê-lo, não é certo? Por conseguinte, que fazeis? Tomais todas as medidas para colocar em segurança o vosso dinheiro; entretanto, o medo continua: ele pode não estar em segurança neste mundo variável, o banco pode falir, etc. Ainda que tenhais dinheiro em abundância, existe sempre esse medo. Fugir desse medo não lhe põe fim, e tampouco reprimi-lo, dizendo "não quero pensar nele" — porque daqui a um segundo *estareis pensando* nele. Assim, a fuga ao medo, o esforço para evitá-lo, o fazer alguma coisa em relação a ele — dá continuidade ao medo. Eis um fato. Descobrimos, agora, dois fatos: que, para aprender, precisamos ter curiosidade e não deve haver nenhuma pressão do passado; e que, para aprendermos a respeito do medo, não deve haver fuga ao medo. Descoberto este fato, descoberta esta verdade, *não fugis.* Ora, quando não fujo do medo, que sucede?

INTERROGANTE: Deixo de identificar-me com ele.

KRISHNAMURTI: Isso é aprender? Vós parastes.

INTERROGANTE: Não entendo.

KRISHNAMURTI: Parar não é aprender. Por causa do desejo de não sentir medo, quereis fugir dele. Vede como isso é sutil. Sinto medo e desejo aprender a seu respeito. Não sei o que vai acontecer, mas desejo conhecer o movimento do medo. Assim, que acontece? Não estou fugindo dele, não o estou reprimindo nem evitando: Quero aprender a seu respeito.

INTERROGANTE: Eu penso em como livrar-me dele.

KRISHNAMURTI: Se desejais livrar-vos dele — como há pouco expliquei — quem é a pessoa que vai livrar-se dele? Vós desejais livrar-vos do medo, o que significa que a ele resistis; por conseguinte, o medo aumenta. Se não percebeis esse fato, sinto não poder ajudar-vos.

INTERROGANTE: Nós temos de aceitar o medo.

KRISHNAMURTI: Eu não aceito o medo; quem é a entidade que está aceitando?

INTERROGANTE: Se não é possível fugir, é necessário aceitar.

KRISHNAMURTI: Fugir dele, evitá-lo, ler um romance, ver o que outros estão fazendo, ver televisão, freqüentar o templo ou a igreja — tudo isso é ainda evitar o medo, e todo esforço para evitá-lo só pode aumentar e dar mais força ao medo. Isso é um fato. Uma vez estabelecido esse fato, não quero fugir, não quero reprimir. Estou aprendendo, e *não* fugindo. Por conseguinte, que sucede quando há a percepção do medo?

INTERROGANTE: A compreensão do processo do medo.

KRISHNAMURTI: É o que estamos fazendo. Eu estou empenhado em compreender o processo, estou a observá-lo, estou aprendendo a seu respeito. Tenho medo e não estou fugindo dele; pois bem — que está acontecendo?

INTERROGANTE: Estais frente-a-frente com o medo.

KRISHNAMURTI: E que acontece então?

INTERROGANTE: Não há movimento algum, em nenhuma direção.

KRISHNAMURTI: Qual a pergunta que deveis fazer? Por favor, escutai-me por dois minutos apenas. Eu não estou fugindo do medo, não o estou evitando, não lhe estou resistindo. Ele está à minha frente, e eu o estou observando. A pergunta natural é: Quem está observando o medo? Por favor, não suponhais nada. Ao dizerdes "Estou observando o medo e aprendendo a respeito dele" — quem é a entidade que o está observando?

INTERROGANTE: O próprio medo.

KRISHNAMURTI: O próprio medo observando a si próprio? Por favor, não façais suposições, não busqueis nenhuma conclusão: descobri. A mente não está a fugir do medo, não está erguendo nenhuma muralha contra o medo, adquirindo coragem, etc. Que sucede, quando estou observando? Pergunto naturalmente a mim mesmo: Quem é que está observando a coisa chamada "medo"? Por favor, não respondais. Eu fiz a per-

gunta a mim mesmo e não a vós(*). Tratai, pois, de descobrir quem é que está observando o medo? Outro fragmento de mim mesmo?

INTERROGANTE: A entidade que está observando não pode ser um resultado do passado; só pode ser uma entidade nova — uma coisa que se está manifestando neste momento.

KRISHNAMURTI: Não perguntei se quem está observando é resultado do passado. Eu estou observando. Estou cônscio do medo. Estou cônscio de que tenho medo de perder dinheiro, de adoecer, de ser abandonado por minha mulher, e sabe Deus de que mais. E desejo aprender a respeito desse medo; por conseguinte, estou observando e minha pergunta natural é esta: Quem está observando o medo?

INTERROGANTE: A imagem que tenho de mim mesmo.

KRISHNAMURTI: Quando pergunto "Quem está observando?" — que sucede? A própria pergunta contém uma divisão, não? Isso é um fato. Quando digo "Quem está observando?" — isso significa que à minha frente está uma coisa, e eu a estou observando — portanto, uma divisão. Ora, porque há essa divisão? Respondei-me, não suponhais nada, não repitais o que outrem disse — inclusive eu próprio. Tratai de descobrir porque existe essa divisão, no momento em que se pergunta "Quem está observando?" Descobri isso!

INTERROGANTE: Há em mim o desejo de observar.

KRISHNAMURTI: Quer dizer, o desejo diz: "Observai, a fim de fugir". Entendeis? Antes dissestes "Compreendi que não devo fugir", e agora verificais que o desejo, muito sutilmente, vos está fazendo fugir; por conseguinte, estais ainda a observar o medo como quem está "de fora". Vede quanto isso é importante. Estais a observar com a intenção de vos livrardes do medo. E, como dissemos há poucos minutos, tentar livrar-se do medo significa que houve uma prévia censura(*) do medo. Portanto, o vosso observar implica o desejo de livrar-vos do

(*) Palavras dirigidas a um aparteante. (N. do T.)
(*) "Censura", no sentido de "exame crítico". (N. do T.)

medo; há, pois, uma divisão que só tem o efeito de dar mais força ao medo. Assim, mais uma vez, pergunto: Quem está observando o medo?

INTERROGANTE: Não há também outro ponto? *Quem* faz a pergunta "Quem está observando o medo?"

KRISHNAMURTI: Sou eu, senhor.

INTERROGANTE: Mas, *quem* a está fazendo?

KRISHNAMURTI: Tornais a perguntar a mesma coisa! Isso é andar para trás. Tende a bondade de escutar; essa é a maneira mais prática de proceder. Se escutardes com toda a atenção o que se está dizendo, vereis que a mente ficará livre do medo. Mas, vós não o estais fazendo.

Tenho medo de perder dinheiro e, por conseguinte, que faço? Fujo desse medo, evitando pensar nisso. Mas, compreendendo quanto é estulto evitá-lo — pois, quanto mais resisto, mais medo sinto —estou a observá-lo. Por conseguinte, apresenta-se a questão: Quem está a observá-lo? O desejo de livrar-me dele, de ultrapassá-lo — é o desejo quem o está observando? *É* — e sei que observar dessa maneira é dividir e, por conseguinte, tornar mais forte o medo. Vejo, assim, a verdade a esse respeito e, por conseguinte, desapareceu o desejo de livrar-me dele. Entendeis? É o mesmo que ver uma serpente venenosa; não tenho vontade de tocá-la. O desejo de tomar drogas desaparece logo que percebo o perigo real que elas representam; não tenho vontade de tomá-las. Enquanto não vir esse perigo, continuarei a tomá-las. Do mesmo modo, enquanto não vejo que a fuga ao medo robustece o medo, continuo a fugir. No momento em que o percebo, já não tenho vontade de fugir. Então, que acontece?

INTERROGANTE: Como pode uma pessoa *olhar*, se tem medo de ver-se em dificuldades?

KRISHNAMURTI: É o que estou apontando. Se sentis medo de olhar o medo, nada aprendereis a seu respeito, e se desejais aprender a respeito do medo, não tenhais medo. Eis como isto é simples. Se não sei nadar, não tenho vontade de saltar no rio. Quando sei que não tenho nenhuma possibilidade de pôr fim

ao medo, se tenho medo de olhá-lo e, embora tenha medo de olhá-lo, desejo realmente fazê-lo, digo: "Não importa, eu quero olhar".

INTERROGANTE: Já se disse que é o desejo de fugir ao medo que gera constantemente mais medo. Quando sinto medo, quero distanciar-me dele, de modo que o que sempre faço é considerá-lo como uma coisa com que estou em relação, a fim de identificar-me, unir-me com ele.

KRISHNAMURTI: Estais vendo? Tais são os ardis que praticamos com nós mesmos. Quem está dizendo isso? Fazeis esforço para vos identificardes com o medo.

INTERROGANTE: Eu sou *o medo.*

KRISHNAMURTI: Ah! Um momento: se sois esse medo, como o dizeis, que acontece então?

INTERROGANTE: Se chego a um "entendimento" com ele, ele começa a diminuir.

KRISHNAMURTI: Não. Nada de "entendimentos"! Ao dizerdes que *sois* o medo, o medo não está separado de vós. Que sucede? Eu sou moreno. Tenho medo de ser moreno, mas digo "Ora, eu sou moreno" — e o caso está liquidado, não? Não estou fugindo dele. Que há, então?

INTERROGANTE: Aceitação.

KRISHNAMURTI: Eu aceito isso? Pelo contrário, esqueço-me de que sou moreno. Não estais compreendendo bem; estais apenas a fazer suposições.

Eu quero aprender sobre mim. Tenho de conhecer a mim mesmo, completamente, apaixonadamente, porque essa é a base de toda ação. Sem essa base, terei uma vida de extrema confusão. Para aprender a respeito de mim mesmo, não posso seguir ninguém. Se sigo alguém, não estou aprendendo. Aprender acerca de mim mesmo implica que o passado não está interferindo, porque "o que sou" é uma coisa extraordinária, vital, móbil, dinâmica. Assim, tenho de olhá-lo de maneira nova, com uma mente nova. Não pode haver mente nova, se o passado está sempre a atuar. Isso é um fato. Vejo-o. E, vendo-o,

compreendo que tenho medo porque não sei o que irá acontecer. Portanto, desejo aprender a respeito do medo. Entendeis? Aprendendo, estou em constante movimento. Quero conhecer-me e percebo um acoisa — uma verdade profunda: Tenho de aprender a respeito do medo, e isso significa que não devo fugir dele, *custe o que custar.* Não devo ter nenhum desejo sutil de fugir. Assim, que acontece à mente que é capaz de olhar o medo sem nenhuma divisão? A divisão consiste em procurar libertar-me dele, por meio de formas sutis de fuga, de repressão, etc.; que sucede à mente ao ver-se frente-a-frente com o medo e quando já não existe a questão de fugir dele? Por favor, tratai de descobrir isso, aplicai-lhe a vossa mente.

2 de agosto de 1970.

DIÁLOGO II

Recapitulação. Os temores impedem a maturação. Vemos os efeitos do medo ou só sabemos da existência deles? Diferença entre o medo, como memória, e o contato real com o medo. A dependência e o apego causados pelo medo ao vazio e ao "ser nada". Descobrimento de nossa solidão e superficialidade. A inutilidade das fugas. "Quem está cônscio do vazio?"

KRISHNAMURTI: Ontem estivemos falando a respeito do medo e da necessidade de autoconhecimento. Não sei se percebeis a grande importância de compreenderdes a natureza e a estrutura de vós mesmos. Como dissemos, se não há compreensão (não só intelectual ou verbal, porém uma real compreensão do que somos e da possibilidade de o transcendermos), criaremos inevitavelmente confusão e contradição em nós mesmos, com atividades que conduzirão a muitos males e sofrimentos. Torna-se, pois, de essencial importância compreendermos, não só as camadas superficiais de nós mesmos, mas a entidade total, todas as partes ocultas. E espero que, *comunicando-nos* uns com os outros, compreendendo em comum todo esse problema, ficaremos aptos a ver, realmente e não teoricamente, se pelo autoconhecimento a mente pode transcender seu próprio condicionamento, seus próprios hábitos, seus preconceitos, etc.

Falamos também sobre o aprendermos a respeito de nós mesmos. *Aprender* implica um movimento não acumulativo; se há acumulação, não há movimento. Se o rio que corre termina num lago, não há mais movimento. Só há movimento quando há um constante fluir, a forte corrente. E é isso o que o aprender implica; aprender, não só acerca de coisas exteriores e

de fatos científicos, mas também a respeito de nós mesmos, porque "o que somos" é uma coisa que está constantemente a mudar, uma coisa dinâmica, versátil. Para aprendermos sobre o que somos, a experiência trazida do passado em nada pode ajudar-nos; pelo contrário, o passado põe fim ao aprender e, por conseguinte, à ação completa. Espero tenhais visto bem claramente este fato, ou seja que estamos lidando com um movimento sempre vivo, da vida. Esse movimento é o "eu". Para compreender esse "eu" tão sutil, é necessária intensa curiosidade, persistente vigilância, compreensão não acumulativa. Oxalá possamos pôr-nos em comunicação acerca desta questão do aprender. Pois a esse respeito vamos ter dificuldades, porquanto nossa mente gosta de funcionar dentro de canais, de padrões, com base numa conclusão ou preconceito, ou no conhecimento. A mente está ligada a uma certa crença e, com base nela, tenta compreender o extraordinário movimento do "eu". Conseqüentemente, há uma contradição entre o "eu" e o observador.

Estivemos também falando acerca do medo, que faz parte desse movimento total do "eu" — desse "eu" que fragmenta o movimento da vida e separa a si próprio como "vós" e "eu". Perguntamos "Que é o medo?" — Vamos aprender, não acumulativamente, a respeito do medo; a própria palavra "medo" impede-me de entrar em contato com aquela sensação de perigo a que chamamos "medo". Vede, senhores, a maturidade implica um desenvolvimento total e natural do ente humano; natural, no sentido de não ser contraditório, porém harmônico. A maturidade nada tem que ver com a idade da pessoa. E o fator "medo" impede esse natural e total desenvolvimento da mente. Examinarei isso um pouquinho e, depois, o consideraremos juntos.

Quando sentimos medo, não só de coisas físicas, mas também de fatores psicológicos, que sucede, nesse medo? Tenho medo, não só de adoecer fisicamente, de morrer, medo do escuro... sabeis dos inumeráveis temores que temos, tanto biológicos, como psicológicos. Que fazem eles à mente — à mente que os criou? Compreendeis esta pergunta? Não me respondais imediatamente, olhai a vós mesmos. Qual o efeito do medo na mente e em *toda* a nossa vida? Ou já estamos tão acostumados com o medo (que se tornou um hábito), que não perce-

bemos os seus efeitos? Se me acostumei com o sentimento nacionalista hindu, com o dogma, com as crenças, estou fechado nesse condicionamento e totalmente inconsciente de seus efeitos. Vejo apenas o sentimento que em mim é despertado, o nacionalismo, e tanto me basta. Identifico-me com a nação, com a crença, etc. Mas não percebemos os efeitos gerais de tal condicionamento. Do mesmo modo, não vemos os efeitos do medo, tanto psicossomáticos, como psicológicos. Que é que o medo causa? Senhores, estamos numa "reunião de exame" e vós tendes de tomar parte ativa nesse exame.

INTERROGANTE: Vejo-me em dificuldades, toda vez que tento impedir que essa coisa (o medo) aconteça.

KRISHNAMURTI: O medo detém ou paralisa a ação. Estais cônscio disso? Tende o cuidado de não generalizar. Estamos realizando estas reuniões com o fim de ver o que está realmente ocorrendo dentro em nós; de outro modo, elas não terão utilidade nenhuma. Considerando juntos os efeitos do medo e nos tornando cônscios dele, podemos achar a possibilidade de transcendê-lo. Assim, se sou realmente *sério*, cumpre-me ver os efeitos do medo. Conheço de fato os efeitos do medo? Ou só os conheço verbalmente? Conheço-os como coisa ocorrida no passado e que permanece como memória, e esta memória me está dizendo "Eis os efeitos do medo"? Por conseqüência, é a memória, e não a mente, que está vendo os efeitos do medo. Percebeis? Acabo de dizer uma coisa realmente muito importante.

INTERROGANTE: Podeis repeti-la?

KRISHNAMURTI: Quando digo que conheço os efeitos do medo, que significa isso? Ou os conheço verbalmente, ou seja intelectualmente, ou os conheço como memória, como coisa sucedida no passado, e digo "Isso aconteceu". Por conseguinte, é o passado quem me diz quais são esses efeitos. Mas, eu não os vejo no momento presente; trata-se de coisa lembrada, e não de uma realidade. Mas, "saber" implica *ver sem acumular*; não, reconhecimento, porém *ver* o fato. Consegui *comunicar-vos* isso?

Quando digo "tenho fome", é a lembrança de ter tido fome ontem que mo diz, ou é o fato real de que estou com fome *agora?* O percebimento real de ter fome agora é inteira-

mente diferente da reação de uma lembrança que me diz que tive fome antes e, por conseguinte, devo estar com fome agora. É o passado que vos está "contando" os efeitos do medo, ou estais cônscios de que esses efeitos estão realmente ocorrendo *agora*? As ações, em ambos os casos, são completamente diferentes, não? Se estou perfeitamente cônscio dos efeitos do medo *agora*, atuo instantaneamente. Mas se é a memória que me diz quais são esses efeitos, minha ação é diferente. Está claro? Pois bem; qual é o caso?

INTERROGANTE: Pode-se distinguir entre um determinado temor — e o percebimento atual dos efeitos do medo *como tal* — sem a lembrança dos efeitos de um dado temor?

KRISHNAMURTI: É isso que eu estava procurando explicar. As ações, em ambos os casos, diferem completamente. Percebeis isso? Por favor, se não o percebeis, não digais "sim"; não "brinquemos" uns com os outros. Muito importa compreender isso. É o passado que vos está mostrando os efeitos do medo, ou há um percebimento, um conhecimento direto dos efeitos do medo *agora*? Se é o passado, a ação é incompleta e, por conseguinte, contraditória e causadora de conflito. Mas, se estais perfeitamente cônscio dos efeitos do medo *agora*, a ação é total.

INTERROGANTE: Neste momento, aqui sentado, neste pavilhão, não sinto medo, porque vos estou escutando. Mas esse medo pode reaparecer quando eu sair do pavilhão.

KRISHNAMURTI: Mas, não podeis agora, aqui no pavilhão, ver o medo que porventura ontem tivestes, não podeis "invocá-lo", "chamá-lo"?

INTERROGANTE: Pode tratar-se de temores relativos à proteção da vida.

KRISHNAMURTI: Não importa qual seja a espécie de medo. Mas há necessidade de dizerdes: "Não sinto temores agora, mas quando sair daqui tornarei a senti-los"?

INTERROGANTE: A gente pode "invocá-los" — como dissestes — pode "chamá-los", mas já nos prevenistes a respeito deste ponto — apelar para a memória, para o pensamento relativo ao medo.

KRISHNAMURTI: Eu estou perguntando: Preciso esperar até sair deste pavilhão, para descobrir quais são os meus temores? Ou, enquanto estou aqui sentado, posso estar cônscio deles? Neste momento, não tenho medo de que alguém me diga certas coisas; mas, quando encontrar-me com o homem que me vai dizê-las, sentirei medo. Não posso ver agora o fato real?

INTERROGANTE: Não estais sugerindo um exercício?

KRISHNAMURTI: Não, nenhum exercício. Que medo tendes de fazer exercícios! Senhor, não tendes medo de perder o vosso emprego? Não tendes medo da morte? Não tendes medo de não poderdes preencher-vos? Não tendes medo de ficar só? Não tendes medo de não ser amado? Não tendes alguma espécie de medo?

INTERROGANTE: Só se há um desafio.

KRISHNAMURTI: Mas *eu* vos estou "desafiando". Não compreendo essa mentalidade!

INTERROGANTE: Se há um impulso, agimos; temos de fazer alguma coisa.

KRISHNAMURTI: Não! Estais tornando complicada demais uma coisa tão natural como ouvir o barulho daquele trem que passa. Ou podeis lembrar-vos do barulho do trem, ou podeis escutá-lo realmente. Não compliqueis a coisa, por favor.

INTERROGANTE: Não estais, de certa maneira, a complicá-la, falando em "invocar o medo"? Não tenho necessidade de "invocar" nenhum dos meus temores; pelo simples fato de estar aqui, posso observar minhas reações.

KRISHNAMURTI: É isso mesmo que estou dizendo.

INTERROGANTE: Para podermos "estar em comunicação" aqui, temos de conhecer a diferença entre cérebro e mente.

KRISHNAMURTI: Já tratamos disso. Estamos agora procurando averiguar o que é o medo, procurando aprender a respeito dele. Está livre a mente para aprender a respeito do medo? Aprender a seu respeito é observar o seu movimento. Só podeis observar o movimento do medo quando não estais a lembrar-

-vos de vossos temores passados e a observar o medo com essas memórias. Percebeis a diferença? Eu posso observar o movimento. Estais aprendendo a respeito do que realmente ocorre quando há medo? Nós estamos "fervilhantes" de medo, a todas as horas. Parecemos incapazes de libertar-nos dele. Quando tivestes temores no passado e deles estivestes cônscio, que efeito tinham eles em vós e em vosso ambiente? Que acontecia? Não vos sentíeis desligado dos demais? Os efeitos desses temores não vos isolavam?

INTERROGANTE: Eles me paralisavam.

KRISHNAMURTI: Punham-vos num estado de desespero, sem saber o que fazer. Ora, quando se verificava esse isolamento, como era a ação?

INTERROGANTE: Fragmentária.

KRISHNAMURTI: Prestai bem atenção, por favor: Houve ocasiões, no passado, em que senti medo, e os seus efeitos eram de me isolar, paralisar, fazer-me sentir desesperado. Vinham-me ânsias de fugir, de buscar conforto em alguma coisa. Por ora, chamaremos a isso "isolar-se de todas as relações". O efeito desse isolamento na ação é o de fragmentá-la. Não vos acontecia isso? Quando sentíeis medo, não sabíeis o que fazer a seu respeito, e vossa reação era de fugir dele, de tentar reprimi-lo ou racionalizá-lo. E, quando éreis obrigado a agir, vossa ação era ditada pelo medo, que, em si, isola. Portanto, uma ação resultante desse medo é necessariamente fragmentária. E, como a fragmentação é contraditória, havia muita luta, dor, ansiedade, não?

INTERROGANTE: Senhor, assim como um alejado anda de muletas, assim também a pessoa que se vê tolhida, paralisada pelo medo, tem de usar várias espécies de muletas.

KRISHNAMURTI: É isso que estamos dizendo. Tendes razão. Tendes agora uma idéia bem clara dos efeitos do medo sentido no passado: produzem ação fragmentária. Qual a diferença entre esta e a ação do medo sem a reação da memória? Quando se vos apresenta um perigo físico, que acontece?

INTERROGANTE: Ação espontânea.

KRISHNAMURTI: Chamam-na "ação espontânea" — mas, é realmente espontânea? Averiguai isso, por favor; nós estamos tentando descobrir alguma coisa. Ides pela floresta, sozinho, numa região selvagem e, de repente, surge-vos à frente uma ursa com crias. Que acontece? Sabendo que o urso é um animal perigoso, que vos acontece?

INTERROGANTE: Aumenta a adrenalina.

KRISHNAMURTI: Sim, qual a ação que se verifica?

INTERROGANTE: A gente vê que é perigoso transmitir o próprio medo ao urso.

KRISHNAMURTI: Não, não é isso: que acontece *a vós?* Naturalmente, se sentis medo, transmitis ao urso esse medo, ele se assusta e vos ataca. Isto é muito simples; não estais percebendo o ponto essencial. Já vos encontrastes com um urso, na floresta?

INTERROGANTE: Há uma pessoa aqui que teve essa experiência .

KRISHNAMURTI: Eu também. Aquele cavalheiro e eu, em certos anos, tivemos várias dessas experiências. Mas, que é que sucede? A poucos pés de distância de vós, está um urso. Manifestam-se todas as reações corporais — o fluxo de adrenalina, etc.; imediatamente vos detendes, fazeis meia-volta e fugis. Que aconteceu? Qual foi a reação? Uma reação condicionada, não? Há muitas gerações vos vêm dizendo "Cuidado com os animais selvagens!" Se vos assustais, transmitis ao animal o vosso medo e ele vos ataca. Tudo se passa instantaneamente. Que está funcionando, o medo ou a inteligência? É o medo despertado pela contínua repetição da advertência "cuidado com os animais selvagens!" — que vos condiciona desde a infância? Ou é a inteligência? A reação condicionada, em presença da fera e a ação dessa reação condicionada é uma coisa; a percepção e a ação da inteligência é outra coisa; as duas ações são inteiramente diferentes. Estais percebendo? Vem um ônibus a toda velocidade; vós não vos lançais à sua frente: a inteligência vos diz "Não faça isso!" Isso não é medo — a menos que sejais neurótico ou tenhais tomado dro-

gas. É vossa inteligência, e não o medo, que vos impede de fazê-lo.

INTERROGANTE: No encontro com um animal feroz, não tem a gente necessidade tanto da inteligência como da reação condicionada?

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Compreendei isso. Se se trata de uma reação condicionada, nela existe medo e este é transmitido ao animal; mas assim não acontece quando é a inteligência que funciona. Tratai, pois, de descobrir qual das duas coisas está operando. Se o medo, então a sua ação é incompleta e, por conseguinte, existe perigo por parte do animal; mas, na ação da inteligência não há medo nenhum.

INTERROGANTE (1): Quereis dizer que, se observo o urso com essa inteligência, posso deixar-me matar por ele sem sentir medo?

INTERROGANTE (2): Se eu nunca tivesse visto um urso, nem sequer saberia que estava em presença de um urso.

KRISHNAMURTI: Que complicações estais ambos criando! Isso é tão simples. Bem, deixemos de parte os animais. Partamos de nós mesmos — pois, em parte, somos também animais.

Os efeitos do medo e suas ações baseadas em lembranças são destrutivos, contraditórios e paralisantes. Percebeis isso — não verbalmente, porém realmente? Percebeis que, quando tendes medo, vos vedes completamente isolado e que qualquer ação provinda desse isolamento só pode ser fragmentária, por conseguinte contraditória, havendo, conseqüentemente, luta, dor, etc.? Ora, a ação resultante do percebimento do medo, sem as reações da memória, é uma ação completa. Experimentai isso! *Fazei-o!* Ficai vigilante, quando estiverdes voltando para casa; vossos velhos temores virão à superfície. Observai-os; vede se são temores reais ou apenas temores projetados pelo pensamento, como memória. Ao surgirem eles, verificai se os estais observando pela reação do pensamento, ou se estais simplesmente *observando*. O que nos interessa é a ação, porque a vida é ação. Não estamos dizendo que só uma parte da vida é ação. O viver, todo inteiro, é ação, e essa

ação foi dividida em fragmentos; a fragmentação da ação é esse processo da memória, com seus pensamentos e seu isolamento. Está claro?

INTERROGANTE: Quereis dizer que se trata de experimentar totalmente, em cada fração de segundo, sem interferência da memória?

KRISHNAMURTI: Senhor, fazendo uma pergunta dessas, cumpre-vos investigar a questão da memória. Vós necessitais da memória — quanto mais clara, quanto mais precisa, tanto melhor. Para poderdes funcionar tecnologicamente, até mesmo para poderdes voltar a casa, necessitais da memória. Mas, o pensamento, como reação da memória e, dessa memória, a projetar o medo, é um "processo" inteiramente diferente. Ora, que é o medo? Que acontece, para que exista medo? Como se verificam os nosso temores? Podeis dizer-mo?

INTERROGANTE: No meu caso, é o apego ao passado.

KRISHNAMURTI: Consideremos esta coisa: Que entendeis pela palavra "apego"?

INTERROGANTE: A mente está aferrada a uma certa coisa.

KRISHNAMURTI: Quer dizer, a mente não quer largar uma certa memória. "Quando eu era jovem, como tudo era belo!" Ou não posso largar a idéia de uma coisa que pode acontecer; assim. para me proteger cultivo uma crença. Estou apegado a uma lembrança, a uma peça de mobília, ao livro que estou escrevendo porque, escrevendo-o, me tornarei famoso. Estou apegado a um nome, a uma família, a uma casa, a diferentes lembranças, etc. Com tudo isso me identifiquei. Porque esse apego?

INTERROGANTE: Não é porque o medo constitui a base mesma de nossa civilização?

KRISHNAMURTI: Não, senhor; porque tendes apego? Que significa essa palavra — apego? Eu dependo de alguma coisa. Dependo de vosso comparecimento, para ter a quem falar. Dependo de vós e, por conseguinte, tenho-vos apego, porque esse apego me dá uma certa energia, um certo ímpeto, — e outras

baboseirais tais! Estou, pois, apegado — e isso significa o quê? Dependo de vós, dependo de meus móveis. Apegado como estou, apegado à mobília, a uma crença, a um livro, a minha família, a minha esposa, de tudo isso dependo para ter conforto, para ter prestígio, posição social. A dependência, pois, é uma forma de apego. Ora, porque dependo? Não respondais. Observai isso em vós mesmo. Vós dependeis de alguma coisa, não? De vossa pátria, de vossos deuses, de vossas crenças, das drogas que tomais, das bebidas que bebeis!

INTERROGANTE: Isso faz parte do condicionamento social.

KRISHNAMURTI: É o condicionamento social que vos faz depender? Isso significa que sois uma parte da sociedade. A sociedade não é independente de vós; vós a criastes e corrompestes, e ficastes preso nessa mesma gaiola que construístes, fazeis parte dela. Portanto, não lanceis a culpa à sociedade. Estais percebendo as "implicações" da dependência? Que é que ela implica? Porque sois dependente?

INTERROGANTE: Para não me sentir só.

KRISHNAMURTI: Um momento; escutai em silêncio: Dependo de uma certa coisa, porque ela preenche meu vazio. Dependo de meu saber, de meus conhecimentos, de meus livros, porque encobrem o meu vazio, minha superficialidade, minha estupidez; o saber, portanto, se tornou sobremodo importante. Falo acerca da beleza de certos quadros porque, em mim mesmo, deles dependo. Assim, a dependência denuncia o meu vazio, minha solidão, minha insuficiência; é isso que me faz depender de vós. Eis um fato — não? Não precisais aduzir teorias ou argumentos a respeito dele. Se eu não estivesse vazio, se não fosse insuficiente, não me importaria com o que dissésseis ou fizésseis. Não dependeria de nada. Porque me vejo vazio e só, não sei o que faça com minha vida. Escrevo um livro estulto, e ele satisfaz minha vaidade. Conseqüentemente, dependo; e isso significa que tenho medo de estar só, tenho medo de meu vazio e, por isso, o preencho com coisas materiais, com idéias, com pessoas.

Não tendes medo de desvendar vossa solidão, vosso vazio, vossa insuficiência? Vós o estais fazendo agora, não?

Por isso, sentis medo, *agora*, desse vazio. Que ides fazer? Que está ocorrendo? Antes, tínheis apego a pessoas, a idéias, a coisas de toda ordem; e agora percebeis que essa dependência esconde o vosso vazio, a vossa superficialidade. Percebendo-o, estais livre, não? Ora, qual a reação? Esse medo é reação da memória? Ou ele é real, e o estais vendo?

Estou tendo um trabalhão por vossa causa, não? Ontem, de manhã, vi uma caricatura: um menino diz para outro menino: "Quando eu crescer, vou ser um grande profeta, vou falar de verdades profundas, mas ninguém quererá escutar-me." E o outro menino diz: "Porque então quereis falar, sem ninguém para escutar?" "Ah! — retrucou ele — nós, os profetas, somos muito teimosos".

Desvelastes agora o vosso medo resultante do apego, que é dependência. Examinando-o, vedes o vosso vazio, a vossa superficialidade, a vossa insignificância, e sentis medo. Que sucede? Vede-o, senhores!

INTERROGANTE: Trato de fugir.

KRISHNAMURTI: Tentais fugir por meio de outro apego, outra dependência. Por conseguinte, voltais ao velho padrão. Mas, se estais vendo a verdade de que o apego e a dependência estão escondendo o vosso vazio, não tendes vontade de fugir, tendes? Se não vedes esse fato, não podeis deixar de fugir. Tratareis de preencher aquele vazio de outras maneiras. Antes, o preenchíeis com drogas, agora, o preencheis com o sexo ou outra coisa. Assim, quando vedes o fato, que acontece? Continuai, senhores, ide para diante! Estive apegado a minha casa, minha mulher, meus livros, meus escritos, meu desejo de ser famoso; vejo que o medo surge porque não sei o que faça com o meu vazio e, por conseguinte, dependo, tenho apego. Que faço quando me vem esse sentimento de um grande vazio dentro em mim?

INTERROGANTE: Tenho um forte sentimento...

KRISHNAMURTI:... que é medo. Descubro que sinto medo e, por conseguinte, tenho apego. Esse medo é a reação da memória ou é um descobrimento real? — descobrimento inteiramente diferente da reação do passado. Ora, qual é o vos-

so caso? Trata-se de real descobrimento? Ou da reação do passado? Não respondais. Descobri-o, senhor, penetrai em vós mesmo.

INTERROGANTE: Senhor, nesse vazio estamos, decerto, abertos para o mundo, não?

KRISHNAMURTI: Não; estou perguntando uma coisa bem diferente. O sentimento de vazio, de solidão e insuficiência — que não compreendestes bastantemente, para dar cabo dele — criou medo. Vós o descobristes agora, *aqui,* neste pavilhão? Ou trata-se do reconhecimento de uma coisa vinda do passado? Descobristes que tendes apego porque dependeis, e que dependeis porque tendes medo do vazio? Estais cônscio de vosso vazio e do "processo" que ele implica? Ao vos tornardes cônscio do vazio, há, nessa percepção, medo, ou estais simplesmente vazio? Estais vendo, simplesmente, o fato de estardes só?

INTERROGANTE: Se se pode ver esse fato, não há mais solidão.

KRISHNAMURTI: Vamos devagar, passo a passo, se não vos desagrada. Estais vendo esse fato? Ou quereis voltar à antiga dependência, ao velho apego, à interminável repetição do costumado padrão? Que ides fazer?

INTERROGANTE: Tudo isso não é a nossa condição humana? Não me vejo em melhor situação do que um cachorrinho, que não tem nenhum desses problemas.

KRISHNAMURTI: Infelizmente, nós não somos cachorros. Estou fazendo uma pergunta, a que não estais respondendo. Descobristes por vós mesmo o medo que vem de verdes o vosso vazio, vossa superficialidade, vosso isolamento? Ou, após descobri-lo, quereis fugir, apegar-vos a alguma coisa? Se não fugis por meio da dependência e do apego, que sucede, então, ao verdes o vazio.

INTERROGANTE: Liberdade.

KRISHNAMURTI: Olhai bem isso, trata-se de um problema muito complexo; não digais "liberdade". Antes, eu tinha apego para esconder o meu medo; agora, fazendo aquela pergunta,

descubro que o apego era uma fuga ao medo que vinha quando, por uma fração de segundo, eu percebia o meu vazio. Agora não fujo mais. E, então, que sucede?

INTERROGANTE: Eu diria que, após essa fração de segundo, dá-se outra fuga.

KRISHNAMURTI: Isso significa que não estais vendo a inutilidade das fugas. Conseqüentemente, persistis em fugir. Mas, se vedes, se percebeis o vosso vazio, que sucede? Se estamos de fato atentos, o que em geral sucede é perguntarmos: *Quem é* que está cônscio do vazio?

INTERROGANTE: É a mente.

KRISHNAMURTI: Por favor, não vos precipiteis. Ides seguindo passo a passo. Quem é que está cônscio do vazio? A mente? Uma parte da mente cônscia de outra parte que está só? Compreendeis esta pergunta? Torno-me subitamente cônscio de que estou só. É um fragmento de minha mente que diz "Estou só"? Então, há divisão. E, enquanto houver divisão, haverá fuga. Não percebeis isso?

INTERROGANTE: Que sucede quando se experimenta o vazio? Ao experimentar-se a solidão, já não se está cônscio dela.

KRISHNAMURTI: Tende a bondade de escutar, senhor. O que se requer aqui é a observação persistente, e não uma conclusão ou alguma coisa que achais que "devia ser". Isto é, estou cônscio de meu vazio; antes eu o escondia, agora ele foi desnudado e dele estou cônscio. *Quem* está cônscio dele? Um segmento separado, de minha mente? Se é, há então divisão entre o vazio e a entidade que está percebendo o seu vazio. Que sucede, então, nesse vazio, nessa divisão? A esse respeito nada posso fazer. Mas, como quero fazer alguma coisa, digo: "Preciso desfazer a divisão", "preciso experimentar o vazio", "Preciso agir". Enquanto houver divisão entre o observador e a coisa observada, haverá contradição e, por conseguinte, conflito. É isso que estais fazendo? Um segmento separado, da mente, a observar um vazio que não faz parte de si próprio? Qual é o caso? Senhores, vós tendes de responder a esta pergunta. Se é uma parte que está observando, então, que parte é essa?

INTERROGANTE: A inteligência nascida da energia?

KRISHNAMURTI: Não compliqueis a questão, já suficientemente complexa. Não aduzais novas palavras. Minha pergunta é muito simples. Perguntei: Ao vos tornardes cônscio desse vazio, do qual estáveis fugindo por meio do apego, e dele não estais fugindo agora, quem é que está cônscio? Cabe-vos descobri-lo.

INTERROGANTE: Esse percebimento de estarmos vazios é uma outra forma de fuga, e vemos que nada mais somos do que todas essas coisas juntas.

KRISHNAMURTI: Quando dizeis "Estou cônscio de meu vazio", isso é outra forma de fuga e ficais emaranhado numa rede de fugas. Assim é nossa vida. Se percebeis que apego é fuga, abandonais o apego. Quereis continuar andando de um meio de fuga para outro? Ou, vendo um só fator da fuga, compreendestes todos os demais fatores?

★

Senhores, não é possível sustentar uma contínua vigilância por mais de dez minutos, e já falamos durante uma hora e quinze minutos. Portanto, é melhor pararmos. Continuaremos, amanhã, a examinar esta mesma coisa, até ela se tornar *real* para vós — não por eu o dizer: trata-se de vossa própria vida.

3 de agosto de 1970.

DIÁLOGO III

As profundezas da dependência e do medo. Observação do apego. Níveis de apego. Hábito. Necessidade de ver, em seu todo, a rede dos hábitos. Como ver totalmente? Diferença entre a análise e a observação. O mecanismo que sustenta o hábito. Que é ação criadora?

KRISHNAMURTI: Ontem estivemos falando sobre a dependência e os apegos e temores que ela determina. Essa me parece uma questão importante de nossa vida, que merece profundo exame. Bem consideradas as coisas, pode-se ver que não há possibilidade de liberdade quando há qualquer forma de dependência. Há a dependência física e a dependência psicológica. A dependência biológica de alimentos, roupas e morada é uma dependência natural; mas existe um apego oriundo da necessidade biológica — como, por exemplo, possuir uma casa e a ela estar apegado psicologicamente; ou estar apegado a uma certa espécie de alimento, ou alimentos que nos forçamos a comer, em virtude de outros fatores de medo ainda não descobertos — e assim por diante.

Há dependências físicas de que podemos tornar-nos cônscios com relativa facilidade, como a dependência do fumo, das drogas, da bebida e outros estimulantes físicos de que dependemos psicologicamente. Em seguida, as diversas formas de dependência psicológica. Estas têm de ser observadas mui atentamente, já que se interpenetram, estão mutuamente relacionadas: a dependência de uma pessoa, de uma crença, de uma relação, de um hábito psicológico de pensamento. Acho que se pode

estar cônscio delas com relativa facilidade. E, uma vez que existe dependência e apego, físico ou psicológico, o pensarmos na possibilidade de perdermos aquilo a que estamos apegados cria medo.

Podemos depender de uma crença, de uma experiência ou de uma conclusão, ligada a determinado preconceito; até que profundidade vai esse apego? Não sei se já o observastes em vós mesmo. Estivemos(*) vigilante um dia inteiro, para ver se existe alguma forma de apego — vir aqui pontualmente, viver num certo chalé, andar de terra em terra, falando a diferentes públicos, a ser olhado como pessoa importante, a ser criticado, refutado. Quando se esteve observando o dia inteiro, descobre-se naturalmente o quanto se está apegado a alguma coisa ou pessoa, ou se não há apego algum. Se existe qualquer forma de apego — não importa de que natureza — a um livro, a determinado regime alimentar, determinado padrão de pensamento, determinada responsabilidade social — tal apego, invariavelmente, gera medo. E a mente que tem medo, embora ignore que esse medo provém do apego a alguma coisa, essa mente, decerto, não é livre e, por conseguinte, está condenada a viver num constante estado de conflito.

Pode uma pessoa ser dotada de um certo talento, tal um músico ou cantor, fortemente apegado a seu instrumento, à sua voz — se essa pessoa se vê incapacitada de manejar o instrumento ou de cantar, fica inteiramente desnorteada, estão terminados os seus dias de glória. Poderá ter as mãos ou o violino no seguro (e receber a respectiva indenização) ou tornar-se regente de orquestra; mas, em virtude do apego, não poderá escapar à inevitável escuridão do medo.

Não sei se cada um de nós aqui presentes — se somos verdadeiramente *sérios* — já examinou esta questão, porque liberdade significa estar livre de todo e qualquer apego e, por conseguinte, de toda e qualquer dependência. A mente que está apegada não é objetiva, não é clara, não pode pensar sãmente e observar diretamente.

Há os apegos psicológicos superficiais, e há as camadas profundas, onde pode encontrar-se alguma forma de apego. Como

---

(*) Krishnamurti se refere a si próprio. (N. do T.)

descobri-los? Como poderá a mente — que conscientemente talvez seja capaz de observar seus diferentes apegos e compreender-lhes a natureza — discernir a verdade e tudo o que ela implica? Posso ter outras formas ocultas de apego. Como desvendar esses apegos ocultos, secretos? A mente apegada a alguma coisa não pode escapar ao conflito, ao conpreender que deve abandonar esse apego, pois, de contrário, ele lhe causará sofrimento e ela tratará de apegar-se a outra coisa. Assim é nossa vida. Vejo que tenho apego a minha mulher e posso perceber todas as conseqüências desse apego. Estando-lhe apegado, percebo que isso, inevitavelmente, implica medo. Por conseqüência, vem o conflito do desapegar-me dela, e o sofrimento, o conflito na minha relação com ela. Isso é bem fácil de observar e de expor à luz, para nós mesmos.

A questão, pois, é de vermos o quanto estamos apegados a alguma forma de tradição, nos recessos profundos e ocultos de nossa mente. Prestai atenção, por favor, para verdes que a liberdade implica que se esteja completamente livre de todos os apegos, pois, do contrário, haverá necessariamente medo. E a mente que leva uma carga de medo é incapaz de compreender, de ver as coisas como são, e de transcendê-las.

Como observar os apegos ocultos? Posso ser uma pessoa obstinada e pensar que não tenho apego a nada; posso ter chegado à conclusão de que não dependo de coisa alguma. Tal conclusão leva à obstinação. Mas, se estamos aprendendo, buscando, observando, então, nesse ato de aprender, não há conclusão alguma. Em geral, estamos apegados a uma dada forma de conclusão e de acordo com ela funcionamos. Pode a mente livrar-se de formar conclusões? — estar livre de conclusões a todas as horas, e não apenas ocasionalmente?

"Gosto de cabelos compridos, não gosto de cabelos compridos", "Gosto disto, não gosto daquilo". Intelectualmente, ou em virtude de uma dada experiência, adquiristes uma certa maneira de pensar, não importa qual. Pode a mente agir sem nenhuma conclusão? Este é um dos pontos essenciais. Em segundo lugar, pode a mente revelar a si própria os ocultos apegos, padrões e dependências? E, por último, considerando-se a natureza e a estrutura do apego, pode a mente atuar numa maneira de vida que não produza isolamento, mas seja sobremodo

dinâmica, embora não fixada em ponto algum? Examinemos isso.

Antes de mais nada, estamos cônscios de que, biologicamente, fisicamente e psicologicamente, estamos apegados? Estais cônscio de vos achardes fisicamente apegado a coisas? E estais igualmente cônscio das conseqüências desses apegos? Se estais apegado ao uso do fumo, vede quanto é difícil abandoná-lo. Para os que fumam — para quem o fumar se tornou um hábito — isso é incrivelmente difícil; o fumar não só atua como estimulante e hábito social, mas há também o apego a ele. Se uma pessoa se torna cônscia de estar apegada à bebida, às drogas, a várias espécies de estimulantes, pode essa pessoa abandonar instantaneamente esse apego?

Suponhamos que eu sou apegado ao uísque e estou cônscio desse apego. Ele se tornou um hábito tremendo, meu corpo o exige, porque a ele se acostumou, não pode passar sem ele. E cheguei à conclusão de que não devo beber, porque é um hábito nocivo e os médicos me recomendaram abandoná-lo. Mas, o corpo e a mente contraíram o hábito. Pode a mente, observando esse hábito, abandoná-lo de todo, imediatamente? Vede o que aí está implicado. O corpo exige a bebida, porque a ela se habituou, e a mente diz: "Tenho de abandoná-la". Há, pois, uma batalha entre as exigências do corpo e a decisão da mente. Que fareis? Em vez do uísque, considerai vossos próprios hábitos; se não bebeis uísque, podeis ter outros hábitos fisiológicos, como franzir o sobrolho, olhar de boca aberta, tamborilar com os dedos. Examinemos isso, senhor, se vos apraz. O corpo está apegado à bebida e a mente diz "Preciso livrar-me dela" —e percebeis também que, quando há conflito entre o corpo e a mente, esse conflito se torna um problema, uma luta. Que fareis? Por favor, senhores, começai! Deveis estar verdadeiramente livre de todos os hábitos, se não desejais esclarecer esta questão.

INTERROGANTE: Ou a gente deixa de beber ou continua a beber.

KRISHNAMURTI: Que fazeis vós, realmente? Por favor, não brinqueis com esta questão, porquanto, uma vez a tenhais compreendido, vereis sua enorme importância, vereis quanto é impor-

tante agir e viver sem nenhuma espécie de esforço, vale dizer, nenhuma deformação.

INTERROGANTE: Vejo que eu sou o meu hábito.

KRISHNAMURTI: Sim. Então, que ireis fazer? Vejo que sou meu hábito, meu hábito é o meu próprio "eu".

INTERROGANTE (1): Não devemos penetrar até às raízes desses hábitos?

INTERROGANTE (2): Devemos começar por fazer cessar a resistência ao hábito.

KRISHNAMURTI: Senhor, posso dizer uma coisa? Deixemo-nos de teorias, de especulações. Não me digais o que se deve fazer, mas tratemos de investigar, de aprender não só a olhar, mas também que desse próprio ato de olhar vem a ação.

Tenho um certo hábito de coçar a cabeça, de tamborilar com os dedos, de olhar as coisas de boca aberta — coisas muito físicas. Ora, como acabar com ele sem o mínimo de esforço? Estamos considerando hábitos a que estamos apegados, consciente ou inconscientemente. Estou tomando para exemplo hábitos muito triviais, como coçar a cabeça, puxar minhas próprias orelhas, ou tamborilar com os dedos. Como pode a mente fazer cessar qualquer desses hábitos sem nenhum esforço, sabendo que todo esforço implica dualidade, implica resistência, condenação do hábito, desejo de transcedê-lo — reprimindo-o ou dele fugindo, verbalmente ou não verbalmente? Assim, tendo tudo isso em mente, compreendendo esses fatos, como posso acabar com um hábito físico sem esforço?

INTERROGANTE: Observando-o em sua totalidade.

KRISHNAMURTI: Um momento, senhor, essa asserção pode constituir a resposta a todas as nossas perguntas. "Observar o hábito em sua totalidade" — que significa isso? Não apenas *um* dado hábito, como o de coçar a cabeça ou de tamborilar com os dedos, mas todo o mecanismo dos hábitos: *a totalidade* do hábito e não apenas um fragmento. Ora, como pode a mente observar a totalidade de seus hábitos?

INTERROGANTE: Pelo percebimento passivo ou pela passiva observação.

KRISHNAMURTI: Estais citando este orador. Acho que isso de nada vos valerá. Não citeis ninguém, senhor!

INTERROGANTE: É a mente a formadora do hábito?

KRISHNAMURTI: Vede, senhor, que esta é uma questão importantíssima, quando realmente a penetramos. Pode a mente observar, não apenas um certo hábito insignificante, mas estar cônscia de todo o mecanismo formador dos hábitos? Não digais "sim", não chegueis a nenhuma conclusão. Vede o que esta questão implica. Temos, não só hábitos insignificantes, como o de tamborilar com os dedos, mas também hábitos sexuais, hábitos constituídos por padrões de pensamentos, por atividades várias. Penso *isto*, concluo *isto* — e está formado um hábito. Vivo "imerso" em hábitos, toda a minha vida é uma estrutura de hábitos. Como pode a mente tornar-se cônscia do inteiro mecanismo do hábito?

Temos mil-e-um hábitos — nossa maneira de escovar os dentes, de pentear os cabelos, de ler, de andar. Um desses hábitos é o desejo de tornar-nos famosos, de nos tornarmos importantes. Como pode a mente fazer-se cônscia de todos esses hábitos? Pode tornar-se cônscia deles, um por um? Sabeis quanto tempo isso levaria? Eu poderia passar todo o resto de minha vida a observar cada um dos meus hábitos e, contudo, não dissolver nenhum deles. Quero aprender a esse respeito. Quero descobrir isso, sem esmorecimento. Estou perguntando: É possível à mente ver toda a rede dos hábitos? Como poderá fazê-lo? Não façais conjecturas, não chegueis a alguma conclusão, não deis nenhuma explicação — isso não me interessa; não tem nenhuma significação dizer-se "Tratai de fazer alguma coisa". Eu quero aprender a esse respeito, *agora.* Que faço?

INTERROGANTE: Podemos tornar-nos cônscios do desperdício de energia que há em seguirmos um determinado padrão de hábito — ou vários padrões — e desse modo nos libertarmos dele?

KRISHNAMURTI: Venho ter convosco e digo: "Por favor, ajudai-me a descobrir isso. Estou com fome, não me deis um *menu*, dai-me comida! Estou perguntando: "Que ides fazer"?

INTERROGANTE: Compreendendo totalmente um dado hábito, talvez me seja possível libertar-me de todos os hábitos.

KRISHNAMURTI: Como posso observar um hábito, como o de fazer girar os polegares, e ver todos os demais hábitos? É possível isso, quando se trata de um hábito tão insignificante? Sei que o faço devido a uma certa tensão. Não suporto minha mulher e, assim, criei esse hábito peculiar; ou faço-o porque sou nervoso, tímido, etc. Mas, eu quero aprender sobre toda a trama dos hábitos. Devo fazê-lo pouco a pouco, ou há uma maneira de ver toda a trama instantaneamente? Respondei-me, por favor.

INTERROGANTE: A estrutura dos hábitos se compõe de duas partes...

KRISHNAMURTI: Duas partes: os hábitos e o observador ocupado com esses hábitos. E o observador é também um hábito. São, portanto, dois hábitos. Estou tamborilando com os dedos e a observação desse hábito vem de uma entidade que é também o resultado de hábitos. Tudo hábito! Assim, senhores, como ireis ajudar-me, ensinar-me, fazer-me aprender a esse respeito?

INTERROGANTE: Minha vida é toda de hábito; minha mente é um hábito; é o estado de minha mente que tenho de mudar.

KRISHNAMURTI: Quem é o "eu" que vai mudá-lo? O "eu" é também um hábito, o "eu" é uma série de palavras, memórias e conhecimentos, vindos do passado, também um hábito.

INTERROGANTE: Já que estamos completamente enredados em hábitos, é óbvio que não sabemos.

KRISHNAMURTI: Então, porque não dizeis logo: "Não sei" — em vez de ficardes jogando com palavras? Se *não sabeis,* vamos então aprender juntos. Mas, primeiro, tende certeza de que "não sabeis"; e não citeis ninguém. Estamos preparados para dizer "Realmente, não sei"?

INTERROGANTE: Mas, porque é que temos esses hábitos?

KRISHNAMURTI: Isso é bastante simples. Se tenho uma dúzia de hábitos — levantar-me todas as manhãs às oito horas, ir para o escritório, voltar a casa às seis, tomar um "gole", etc. — não tenho necessidade de pensar muito, de estar muito des-

perto. A mente gosta de funcionar dentro de canais, de hábitos, porque, assim, se sente abrigada, em segurança. Isto não requer muita explicação. Ora, como pode a mente observar *toda* a rede dos hábitos?

INTERROGANTE: Talvez prestando atenção em todos os momentos, enquanto nossas energias o permitirem.

KRISHNAMURTI: Estais vendo? — isso é uma pura idéia. Não me interessam idéias. Senhor, dissestes uma coisa: Se a mente for capaz de ver *toda* a estrutura e a natureza do mecanismo do hábito, poderá haver uma ação de espécie diferente. É isso que estamos investigando; posso examiná-lo? Façamos juntos esse exame.

Como pode a mente, que inclui o cérebro, ver uma coisa totalmente? — não apenas o hábito: qualquer coisa? Nós vemos as coisas fragmentariamente, não é verdade? Trabalho, família, comunidade, indivíduos, minha opinião, vossa opinião, meu Deus, vosso Deus — tudo vemos em fragmentos. Não é um fato isto? Estais cônscio dele? Se só se vê fragmentariamente, não há possibilidade de ver-se a totalidade. Se vejo a vida em fragmentos, porque minha mente está condicionada, é claro que não posso ver a totalidade do ente humano. Se me separo, por causa de minha ambição, de meus preconceitos pessoais, não posso ver o todo. Estou bem cônscio de estar olhando a vida parcialmente — "eu" e "não eu", "nós" e "eles"? É assim que olho a vida? Se é, então, naturalmente, não posso ver coisa alguma totalmente. Apresenta-se, assim, a questão: Como pode a mente, tão enredada que está nesse hábito de ver e agir fragmentariamente, ver o todo? Claro que não pode. Se estou todo interessado em meu próprio preenchimento, na realização de minha ambição, no competir e no meu desejo de sucesso, não posso ver a humanidade no seu todo. Assim, que me cumpre fazer? O desejo de me preencher, de ser uma notabilidade, de realizar alguma coisa importante, é um hábito — um hábito social e bem assim um hábito que me dá prazer. Se ando pela rua, e todos me olham e apontam: "Lá vai *ele*!" — isso me dá um enorme prazer. Enquanto a mente continuar a operar nesse campo da fragmentação, é óbvio, não poderá ver o todo. Agora, o que pergunto é isto: "Que pode fazer a mente que está funcionando em fragmentos e percebe que não

tem nenhuma possibilidade de ver o todo? Terá de analisar e compreender cada fragmento? Isso levará uma eternidade. Estais aguardando uma resposta deste orador?

INTERROGANTE: Há necessidade de silêncio total.

KRISHNAMURTI: Lá está ele citando alguém!(*)

INTERROGANTE: Se pudéssemos ver, agora mesmo, todos os nossos hábitos, tais como realmente são, e ver o processo que nos está impedindo de vê-los realmente, neste instante...

KRISHNAMURTI: Não é isso o que estamos fazendo? Não estais indo para diante, mas voltando para trás repetidamente. Neste momento, estou a tamborilar com os dedos, a escutar de boca aberta o que se diz, e vejo que isso é um hábito. E o que pergunto é isto: Posso compreender, agora mesmo, todo o mecanismo do hábito? Não estais prestando atenção. Ora, senhor, a mente que está em fragmentos não pode de modo nenhum ver o todo. Assim, pego um determinado hábito e, aprendendo a respeito desse hábito, percebo o inteiro mecanismo de todos os hábitos. Que hábito podemos considerar?

INTERROGANTE: Fumar...

KRISHNAMURTI: Está bem. Eu não estou analisando; compreendeis a diferença entre análise e observação? Análise implica a entidade que analisa, e as coisas que vão ser analisadas. A coisa a analisar é o hábito de fumar e, para analisá-la, há necessidade de um analista. A diferença entre análise e observação é esta: observar é ver diretamente, sem análise, ver sem o observador, ver o vestido vermelho, cor-de-rosa ou preto, tal qual é, sem dizer "não gosto". Só há observação. Entendeis? No ver, não há observador. Vejo a cor vermelha e não há "gostar" nem "não gostar". A análise implica: "Não gosto do vermelho porque minha mãe, que brigava muito com o meu pai..." A análise levou o que estou analisando para os dias de minha infância. A análise, portanto, requer um analista. Por favor, procurai perceber a divisão entre o analista e a coisa analisada. Na

---

(*) "Alguém" refere-se ao próprio Krishnamurti. Foi ele quem disse que há necessidade de silêncio total. (N. do T.)

observação, não há separação: há observação sem o "censor", sem se dizer "gosto", "não gosto", "isto é belo", "aquilo não é belo", "isto é meu", "aquilo não é meu". Eis o que vos cabe fazer, em vez de vos limitardes a tecer teorias a respeito do assunto. Então, *descobrireis*!

Como disse, não estamos analisando, porém simplesmente observando o hábito de fumar. Observando-o, que é que se revela? — não peço vossa interpretação do que se revela. Percebeis a diferença? Não há interpretação, não há tradução, não há justificação, não há condenação. Que revela o hábito de fumar?

INTERROGANTE: Revela que estamos enchendo os pulmões de fumaça.

KRISHNAMURTI: Sim, isso é um fato. Em segundo lugar, que vos diz esse fato? Ele vos "contará a história" do hábito de fumar, se vos abstiverdes de interpretar. Se puderdes "escutar", se puderdes observar o hábito de fumar, o quadro que observardes vos dirá tudo. Ora, que vos revela esse hábito? — que estais enchendo de fumaça os pulmões. Que mais?

INTERROGANTE: Que dependemos dele.

KRISHNAMURTI: Revela-vos que estais na dependência de uma erva.

INTERROGANTE: E que, interiormente, estamos vazios.

KRISHNAMURTI: Essa é vossa tradução. Que é que o hábito vos revela — a *vós*?

INTERROGANTE: Vejo que é apenas uma ação mecânica, que pratico automaticamente, sem pensar.

KRISHNAMURTI: Revela-vos que estais fazendo maquinalmente uma certa coisa. Revela-vos que, a primeira vez que fumastes, vos sentistes mal; achastes desagradável fumar, mas, vendo outras pessoas fumarem, continuastes a fazê-lo. Agora, isso se tornou um hábito.

INTERROGANTE: Não nos revela também que, de certo modo, ele nos tranqüiliza?

KRISHNAMURTI: Revela-vos que ele vos faz dormir, ajuda-vos a narcotizar-vos, acalma-vos os nervos, tira-vos o apetite, não vos deixando engordar demais.

INTERROGANTE: Revela-nos que estamos aborrecidos da vida.

KRISHNAMURTI: Demonstra-vos que ele vos põe à vontade, quando travais conhecimento com certas pessoas, se vos sentis nervoso. Muita coisa pode ele revelar.

INTERROGANTE: Mostra-me que estou desatento.

KRISHNAMURTI: Essa é vossa tradução; ele não vos está dizendo que sois desatento.

INTERROGANTE: Proporciona-me uma certa satisfação, principalmente depois do jantar.

KRISHNAMURTI: Sim, ele vos ajuda, vos está dizendo tudo isso. E, porque fazeis essa coisa? Escutai, senhor, não me respondais tão apressadamente, por favor(*). Porque é que estais aceitando tudo o que ele vos revelou? A televisão vos diz o que deveis saber, que marca de sabonete usar, etc. etc. Conheceis bem esses anúncios. A todas as horas vos estão dizendo alguma coisa — porque a aceitais? Os livros sagrados vos dizem o que deveis e o que não deveis fazer. Porque aceitais a propaganda das igrejas ou dos políticos?

INTERROGANTE: Porque é mais fácil seguir um sistema.

KRISHNAMURTI: Porque o seguis? Porque necessitais de segurança; da companhia de outros; porque desejais ser igual aos demais? Isso significa que tendes medo de não ser igual aos outros. Quereis ser igual a todos os demais porque nisso achais perfeita segurança. Se não sois católico num país católico, encontrais muitas dificuldades. Se estais num país comunista, e não seguis a linha do partido, encontrareis também dificuldades.

Vejo, agora, o que revelou o quadro desse hábito (o fumo) e porque nele estou enredado: a relação entre mim e o cigarro. Assim é o hábito, tal é a maneira como está funcionando minha

---

(*) Palavras dirigidas a um aparteante. (N. do T.)

mente inteira. Faço uma certa coisa porque ela me dá segurança. Contraio um hábito — trivial ou importante — porque ele me dispensa de pensar no que estou fazendo. Assim, a mente considera seguro funcionar na rede dos hábitos. Estou vendo todo o mecanismo da formação dos hábitos. Por meio do hábito de fumar, descobri todo o padrão, descobri o mecanismo que está produzindo os hábitos.

INTERROGANTE: Não compreendo bem como, "escutando" um só hábito, posso ver todo o mecanismo do hábito.

KRISHNAMURTI: Eu vo-lo mostrei. O hábito implica estarmos funcionando mecanicamente e, pela observação do hábito mecânico de fumar, percebo como a mente funciona numa rede de hábitos.

INTERROGANTE: Mas, são mecânicos todos os hábitos?

KRISHNAMURTI: Têm de ser; se usamos a palavra "hábito", ela indica necessariamente uma coisa mecânica.

INTERROGANTE: Não há formas de dependência mais profundas do que os meros hábitos mecânicos?

KRISHNAMURTI: Se se usa a palavra "hábito", ela implica repetição mecânica; formar um hábito significa fazer a mesma coisa vezes sobre vezes. Assim, não há "bom hábito" nem "mau hábito": estamos interessados unicamente no hábito.

INTERROGANTE: Se, por exemplo, tenho o hábito do poder, ou o hábito do conforto, ou o hábito da propriedade, isso não é uma coisa mais profunda do que o mero hábito mecânico?

KRISHNAMURTI: O "hábito do poder", a necessidade de poder, posição, domínio, agressão, violência — tudo isso está implicado no desejo de poder. Fazer o que se quer, como uma criança, ou um adulto — isso se tornou um hábito.

INTERROGANTE: Ou, necessitando de segurança...

KRISHNAMURTI: Eu já disse que o hábito proporciona segurança, etc. Examinando aquele hábito (fumar), vi que todos os hábitos se baseiam na necessidade de segurança. Uma vez que os hábitos são mecânicos, "repetitivos", quando digo "De-

sejo ser um grande homem", caí na rede, porque nesse hábito encontro segurança, e é isto que estou buscando. No fundo (não estamos considerando os hábitos bons ou maus, mas, tão-só, *o hábito*), no fundo todos os hábitos são mecânicos. Tudo o que faço repetidamente, o que significa fazer a mesma coisa de ontem para hoje, de hoje para amanhã, é necessariamente mecânico. Certas ações mecânicas podem ter um pouco mais de "polimento", não sofrer atritos, mas são sempre hábitos, coisas repetidas, como é bem óbvio.

INTERROGANTE: Diríeis que certas atividades criadoras são hábitos?

KRISHNAMURTI: Respondamos a esta pergunta: Pode-se dizer que a atividade criadora é um hábito?

INTERROGANTE: A ação criadora implica vigor; não se faz esforço para ser criador.

KRISHNAMURTI: Estais dizendo isso porque sois "criador", ou estais apenas conjecturando? Temos de perguntar o que entendeis por "atividade criadora". Esta pergunta é importantíssima, e vós a desconsiderais. Pintais um quadro: ou o fazeis porque amais a arte, ou porque ela vos dá dinheiro, ou porque desejais descobrir uma maneira original de pintar, etc. Que significa "ser criador"? Um homem que escreve um poema porque não pode suportar sua mulher ou a sociedade, é criador esse homem? O homem que está apegado ao seu violino, porque com ele ganha rios de dinheiro, é criador? E aquele que, vendo-se num estado de grande tensão interior, escreve dramas que o mundo aplaude — chamaríeis a esse homem "criador"? O homem que bebe e, no estado de embriaguez, escreve uma maravilhosa poesia, cheia de ritmo — é criador?

INTERROGANTE: Como podeis julgar?

KRISHNAMURTI: Eu não julgo.

INTERROGANTE: Mas vós suscitastes esta questão. Se digo que alguém é ou não é criador, estou julgando.

KRISHNAMURTI: Eu não estou julgando, senhor; estou perguntando, estou aprendendo. Observo as pessoas que escrevem

livros, que compõem poemas ou dramas, que tocam violino. Vejo o fato à minha frente, não digo "isto é bom" ou "isto é mau"; pergunto: Que é atividade criadora? No momento em que digo "Isto é bom", acabou-se, não posso aprender. E eu quero aprender, quero descobrir o que significa "ser criador".

INTERROGANTE: Talvez signifique ser dotado de uma certa e "inocente"(*) capacidade de apreender o todo...

KRISHNAMURTI: Não sei; talvez. Eu quero descobrir, quero aprender.

INTERROGANTE: Significa estar desperto, vivo.

KRISHNAMURTI: Vou ao museu, vejo todos os quadros, admiro-os, comparo-os entre si e digo: "Que gênios criadores!" Por isso, quero averiguar o que significa "ser criador". Preciso compor uma poesia, pintar um quadro, escrever um drama, para ser criador? Isto é, a potência de criar exige expressão? Tende a bondade de escutar atentamente. A mulher que coze pão, numa cozinha sufocante, é criadora?

INTERROGANTE: Em geral chamamos "criadoras" a tais atividades.

KRISHNAMURTI: Estou interrogando. Não digo que não sejam; não sei; quero aprender.

INTERROGANTE: Se faço pão, sem nunca o ter feito na minha vida, sou criador.

KRISHNAMURTI: Eu vos estou perguntando, senhor, o que é atividade criadora.

INTERROGANTE: Nós somos "criadores" neste momento.

KRISHNAMURTI: Não, não. Observando as atividades que o homem costuma chamar "criadoras", pergunto a mim mesmo: Que é potência criadora? Ela necessita de expressão? — tal como assar pão, pintar quadros, escrever dramas, ganhar dinheiro. Ela exige expressão?

(*) Isto é, não contaminada pelo passado (este é o sentido geral que K. dá à palavra "inocente"). (N. do T.)

INTERROGANTE: Sim, penso que somos criadores agora.

KRISHNAMURTI: Não é esse o ponto essencial. O ponto é este: Sois criador ou estais meramente a ouvir alguém que vos está chamando a atenção para isso?

INTERROGANTE: Penso que uma pessoa cria quando observa não criticamente.

KRISHNAMURTI: Não digais "penso". Vede, senhor, estou apaixonadamente empenhado em descobrir.

INTERROGANTE: No momento em que uma pessoa vê que está apegada a certas coisas, nesse mesmo momento de ver ela atua. Esse é o momento da criação.

KRISHNAMURTI: Por conseguinte, estais dizendo "ver é agir, e nesse momento há criação". — Isso é uma definição.

INTERROGANTE: Criação não é estar em harmonia com a Natureza?

KRISHNAMURTI: Vós estais em harmonia com a Natureza? Não estais percebendo aonde quero chegar. Eu quero descobrir, senhor, tenho fome; observei os grandes pintores, assisti a todos os dramas célebres, etc., e pergunto: Que é criação? Que é ser criador? Não deis uma definição. Eu quero aprender.

INTERROGANTE: Fazer uma coisa nova é ser criador.

KRISHNAMURTI: Que significa isso? Fazer uma coisa totalmente nova e original, sem nenhuma decisão? Isso significa que o passado deve terminar. Em vós, ele terminou? Ou estais meramente a falar acerca de criação assim como falais acerca de um livro? Se é isso, estou fora desse jogo. Quero *aprender*, estou apaixonado, quero verter lágrimas nesse trabalho, nessa busca! Um homem pode viver criadoramente, sem fazer nenhuma dessas coisas, sem assar pão, sem pintar quadros, sem escrever um poema. Só podeis viver criadoramente quando vossa mente não está fragmentada, quando não há medo, quando a mente está livre de tudo o que vem do passado, livre do conhecido.

INTERROGANTE: Para mim a criação não é uma coisa, é um movimento.

KRISHNAMURTI: Não "para vós", senhor, nem "para mim" — estais, todos vós, tornando a coisa pessoal. Criação não é uma opinião. Estou com fome, e me estais enchendo de palavras. Isso significa que vós não tendes fome. Ontem, depois de falar sobre o apego, estive observando esse fato; a mente esteve vigilante o dia todo, para ver se eu tinha apego a *alguma coisa* — a sentar-me num estrado para discursar, falar a pessoas, a escrever; apego a alguém, a idéias, a uma cadeira. Cumpre investigar, pois, investigando, descobrem-se coisas extraordinárias, a beleza da liberdade, e do amor que nasce dessa liberdade. Quando se fala em criação isso significa uma mente que desconhece a agressão.

Assim, para compreendermos o mecanismo, a trama dos hábitos, temos de estar vigilantes, penetrar o fato, fazê-lo circular em nossas veias, fluir como aquele rio em movimento. Deixai que essa investigação vos conduza, através do dia, a maravilhosos descobrimentos!

4 de agosto de 1970.

DIÁLOGO IV

Necessidade de ver toda a trama dos temores e fugas. A luta contra o apego é um movimento resultante da fragmentação. Pode-se alcançar a integração e o esclarecimento por meio da fragmentação? Como surge a fragmentação? O pensamento e a categoria do tempo. Visto que o pensamento causa divisão e, entretanto, é uma função necessária, que cumpre fazer? Função da mente libertada do "conhecido". Necessidade de fazer a pergunta sobre o "impossível".

KRISHNAMURTI: Estivemos falando sobre o apego, que leva inevitavelmente ao medo. Aludimos, também, às várias formas do medo — os temores que temos, tanto conscientes, como inconscientes. Perguntamos, agora, se se pode observar todo o conjunto desses temores e os diferentes meios de fuga, sem se fazer uso de nenhum processo analítico. Acho necessário aprofundarmos bem esta matéria, porque a mente que não está livre do medo e das diferentes formas de fuga ficará inevitavelmente paralisada, se tornará ininteligente, ainda que esteja seguindo vários sistemas de meditação, etc. — o que é muito fútil e infantil, quando não se está completamente libertado do medo.

Podemos fazer agora um exame muito mais profundo da mente, observando não apenas as suas camadas superficiais, mas também penetrando-lhe as camadas mais profundas e ocultas, onde existem temores? Como a maioria das pessoas estão apegadas a uma coisa ou outra, isso indica que elas estão fugindo de sua própria solidão, suas frustrações, seu vazio e superficialidade. Ora, estando-se cônscio desse movimento de medo, desse

movimento de fuga ao vazio — pode-se ver esse "processo" em sua inteireza, e não apenas parcialmente?

Para se ver uma coisa totalmente, deve cessar de todo a atividade fragmentária da mente que deseja resultados: "Quero livrar-me do medo, a fim de atingir um outro estado"; ou "Seguirei tais e tais sistemas de meditação, a fim de alcançar o esclarecimento"; "Vou disciplinar, controlar, moldar a mim mesmo, para ver coisas extraordinárias". — Tal maneira de pensar, de viver e agir é fragmentária. Não sei se percebeis isso claramente.

Pode-se observar toda a trama do medo, do qual passamos toda a existência a fugir, bem como os vários meios de fuga de que nos servimos? Podem-se observar essas complicadas e tão sutis formas de fuga que são a própria essência do medo?

Vê-se que a ação resultante de qualquer espécie de conclusão é fragmentária, já que susta o aprender; podeis começar a aprender, mas, se em qualquer momento formar-se uma conclusão, como resultado desse aprender, ele se tornará fragmentário. Que é que produz a fragmentação? Já consideramos o medo que há quando nos vemos apegados a alguma coisa, e o cultivo do desapego como meio de vencer o medo. Isso é pensamento fragmentário. Que é que causa a fragmentação em nossa vida? Peço-vos, senhores, não tirardes nenhuma conclusão do que estais ouvindo. Eu desejo realmente comunicar-vos uma coisa, dizer-vos que temos a possibilidade de libertar-nos total e completamente do medo — não só de nossos temores biológicos, físicos, mas também dos profundos temores psicológicos.

O medo é uma conseqüência da fragmentação. O apego é uma conseqüência da fragmentação. E ver o apego e tentar ser desapegado é um movimento resultante da fragmentação. Tenho apego a minha família e descubro que esse apego causa dor ou prazer. Se é doloroso, quero lutar contra ele, para dele me libertar. Esse, como dissemos, é um movimento resultante da fragmentação e, por conseguinte, dele não pode vir solução nenhuma. Qual é a base, qual o mecanismo dessa fragmentação de nossa vida? — fragmentação tanto interior como exterior: divisão em diferentes nacionalidades, religiões, costumes? Com um desses fragmentos esperamos chegar a uma síntese, ao estado de integração, de esclarecimento, ou como quer que o chameis.

Isto é, por meio da fragmentação, esperais "produzir" uma mente não fragmentária. Isso é possível? Os iogues, os *rishis* e os vários *gurus* prometem tais coisas. Mas, *nós* temos de descobrir porque se torna existente a fragmentação, qual o seu mecanismo, e não, chegar a uma conclusão verbal ou intelectual a respeito de seu processo. Temos de ver, na realidade, não analiticamente, todo o seu mecanismo. Não sei se me estou fazendo entender. Senão, é bom parar, para considerarmos juntos esta matéria.

INTERROGANTE: Esses sábios, esses *rishis* — como os chamais — não são homens esclarecidos?

KRISHNAMURTI: Que achais vós? Quereis minha opinião? Só os desassisados dão opiniões. Como podeis saber quem é "esclarecido"? Nunca fazeis essa pergunta. Eu posso sentar-me num palanque e dizer que sou o mais sábio, o mais esclarecido, o mais divino dos entes humanos, mas, como podeis saber que o sou? É isso que está acontecendo no mundo. Chega um homem, faz tais asserções e manda-vos fazer certas coisas para alcançardes o esclarecimento: "Eu o tenho e vo-lo posso dar". Como sabeis que ele é um homem esclarecido? E que importa saber quem é esclarecido e quem não é?

INTERROGANTE: Uma pessoa pode ter experiências por si própria, fazendo certas coisas, seguindo um certo método.

KRISHNAMURTI: Não, senhor, não há nenhum método para seguir. Não vamos oferecer-vos nenhum método. Nós estamos aprendendo. Aprender não é seguir um método. Pode-se aprender alguma coisa por meio de um método, mas o que se aprende só serve para condicionar a mente a esse sistema. Aprender é observar. Se observamos que um dado sistema condiciona e mecaniza a mente, então todos os sistemas dão o mesmo resultado: aprende-se o que o sistema dá. Por meio de um sistema pode-se ter a mais fantástica experiência, mas tal experiência será sempre muito limitada. Isso é perfeitamente óbvio.

INTERROGANTE: Para começar, não se poderia fazer uso de um sistema, só para se ter uma idéia, ainda que parcial, de sua eficácia e, daí, iniciar a "grande viagem"?

KRISHNAMURTI: Que utilidade tem começar com muletas e depois largá-las? Senhor, porque ficar agarrado a cordéis, quando tendes a possibilidade de, pela observação de vós mesmo, "aprender" todo o fenômeno da existência — e passar além? Senhor, se quereis a ajuda de um instrutor, permiti-me ponderar, mui respeitosamente, que essa idéia de que alguém pode ensinar-vos é o maior dos empecilhos. É começar justamente com uma fragmentação, uma divisão — vós e o instrutor, vós e o "iluminado". Uma evidente divisão.

INTERROGANTE: Mas, vós não estais ensinando?

KRISHNAMURTI: Eu? Desde o começo, este orador tem dito que não há instrutor nem discípulo. Isso ele vem dizendo há quarenta e cinco anos, não por falta de siso ou por efeito de uma reação, mas, sim, porque percebeu a verdade de que ninguém pode "ensinar esclarecimento" a outra pessoa por meio de um sistema, nem tampouco pela meditação ou qualquer espécie de disciplina. Esta verdade, ele a viu há quarenta e cinco anos e, agora, perguntais: sois ou não sois um instrutor? Eu já vos expliquei que não o sou. Ser instrutor significa que uma certa pessoa acumulou conhecimentos e os transmite a outros, assim como um professor transmite aos alunos os seus conhecimentos. Não é esta, de modo nenhum, a nossa relação aqui. Aqui, nós estamos aprendendo juntos, como já explicamos bem claramente. *Comunicação* significa que as pessoas estão aprendendo juntas, criando juntas, observando juntas. Compreendendo-se isso, a comunicação se torna totalmente diferente. Mas, se supondes que este orador, por estar sentado num palanque, sabe mais do que vós, é um homem esclarecido, eu vos peço: tende a bondade de não atribuir-lhe tais coisas! Vós nada sabeis acerca de "esclarecimento". Se soubésseis o que é isso, se o compreendêsseis, se o vivêsseis, não vos acharíeis aqui. Uma das coisas mais extraordinárias é descobrir, aprender, e não, "ser ensinado". Não se precisa pagar nada a ninguém, para *aprender.* Imagine-se — pagar dinheiro para "aprender a verdade"! Que estais vós fazendo — aprendendo ou "sendo ensinados"?

Senhores, estamos tentando descobrir o que a fragmentação implica. Quando há instrutor e discípulo, isso é fragmentação. "Eu superior", "eu inferior" "alma" e "corpo"... divisão, sempre divisão!

INTERROGANTE: O pensamento só é capaz de dar atenção a uma coisa de cada vez. Não é, pois, o pensamento a causa da fragmentação? Se o pensamento, para dar atenção a uma coisa, tem de rejeitar as demais, isso significa que o pensamento, inevitavelmente, gera fragmentação; a própria atividade de pensar é fragmentação.

KRISHNAMURTI: Nós vamos aprender: tende a bondade de não tirar conclusões. Eu estou perguntando por que razão vivemos neste estado de fragmentação, como acontece isso. Qual a causa oculta dessa fragmentação? Suponhamos uma coisa muito simples: Vós sois o instrutor, e eu o discípulo; porque esta divisão entre vós e mim? Quero aprender ou quero seguir a autoridade que estais representando ou que a vós mesmo outorgastes? Vós dizeis que sabeis, que sois um homem esclarecido; e eu quero ter o que tendes, sou ávido, preciso de uma coisa que me dê felicidade. Por isso, vos sigo: sois o mestre, e eu o discípulo. Seguir é fragmentação. Nunca indaguei por que razão vos sigo. Qual a razão, qual a base de minha aceitação de vós como autoridade? Podeis ser um neurótico, um maníaco que teve alguma experiência insignificante e a encheu de vento até torná-la uma coisa "formidável"; como sou incapaz de julgamento, deixo-me fascinar por vossas barbas, vossos olhos ou outra coisa qualquer, e vos sigo, pura e simplesmente. Mas, se desejo aprender, não vos aceitarei como autoridade, porque no mesmo instante em que o fizer estará iniciada a fragmentação. Vede isso, por favor!

Qualquer que seja a espécie de autoridade — espiritual, política, militar — no momento em que a supomos, no momento em que suponho que vós sabeis e eu não sei, está criada a fragmentação. E esta, inevitavelmente, levará ao conflito entre vós, o mestre, e eu(*). Está bem claro isto? Se está, *nunca mais* seguirei ninguém.

INTERROGANTE: Se a pessoa nos faz bem, senhor, porque não devemos segui-la? Não é melhor um fragmento do que nada?

KRISHNAMURTI: O mestre me ensina uma coisa e eu a faço. Fazendo-a, sinto muito deleite, muito prazer: compreendi o que

---

(*) Isto é, entre vós (que sois o mestre) e eu. São duas pessoas e não três. (N. do T.)

me foi ensinado! Que indica isso? Indica minha ânsia de experiência, de compreensão, não de mim mesmo, mas daquilo que o *guru* diz. Se ele dissesse: "Compreendei a vós mesmo" — isso, sim, seria muito mais importante do que outra qualquer coisa que ele dissesse. Não tenteis compreender-me: tratai de compreender-vos. Mas, preferis seguir-me a compreender a vós mesmo! Porque existe essa fragmentação?

INTERROGANTE: Porque somos constituídos de "processos" fragmentários. Nossas faculdades são fragmentárias, cada uma delas com uma função especial.

KRISHNAMURTI: Tendes talento para a engenharia; porque deve, dessa faculdade, resultar fragmentação? Tenho aptidão para tocar piano; porque deve essa aptidão produzir fragmentação? Não estis pondo a carroça na frente do cavalo? É a faculdade que produz a fragmentação, ou é a mente que, estando fragmentada, se está servindo de um dos seus fragmentos, uma das suas faculdades e, por conseguinte, tornando mais forte a divisão?

Eu quero aprender a respeito dessa fragmentação. Se eu pudesse esclarecê-la, minha ação se tornaria completamente diferente, já não seria fragmentária. Portanto, preciso investigá-la. Não quero chegar a nenhuma conclusão, nem começar com uma conclusão. Há fragmentação: o instrutor e o discípulo, a autoridade, o seguidor, o homem que se diz "iluminado", o que diz "não sei", o comunista, o socialista — porquê? Como acontece isso? Se eu a compreendesse verdadeiramente, aprendesse tudo a seu respeito, ficaria livre dela. Minha relação com outrem seria inteiramente diferente, minha ação seria total, de cada vez. Portanto, tenho o *dever* de compreendê-la. Que dizeis vós, senhores?

INTERROGANTE: Nós vivemos num estado de expectativa e de desejo.

KRISHNAMURTI: Vivemos na expectativa, e essa própria expectativa é uma das conseqüências da fragmentação. Que estais *esperando*? É essa a verdadeira causa da fragmentação? Ou é um dos efeitos da fragmentação, tal como o desejo de sucesso? Desejar sucesso é efeito de minha fragmentação? Esta é uma

questão da maior importância. Quero ter sucesso, pintando, escrevendo, por este ou aquele meio. Assim, qual a base da fragmentação?

INTERROGANTE: Ela se deve a que cada uma de nossas faculdades é limitada, nossa visão é limitada, nossos sentidos e nossa inteligência são limitados; nenhuma possibilidade temos de ver o todo de uma só vez.

KRISHNAMURTI: "Minha visão só tem uma direção; se eu tivesse olhos atrás, poderia ver a coisa toda inteira". É disso que estamos tratando? Estou, por acaso, dizendo que minha visão é limitada? Naturalmente, minha visão física é limitada: não posso ver *toda* a cordilheira dos Alpes; talvez pudesse vê-la do alto, num avião. Mas, certamente, não é disso que estamos tratando. Estamos considerando por que razão a mente, o cérebro, divide.

INTERROGANTE: Não temos possibilidade de pensar no mundo inteiro de uma só vez.

KRISHNAMURTI: Estais, portanto, dizendo que a fragmentação existirá enquanto existir o pensamento, que é incapaz de pensar no todo de uma só vez; que ele é a causa da fragmentação.

INTERROGANTE: Sim; e nossa comunicação com outras pessoas é também fragmentária. Agora mesmo estamos pensando em autoconhecimento e não em alpinismo. Não se pode pôr tudo junto.

KRISHNAMURTI: Ora, vejamos bem claramente de que é que estamos tratando. Não é de alpinismo — como dissestes — nem de ter olhos atrás. Estamos falando a respeito de nossa mente, de nossas maneiras de pensar, de olhar, de escutar, de tirar conclusões. Porque existe esse "processo", que inevitavelmente acarreta fragmentação? É disso que estamos tratando.

INTERROGANTE: Examiná-lo já é uma atividade fragmentária.

KRISHNAMURTI: Sim; o próprio exame desta questão já é uma fragmentação. Mas, nós estamos perguntando porque é que

existe essa fragmentação. Porque não posso estar em total comunicação convosco, e vós comigo? Averigüemo-lo com vagar. Qual o processo, o mecanismo, a causa dessa fragmentação?

INTERROGANTE: É que estamos apegados a nossas idéias acerca de nós mesmos, e a nossas idéias sobre certas coisas.

KRISHNAMURTI: Sim, estamos apegados com todas as forças a uma conclusão, e tal é a causa da fragmentação. Mas, porque ficamos apegados a uma conclusão?

INTERROGANTE: Continuo a pensar que tudo é resultado da *comunicação*. Por exemplo, na escola recebemos lições de francês, de inglês, de geografia. Desde o começo, nossa educação é fragmentária.

KRISHNAMURTI: Estais dizendo que nossa educação é fragmentária e, por conseguinte, desde pequenos nossa mente é condicionada por esta fragmentação.

INTERROGANTE: O processo de pensar consiste em formar conclusões; não se pode pensar sem formar uma conclusão.

KRISHNAMURTI: Portanto, todos vós estais dizendo, por palavras mais ou menos diferentes, que o pensamento é a origem de toda a fragmentação.

INTERROGANTE: O pensamento é um fragmento de nós mesmos.

KRISHNAMURTI: Sim, o pensamento, o pensar, é fragmentário. É um fragmento de nós mesmos.

INTERROGANTE: O resultado de nosso pensar, ou sejam nossas conclusões, produz necessariamente mais fragmentação.

KRISHNAMURTI: Tendes razão, senhor. Estais, pois, a dizer-me — e eu também estou aprendendo, tal como vós — que o pensamento é a origem de toda a fragmentação. Averigüemos bem isso; não digais "sim" nem "não". O pensamento é o resultado, a reação da memória, e a memória é o passado. E, evidentemente, essa memória do passado é sempre dividida — o passado, hoje, e amanhã; a experiência passada, a experiência presente, e a futura. É o passado quem diz "não aprendi, não

sei, e vou aprender de vós". Não é esta a causa principal da fragmentação? Que dizeis, senhores?

INTERROGANTE: Já dissestes tudo isso ao falardes sobre o tempo. O percebimento do tempo afasta-nos a atenção do presente e, portanto, divide.

KRISHNAMURTI: O tempo divide, sem dúvida. Que é o tempo? Averiguai-o, senhor. Há o tempo cronológico: tenho de ir à estação para tomar um trem que parte a uma certa hora. E há o tempo de que necessito para realizar alguma coisa, para ter sucesso: vós sabeis, eu não sei, mas aprenderei; tudo isso implica o tempo psicológico! Isto é, eu penso: Vou aprender passo por passo. Irei subindo gradualmente, de degrau em degrau e, no fim, alcançarei aquele estado maravilhoso; há, portanto, uma divisão criada pelo pensamento que deseja sucesso. O sucesso, desta vez, não é riqueza, porém esclarecimento ou fé.

Todos vós, pois, dizeis que o pensamento é o mecanismo que produz a fragmentação, não é verdade? — esse pensamento que *diz* "Vós sois hinduísta", "Vós sois católico", "Vós sois moreno", "Vós sois preto", "Vós sois rosado". O pensamento condicionou os valores de uma determinada sociedade e cultura de tal maneira que os que não pertencem a essa cultura são considerados "bárbaros". Está bem claro isto? Se é o pensamento o responsável pela fragmentação, que nos cumpre fazer? Eu tenho de trabalhar, para viver, para manter minha família — e também para *mim*, pois tenho meus problemas, minhas ambições, meu desejo de êxito na vida.

Há, pois, o ganho do sustento, a família, a *função* e o desejo de por meio dela alcançar *posição* e, por último, *eu* — — todo fragmentado. Ora, que me cumpre fazer? Vejo que o pensamento é o responsável por tudo isso. É exato isso, ou não é? Nós estamos aprendendo; se o orador está enganado, dizei-lho! Investigai!

INTERROGANTE: Mas nós estamos sempre pensando; neste mesmo instante estamos pensando.

KRISHNAMURTI: Um momento! Verifiquemos isso. Estamos sempre pensando, e dizemos: "Preciso trabalhar; tenho família; necessito de diversões, de êxitos, de esclarecimento, do

guru, da autoridade, etc. etc." E, pelo meio de tudo isso, o "eu" a criar confusão. Mas, vós me dizeis que o pensamento é o responsável por esse estado de coisas. Tenho pensamentos, e esses pensamentos criaram uma certa cultura, a qual, por sua vez, me condicionou. O pensamento é o culpado de tudo e me diz também que tenho de trabalhar, ganhar dinheiro, para manter a família, os filhos. Em suma, o culpado é o pensamento. Estais bem certo de que tendes razão? Não digais, depois, que não era bem isso o que queríeis dizer; certificai-vos, *aprendei*!

INTERROGANTE: A gente sente que, atrás do pensamento, há ainda alguma coisa.

KRISHNAMURTI: Lá chegaremos. Mas, vejamos primeiramente de que é que estamos tratando. Ora, não se pode alcançar essa coisa que está atrás do pensamento, sem se compreender todo o mecanismo do pensamento; de outro modo, estaremos apenas a fugir do pensamento. É verdade (não vossa verdade ou minha verdade, nem minha opinião pessoal ou a vossa), é verdade, é fato que o pensamento divide? O pensamento separa o viver de hoje do morrer de amanhã. Sei que amanhã morrerei; penso "morrerei" e fico apavorado. Ou penso; "Que experiência maravilhosa, aquela! Preciso repeti-la." Ou, ainda: "Tenho medo porque fiz uma certa coisa; preciso ter cuidado para não tornar a fazê-la, não deixar que seja descoberta". — O pensamento, portanto, está sempre a gerar medo, dor e prazer. O pensamento divide. Esta é a verdade, quer a vejais, quer não. Assim, sabendo que o pensamento produz fragmentação e, por conseguinte, sustenta a divisão, que ides fazer?

INTERROGANTE: É o pensamento que divide, ou a maneira como nos servimos de nossos pensamentos?

KRISHNAMURTI: Quem é esse "nós"? Quem é esse "eu" que se serve do pensamento que divide?

Não salteis a nenhuma conclusão; escutai primeiramente o que o orador vai dizer. É necessário "ganhar a vida" e, portanto, o pensamento tem de ser utilizado nisso. Quando volto a casa, diz-me o pensamento "Minha família", "minhas responsabilidades"; "O sexo me proporciona muito prazer; sinto-me aflito, porque minha esposa pode abandonar-me". O pensamento

está em funcionamento a todas as horas, a produzir fragmentação — o instrutor, o discípulo, o desejo de sucesso. Que ides fazer, sabendo que o pensamento produz fragmentação, quer dizer, medo e, portanto, conflito? Fragmentação significa que não haverá nenhuma possibilidade de se ter paz. Pode-se falar a respeito da paz, ingressar numa organização que promete a paz, mas nunca haverá paz, enquanto houver a fragmentação produzida pelo pensamento. Assim, diante desse fato, que ides fazer?

INTERROGANTE: Identificar-me com o pensamento.

KRISHNAMURTI: Quem é esse "eu" que se identifica com o pensamento? O pensamento não criou o "eu"? O "eu" são minhas experiências, meu saber, meu sucesso, e tudo isso é produto do pensamento. E se dizeis que há o "eu superior", Deus — isso ainda é pensamento; pensastes "Deus". Que ides fazer, pois?

INTERROGANTE: Pôr fim ao pensamento.

KRISHNAMURTI: Como? Escutai, senhor, o pensamento precisa funcionar para executarmos um trabalho mecânico, até mesmo guiar um carro. Dizeis que é necessário pôr fim ao pensamento. Nesse caso, não poderíeis ganhar a vida, nem voltar a casa, nem mesmo falar. Senhor, observai-vos, *aprendei*! Nós temos de servir-nos do pensamento, e vemos também que ele produz fragmentação. Assim, que podemos fazer?

INTERROGANTE: Parece-me que sempre chegamos a este ponto, em quase todas as nossas reuniões. Pergunto-vos, pois: Essa pergunta é respondível?

KRISHNAMURTI: Vamos ver.

INTERROGANTE: Tenho medo, porque percebo que ela representa um verdadeiro tropeço.

KRISHNAMURTI: Pois bem; percebendo agora que não sabeis o que deveis fazer, quereis *aprender*, senhor?

INTERROGANTE: Se possível.

KRISHNAMURTI: Porque dizeis "se possível"? Não perguntei se é possível ou não, mas, sim: Quereis aprender? Aprender

— que requer isso? Curiosidade. Não discordeis precipitadamente. Estais verdadeiramente interessado, desejais apaixonadamente aprender? Porque isso pode resolver *todos* os nossos problemas. Por conseguinte, necessitais de "intensidade", de curiosidade, de paixão, para aprender. Tendes essas coisas? Ou ireis dizer: "Prefiro esperar. Até hoje funcionei com conclusões. Preciso de uma nova conclusão, para agir."

Se desejais aprender, são absolutamente necessárias estas três coisas: curiosidade, seriedade, energia; essa energia vos dará a paixão de que necessitais para descobrir, para aprender. Tendes essas três coisas? Ou apenas quereis conversar indiferentemente a respeito deste assunto?

INTERROGANTE: Requer-se muita sutileza?

KRISHNAMURTI: Não, senhor, o aprender não requer sutileza. Requer uma mente que deseje aprender, descobrir, qual uma criança que diz: "Eu quero saber de que é feita aquela montanha."

INTERROGANTE: Posso ficar apegado ao aprender.

KRISHNAMURTI: Senhor, porque traduzis em vossos próprios termos o que estivemos dizendo? Eu disse que necessitamos de abundante energia, de curiosidade, para aprender. Também de persistência; não é mostrar-se cheio de curiosidade por um minuto apenas, e no minuto seguinte dizer-se: "Desculpe, estou cansado, "chateado", vou lá fora fumar um cigarro." Desse modo não se pode aprender.

INTERROGANTE: Tenho necessidade de certeza. Temo a incerteza.

KRISHNAMURTI: Prestai atenção a isso. O que dissestes significa: "Estou disposto a aprender se isso me garantir absoluta certeza para o resto da vida".

INTERROGANTE: A fragmentação me dá um sentimento de segurança, e eu necessito desta ilusão.

KRISHNAMURTI: "E vós vindes perturbar a minha segurança! Por isso, sinto medo, não quero aprender." É o que todos dizem! "Deu-me grande deleite escrever um livro. Sei que

funciono fragmentariamente, mas esse livro me está dando fama, dinheiro, posição. Não me digais nada. A casa está em chamas, mas não me perturbeis!"

Continuemos deste ponto. Se o pensamento é a origem da fragmentação e, contudo, temos de utilizá-lo, que se pode fazer? Como pode o pensamento funcionar e ao mesmo tempo não funcionar?

O pensamento é responsável pela fragmentação, e todas as conclusões são fragmentos. Vede bem isso. "Eu preciso de segurança, temo a incerteza". Ora, deve haver uma maneira de viver que poderá dar-vos a segurança física de que necessitais e ao mesmo tempo liberdade psicológica. Essa liberdade vos dará absoluta segurança física, mas vós não vedes isso. Portanto, é necessário aprender.

Se o pensamento é responsável pela fragmentação e, contudo, dele precisamos para subsistir, que nos cumpre fazer? Entendeis esta pergunta? Se não a compreendeis, examinemo-la. Eu tenho de servir-me do pensamento para ir daqui à casa onde moro, para ganhar dinheiro, para dirigir-me ao lugar onde trabalho e lá funcionar eficientemente. E, todavia, vejo que esse mesmo pensamento é a causa da fragmentação e, portanto, do conflito. Vejo que o pensamento deve funcionar, e vejo também que ele produz fragmentação.

INTERROGANTE: Ver a fragmentação não é, em verdade, estabelecer uma ligação entre os fragmentos?

KRISHNAMURTI: Não, senhor, não há ligação; não se pode reunir fragmentos para formar um todo. Os raios de uma roda não constituem a roda; a maneira de dispor os raios é que faz a roda.

INTERROGANTE: Como temos de servir-nos do pensamento, e não desejamos a fragmentação, não podemos simplesmente tornar-nos cônscios da tendência do pensamento para produzir essa fragmentação?

KRISHNAMURTI: Se estamos cônscios de que o pensamento produz fragmentação, o próprio fato de estarmos cônscios desse processo faz nascer um estado completamente diferente. É isso que quereis dizer? É isso que está sucedendo em vós? Cui-

dado, senhor, ide devagar! O pensamento precisa ser exercido, mas, ao mesmo tempo, percebo que ele gera fragmentação e, portanto, conflito, medo, e todas as agonias deste mundo. Entretanto, é o próprio pensamento que, como dizeis, deve tornar-se cônscio desse processo. Vede, agora, o que acontece. Dissemos que o pensamento é a base da fragmentação; por conseguinte, o pensamento, ao tornar-se cônscio de si próprio e de como gera fragmentação, divide-se em *isto* e *aquilo*.

INTERROGANTE: Temos de servir-nos do pensamento, e temos de estar cônscios daquela espécie de pensamento que está causando a fragmentação.

KRISHNAMURTI: Devagar! Que entendeis por "estar cônscio"?

INTERROGANTE: Ver.

KRISHNAMURTI: Que entendeis por "ver"? Vedes esse "processo" mecanicamente? Ouvistes as palavras, intelectualmente as compreendestes e, por conseguinte, quereis aplicar essas palavras e a conclusão intelectual ao *ver*. Cuidado, não digais "não"! Estais vendo com uma conclusão, ou estais simplesmente *vendo*? Compreendestes?

INTERROGANTE: Ao chegarmos ao ponto em que fizestes aquela pergunta,(*) *vós mesmo* a fizestes? Porque me parece que, se nesse ponto se faz tal pergunta, isso mais uma vez é fragmentação.

KRISHNAMURTI: Diz essa senhora que, se neste ponto fazemos tal pergunta, estamos novamente iniciando uma fragmentação.

INTERROGANTE: E, se assim é, de que serviu toda esta investigação? Qual a sua validade?

KRISHNAMURTI: Eu vo-lo explicarei. Chegando a este ponto, fazemos a pergunta. E aquela senhora diz: "*Quem* está fazendo essa pergunta?" É o pensamento quem a faz? Se é, então,

---

(*) A pergunta foi esta: Nós temos de servir-nos do pensamento, e vemos também que ele produz fragmentação; assim, que podemos fazer? (N. do T.)

isso é mais uma fragmentação. Eu a faço, porque não estais *aprendendo*. Portanto, vamos *aprender*.

Estamos vendo, pois, este quadro (esse "tanto" a mente está vendo): O pensamento produziu a fragmentação; o pensamento deve *funcionar*, e também produz fragmentação. Se se *vê* isso, completamente, não há mais nada para perguntar. Mas, só podemos vê-lo quando não há nenhuma conclusão, nenhum desejo de solução, nenhum desejo de passar além. Só quando se vê completamente esse mecanismo do pensamento — como ele opera, como funciona, o que há atrás dele — só então o problema está resolvido. Ficais então funcionando não fragmentariamente. Ainda que tenhais de trabalhar num escritório, vossa ação não é fragmentária quando vedes o mecanismo em seu todo. Se não o vedes, então fazeis a divisão — emprego, família, vós, eu. Estais vendo agora o mecanismo todo inteiro?

INTERROGANTE: Senhor, estais sugerindo que é possível viver uma vida não dualista e ao mesmo tempo funcionar na sociedade?

KRISHNAMURTI: Eu vos estou mostrando que é possível — desde que se veja *todo* o mecanismo do pensamento, e não apenas uma parte dele: sua natureza e estrutura, seu movimento.

INTERROGANTE: Como se pode vê-lo mais rapidamente?

KRISHNAMURTI: Escutando, *agora*! Aí está, mais uma vez, o desejo de conseguir alguma coisa! E isso significa que não estais *escutando*; vossos olhos, vossos ouvidos, estão fixados em "chegar a alguma parte".

Assim, senhor, minha pergunta agora — e eu a faço como amigo — é esta: "Estais vendo todo o mecanismo?" — e como amigo vos digo: "*Deveis* vê-lo, senão ireis ter uma existência terrível, aflitiva — tereis guerras, tereis os piores sofrimentos. Pelo amor de Deus, vede-o! Porque não o vedes? Que vos está impedindo de vê-lo? Vossa ambição? Vossa indolência? Vossas inumeráveis conclusões?

Agora, quem vai responder?

INTERROGANTE (1): Porque responder?

INTERROGANTE (2): Sei que tenho conclusões, mas delas não posso livrar-me; elas continuam existentes.

INTERROGANTE (3): Como podemos ter segurança?

KRISHNAMURTI: A mesma pergunta de sempre! "Dizei-me como posso ter segurança"... A eterna pergunta do homem!

INTERROGANTE: Talvez seja melhor tornar-nos mais cônscios de que estamos vivendo *agora*, e não ontem ou no ano passado. Uma grande soma de nossa atenção é desviada pelo nosso vezo de viver no passado e de sonhar com o futuro.

KRISHNAMURTI: Sois capaz de viver no presente? Isso significa viver uma vida em que não existe o tempo.

INTERROGANTE: Fisicamente estou vivo.

KRISHNAMURTI: Eu vos estou perguntando, senhor, se sois capaz de viver no presente. Para vivermos no presente, não deve existir o tempo — nem passado, nem futuro, nem desejos de êxito, nem ambição. Sois capaz disso?

INTERROGANTE: Um "bocadinho". O próprio "processo" de construir, digamos uma casa, requer um programa.

KRISHNAMURTI: Naturalmente, senhor. Para construir uma casa, necessitamos de um arquiteto, para traçar a planta, e do empreiteiro para fazer a construção de acordo com a planta. Analogamente, nós desejamos um plano. "Vós sois o arquiteto: dai-me o plano, que eu funcionarei em conformidade com esse plano."

INTERROGANTE: Não foi isso o que eu quis dizer. Eu disse que quero construir uma casa — uma coisa concreta. Para isso, precisam-se fazer certos planos...

KRISHNAMURTI: Faz-se então uso do pensamento.

INTERROGANTE: Portanto, não podemos viver unicamente no presente.

KRISHNAMURTI: Eu nunca disse tal coisa, senhor. Se se considera atentamente esta questão, nunca se pergunta: "Como viver no presente?". Se perceberdes bem claramente a natureza e estrutura do pensamento, vereis que tendes a possibi-

lidade de funcionar com a mente inteiramente livre do pensamento, e que, contudo, deveis fazer uso do pensamento. Eis a verdadeira meditação, senhor — e não aquela coisa sem valor a que se chama "meditação".

Pois bem; nossa mente está repleta do conhecido, que é produto do pensamento; repleta de conhecimentos e da experiência acumulados no passado. A memória, que faz parte do cérebro, está cheia do conhecido. Posso traduzir o conhecido em termos do futuro ou em termos do presente, mas trata-se sempre do conhecido. Esse conhecido é que divide. O passado, com seu reservatório de memória, me diz: "Faça isto, não faça aquilo", "Isto dar-lhe-á certeza; aquilo dar-lhe-á incerteza."

Assim, quando a mente inteira, inclusive o cérebro, está vazia do conhecido, então podeis fazer uso do conhecido quando necessário, mas estareis sempre funcionando com base no desconhecido — na mente libertada do conhecido. Senhor, isso é uma coisa que *desponta*; não é tão difícil como parece. Se tendes um problema, sobre ele ficais a refletir, a cogitar, por um ou dois dias; por fim, vos cansais, o abandonais, e ides dormir. Na manhã seguinte, ao despertardes, se fordes uma pessoa sensível, tereis achado a solução. Isto é, estivestes tentando resolver o problema com a mira em algum proveito, em obter êxito, certeza, em suma, com base no conhecido, no pensamento. E, depois de exercer de todos os modos o pensamento, este *diz* "estou cansado". E, na manhã seguinte, encontrastes, pronta, a solução. Isto é, exercestes ao máximo a mente, o pensamento e, por fim, desististes. É então que se vê algo totalmente novo. Mas, se continuardes a exercer o pensamento, ininterruptamente, a formar conclusões sobre conclusões — que são o conhecido — então, é claro que não vereis nada novo.

Isso requer extraordinário percebimento interno, um senso interno de ordem; não desordem, mas ordem.

INTERROGANTE: Existe algum método para seguir?

KRISHNAMURTI: Ora, senhor — levanto-me, dou uns passos, desço a escada. Isso é seguir um método? Levanto-me e executo aqueles atos naturalmente. Não invento primeiro um método e depois o sigo: *vejo* o que quero fazer. Não se pode sujeitar tudo a método.

INTERROGANTE: Poderei eu, em algum tempo, esvaziar esse reservatório de impressões vívidas?

KRISHNAMURTI: Essa é uma pergunta errônea. Errônea, porque dizeis "Poderei eu, em algum tempo" — Quem é esse "eu", e que entendeis dizendo "em algum tempo"? Quereis dizer "isso é possível?"

Senhores, nunca fazemos a pergunta relativa ao impossível. Só se pergunta sobre o que é possível. Se se faz uma pergunta sobre o impossível, a mente tem de achar a resposta na base do impossível — e não do que é possível. Todas as descobertas científicas baseiam-se nele — no impossível. Era impossível ir à Lua. Se se dissesse "isso é possível", o problema seria abandonado. Mas, porque a coisa era impossível, trezentas mil pessoas cooperaram e trabalharam dia e noite, a ela aplicando todas as suas energias mentais — e o homem foi à Lua!

Mas, nós nunca perguntamos sobre o impossível! Nossa pergunta sobre o impossível é esta: Pode a mente esvaziar-se do conhecido? — *ela* esvaziar *a si própria*, e não, *nós a esvaziarmos*? Eis uma pergunta sobre o impossível. Se a fizerdes com enorme entusiasmo, seriedade, paixão, achareis a resposta. Mas, se disserdes: Oh! isso é possível", continuareis preso no atoleiro.

5 de agosto de 1970.

DIÁLOGO V

O consciente e o inconsciente; quais são as fronteiras da consciência? Essa divisão é real ou faz parte da fragmentação? *Quem* quer "saber" a respeito do inconsciente? A neurose, "exageração" do fragmento. Necessidade de ver a inutilidade da identificação com o fragmento; um fragmento chamado "observador". "Vir a ser" e "ser" alguma coisa — o estado de consciência em que vivemos — uma forma de resistência. Diferença entre ver esse fato como ato de observação, e vê-lo como "eu". Os sonhos. Estamos aptos a fazer a "próxima pergunta": "Que existe além da consciência?"

KRISHNAMURTI: Nesta manhã vamos conversar sobre o que existe abaixo do consciente. Não sei se já fizestes tal investigação, ou se meramente aceitastes o que disseram os analistas e psicólogos. Mas, para se examinar esta matéria com certa profundeza — como espero o faremos nesta manhã — é preciso fazer uma ou duas perguntas fundamentais. Nós temos de *aprender* — isto é, de descobrir, de explorar, por nós mesmos, todo o conteúdo da consciência. Porque fazemos a divisão de consciente e inconsciente? É esta uma divisão artificial, inventada pelos analistas, pelos psicólogos, pelos filósofos? Existe realmente tal divisão? Se se quer investigar profundamente a estrutura e natureza da consciência, *quem* fará a investigação? Um fragmento, dentre os muitos fragmentos? Ou existe uma entidade, um agente transcendental capaz de observar a consciência? Pode a mente consciente, aquela que funciona todos os dias, observar o conteúdo das camadas inconscientes ou mais profundas? E quais são as fronteiras, os limites da consciência?

Esta é uma questão muito séria, e se ela for compreendida, quase todos os problemas humanos serão resolvidos. Não é, portanto, um entretenimento para as horas vagas, uma coisa para estudar superficialmente, por uma ou duas semanas, e depois largá-la e continuar com o mesmo modo de vida. Examinar profundamente este assunto é uma "maneira de vida". Não se trata de "compreender a coisa" e pô-la de lado. Só se poderá compreender o conteúdo da consciência e os respectivos limites se isso constituir um empenho de todos os dias; não um mero divertimento, porém uma tarefa que deverá preencher vossa vida, tornar-se vossa missão, vossa vocação. Trata-se de investigar as profundezas mesmas da mente humana, não conforme vossa opinião ou a deste orador, mas observando-a a pleno e vendo o que além dela existe; não apenas arranhar a superfície e pensar tê-la compreendido. Cumpre perceber bem claramente que não estamos falando de um conhecimento que se pode adquirir dos livros para, depois, aplicá-lo praticamente. Se assim procederdes, o que aprenderdes será sem valor, coisa "de segunda mão". E, se considerardes esta investigação uma espécie de entretenimento intelectual ou emocional, ela naturalmente nenhum efeito terá em vossa vida. Nós estamos seriamente interessados na revolução fundamental da mente, da estrutura inteira de nosso ser — para que a mente se liberte de todo o seu condicionamento e não sejamos simples pessoas educadas e "sofisticadas", porém verdadeiros entes humanos, amadurecidos, profundos.

Nesta manhã, nós vamos aprender juntos, inteirar-nos, se possível, do que existe abaixo do consciente e, observando suas diferentes camadas (ou única camada), descobrir por nós mesmos o conteúdo da consciência: se esse conteúdo constitui o consciente ou se o consciente encerra em suas fronteiras "o que é". O conteúdo da consciência compõe a consciência? — Eu estou apenas investigando, seguindo passo a passo; portanto, caminhemos juntos. Não me digais depois: "Tende a bondade de repetir o que dissestes". Não posso fazer isso.

Em primeiro lugar, porque existe esta divisão entre o consciente e as chamadas camadas inconscientes ou mais profundas? Estais cônscios dessa divisão? Ou ela existe porque temos tantas divisões em nossa vida? Qual é o caso? É o movimento

consciente um movimento separado, tendo as camadas mais profundas seu movimento próprio, ou todo o conjunto constitui um movimento único? Muito importa descobrir isso, porque nós aprimoramos a mente consciente, exercitamo-la, educamo-la, forçamo-la, moldamo-la, em conformidade com as exigências da sociedade e nossos próprios impulsos, nossa agressividade, etc. A camada inconsciente, mais profunda, está ainda por educar? Já educamos as camadas superficiais; estamos educando as camadas mais profundas? Ou continuam elas intatas? Que achais?

Nas camadas mais profundas devem encontrar-se a fonte e os meios de descobrir coisas novas, uma vez que as camadas superficiais se tornaram mecânicas, condicionadas, só sendo capazes de repetir, de imitar; nelas, não há liberdade para descobrir, para mover-nos, voar, irmanar-nos com os ventos! E nas camadas profundas — não educadas, não "sofisticadas" e, por conseguinte, ainda primitivas — primitivas, não "selvagens" — pode encontrar-se a fonte de algo completamente novo.

Não sei o que sentis, o que descobristes. Está a mente superficial tão condicionada que se tornou mecânica? Se eu sou hinduísta ou cristão, funciono como hinduísta ou cristão. E existe abaixo desse nível uma camada ainda não atingida pela educação? Ou a educação já a atingiu e, por conseqüência, todo o conteúdo da consciência é mecânico? Estais-me acompanhando?

INTERROGANTE: Senhor, como podemos saber alguma coisa sobre o inconsciente?

KRISHNAMURTI: Muito bem, senhor, comecemos. Quando empregamos a palavra "saber", que entendemos por ela? Não quero ser puramente "verbal", mas é necessário entrarmos com muito cuidado nesta matéria. Que entendeis ao dizerdes: "Eu quero saber"?

INTERROGANTE: Não tenho nenhuma experiência dele.

KRISHNAMURTI: Atende-vos àquela, tende a bondade de não introduzir outras palavras. Que entendeis pela palavra "saber"? Ao empregardes essa palavra, que entendeis? Eu sei de um fato que ontem sucedeu. Todo conhecimento representa o passado — não é verdade? Peço-vos não concordar: apenas *ver*. Conheço-vos, porque ontem me fostes apresentado. Todo conhe-

cimento, pois, supõe o passado. Quando digo "Sei que aquilo é um avião a voar", embora o "voar" esteja ocorrendo neste momento, o saber que "aquilo" é um avião, é do passado. Como pode a mente superficial inteirar-se das camadas mais profundas? Como pode a mente superficial tomar conhecimento da "outra"?

INTERROGANTE: Mantendo quieta a mente superficial, podemos inteirar-nos dos níveis mais profundos.

KRISHNAMURTI: Que há para aprender nos níveis mais profundos? Presumis que há, lá, alguma coisa para aprender. Estais realmente cônscio das operações da mente consciente? Como está ela funcionando? Quais as suas reações? Temos conhecimento da mente consciente? Vede quanto é difícil isso! A mente precisa observar bem de perto esse movimento. Dizeis que no inconsciente existem muitas coisas. É o que dizem todos os especialistas. Existem de fato? Quando se separa o consciente das camadas mais profundas, logo se pergunta: Como pode a mente superficial penetrar na "outra"? Mas, se não existe divisão, o que há é um movimento total. Estamos apenas cônscios de um movimento fragmentário e, por isso, perguntamos "Qual é o conteúdo do inconsciente"? Se estamos cônscios do movimento total, não fazemos tal pergunta. Está claro isto? Certificai-vos bem, *não* verbalmente, mas realmente.

Se se divide em fragmentos a consciência, um dos fragmentos indaga: "Que são os outros fragmentos?". Mas, se só há um movimento total, não existe fragmentação e, por conseguinte, não se faz tal pergunta. Muito importa, com efeito, esclarecer-nos bem a esse respeito, porque então já não necessitaremos dos especialistas. Percebeis a consciência como um todo, ou a vedes como um fragmento a examinar os outros fragmentos? Vós a vedes parcialmente, ou a vedes em sua inteireza, como um movimento total, qual o de um rio? Podeis cavar um fosso ao lado da margem e chamá-lo "o rio" — mas não é o rio. Neste está o movimento total. Que é então esse movimento? Como observá-lo sem fragmentá-lo?

INTERROGANTE: Permitis-me uma pergunta? Falais acerca da mente inconsciente. Mas, existe essa mente inconsciente? Não se pode falar sobre uma coisa que não existe. Todavia, pode-se falar sobre o consciente. Tende a bondade de definir

"consciente" e "inconsciente". Pergunto: Estamos agora inconscientes?

KRISHNAMURTI: Há pouco perguntamos: Estamos conscientes das fronteiras da consciência? Ou estamos cônscios dos numerosos fragmentos que compõem o consciente? Pode um fragmento tornar-se cônscio dos outros fragmentos? Ou estamos cônscios do movimento total da consciência, sem divisão nenhuma?

INTERROGANTE: Em ambos os sentidos, estamos cônscios. Intelectualmente, estamos a dividir-nos em partes.

KRISHNAMURTI: Vede, por favor, que não estamos analisando. Havendo análise, há o analista e a coisa analisada — um fragmento assume a autoridade e analisa a outra parte. E, nessa divisão, surgem o consciente e o inconsciente. É então que perguntamos: Pode a mente consciente examinar o inconsciente? — e isso implica que a mente consciente se separa do resto. Dizemos que a resposta a esta pergunta errônea pode ser dada pelos sonhos, por meio de sinais e sugestões. Partimos, portanto, da falsa suposição de que a mente superficial é separada da "outra". Isso significa que nunca sentimos ou percebemos ou tomamos conhecimento do movimento total da mente consciente. Se o fizéssemos, não faríamos tal pergunta. Não sei se estais percebendo.

INTERROGANTE: Evidentemente, certas pessoas sofrem de neurose, sem saberem de sua origem. Essa origem não está no inconsciente?

KRISHNAMURTI: Sofreis de alguma neurose? Vede, por favor, que esta não é uma pergunta simplória. Estais cônscio de serdes neurótico, numa ou noutra forma?

INTERROGANTE: Quem pode dizer que eu sou neurótico?

KRISHNAMURTI: Vós não sabeis quando sois neurótico? Alguém precisa dizer-vos que o sois? Tende a bondade de escutar: Sempre que há "exageração" de qualquer fragmento, há neurose. Se sois superiormente intelectual, isso é uma forma de neurose, embora os indivíduos altamente intelectuais sejam tidos em elevada conta. Estar apegado a uma certa crença —

cristã, budista, comunista — estar apegado a qualquer espécie de crença é uma forma de neurose. Senhor, olhai bem isso; ide com vagar. Atende-vos a vossa pergunta. Qualquer espécie de medo é uma forma de neurose, todo ajustamento é uma forma de neurose e qualquer comparação de vós mesmo com outra pessoa é de fundo neurótico. Não estais fazendo isso?

INTERROGANTE: Estou.

KRISHNAMURTI: Logo, sois neurótico! Estamos tratando de um assunto muito sério. Deste nosso exame alguma coisa já aprendemos: toda "exageração" de qualquer fragmento da consciência (pois a vemos toda fragmentada), todo empenho em realçar um dado fragmento, é uma forma de neurose. Senhores, recebei esta verdade em vossos corações, senti-a, ide com ela, devotai-lhe tempo, deixai-vos envolver por ela, aplicai-a a vós mesmos, e fareis então "a próxima pergunta".

Nós, como agora somos, dividimos a consciência, e nessa divisão há muitas fragmentações, muitas subdivisões — de ordem intelectual, emocional, etc.; e atribuir importância a um dado fragmento é neurose. Isso significa que, exagerando a importância de um dado fragmento, a mente se torna incapaz de ver com clareza. Por conseguinte, a ação de realçar um dado fragmento cria confusão. Eu vos estou pedindo que vejais por vós mesmo se há, ou não, fragmentação em vós. Essa fragmentação — se nela se dá realce a um fragmento, a seus interesses, seus problemas, desprezando-se os demais fragmentos — leva não só ao conflito, mas também a grande confusão, porque cada fragmento quer manifestar-se, salientar-se, e, se damos importância a um só, os outros começam a protestar, a clamar. Esse clamor é confusão; e, desta confusão, provêm impulsos neuróticos, desejos de preenchimento, de "vir a ser", "realizar-se".

INTERROGANTE: Às vezes, o que nos faz sofrer não é a coisa visível. Se uma pessoa hesita em atravessar uma praça, não é da praça que está com medo. Ou, se tem medo da solidão, pode haver alguma coisa, no seu inconsciente, que está causando esse temor.

KRISHNAMURTI: Sim. A neurose é apenas um sintoma, a causa pode achar-se no inconsciente. É claro que assim pode ser, e provavelmente é. De que se trata então?

INTERROGANTE: De uma neurose.

KRISHNAMURTI: Após termos compreendido toda a estrutura, poderemos passar à particularidade; mas, começar pela particularidade não nos leva a parte alguma. Percebeis que exagerar a importância de um fragmento é uma forma de neurose? Há o fragmento intelectual, o emocional, o físico, o psicossomático; quase todos nós atribuímos importância a um dado aspecto desses numerosos fragmentos. Dessa "exageração", dessa desarmonia, surgem outros fatores de desarmonia. Quando, por exemplo, digo "Tenho medo de atravessar a rua" ou "tenho medo do escuro", a explicação pode ser que em minha infância minha mãe não me tratou convenientemente(*).

Ora, o que se pergunta não é "Porque não posso atravessar a rua?" — pergunta a que podemos responder, sem necessidade de recorrer ao analista, se compreendemos a fragmentação da consciência. Quando se compreende essa fragmentação, nunca se torna existente o problema "de atravessar a rua". Estamo-nos entendendo bem? Quando vemos o todo, a imensidade, desaparece o menos importante. Mas, se continuamos a dar importância ao menos importante, este começa a criar seus peculiares "problemazinhos".

INTERROGANTE: Mas, quando falais sobre a importância de ver a totalidade da consciência, que significa esse "ver"? Por exemplo, às vezes sei uma coisa, mas não vejo como a sei.

KRISHNAMURTI: Não, senhor, percebei o que estou dizendo. Estais escutando *totalmente* o movimento daquele rio? *Fazei-o*, senhor! Não especuleis. Escutai o rio, e "vede" se estais escutando completamente, sem fazerdes movimento algum, em nenhuma direção. E, tendo-o escutado, que dizeis?

INTERROGANTE: O reconhecimento não tem participação nisso.

KRISHNAMURTI: Exatamente. O reconhecimento não tem nenhuma participação. Não dizeis "Aquilo é o rio e eu o estou

---

(*) Krishnamurti se refere, talvez, ao sistema de certos pais ignorantes, de castigar as crianças, prendendo-as num quarto escuro, e ameaçá-las freqüentemente com o "quarto escuro". (N. do T.)

escutando". Tampouco estais *vós*, como entidade separada, escutando o rio; só há o estado de "escutar o som". Não dizeis "Sei que aquilo é um rio". Agora, voltemos; precisamos penetrar bem nisto. Caminhemos juntos.

INTERROGANTE: Dar relevo ao fragmento é a essência da neurose ou é o sintoma?

KRISHNAMURTI: É a própria essência *e* o sintoma.

INTERROGANTE: Ser intelectual é a essência e é o sintoma?

KRISHNAMURTI: Não achais que é? Vede senhor, dou toda a importância à minha capacidade intelectual. Considero-a maravilhosa. Venço qualquer um numa argumentação. Li muito e sou capaz de correlatar tudo o que li. Escrevo livros geniais. Não é esta a própria causa e o sintoma de minha neurose?

INTERROGANTE: Parece ser o sintoma de uma agitação mais profunda.

KRISHNAMURTI: De fato? Dizeis que é um sintoma, e não a causa. E eu digo: vejamos! Está a mente inteira, não dividida e, por conseguinte, a causa e o efeito são idênticos? Vede, senhor: O que era causa se torna efeito, e o efeito se torna a causa do próximo movimento; não há demarcação precisa entre a causa e o efeito. O que ontem foi causa se tornou efeito hoje, e o efeito de hoje se torna a causa de amanhã. É um movimento, uma cadeia contínua.

INTERROGANTE: Mas, não é essencial ver o processo todo inteiro, e não apenas causa e efeito?

KRISHNAMURTI: É o que estamos fazendo; isso, porém, não é possível se damos mais importância ao aspecto intelectual, ao aspecto emocional, ao físico, ao espiritual, e assim por diante.

O que pergunto, pois — e esta foi minha primeira pergunta — é: Porque dividimos a mente? Essa divisão é artificial, ou necessária? É ela simplesmente uma invenção dos especialistas, à qual nos escravizamos, a qual aceitamos com a mesma facilidade com que aceitamos tantas outras coisas? Dizemos: "Grandes homens dizem isto" — e engulimos o que eles dizem e ficamos a repeti-lo. Mas, quando vemos a fragmentação e a

importância que a ela se dá, e percebemos que dela surge toda a cadeia de causas e efeitos, e que ela é uma forma de neurose — então a mente vê a totalidade do movimento, sem nenhuma divisão. Pois bem, senhor; podeis vê-la?

INTERROGANTE: Só se não há identificação com o fragmento.

KRISHNAMURTI: Sim. Se vos identificais com qualquer dos fragmentos, trata-se evidentemente do mesmo processo. Quer dizer, o "processo" de estar identificado com um fragmento, desprezando-se os demais, é uma forma de neurose, uma contradição. Façamos agora a "próxima pergunta": Podeis identificar-vos com o resto dos fragmentos? Vós, um fragmento, identificar-vos com todos os outros fragmentos? Percebeis os truques que estamos praticando nesta questão da identificação?

INTERROGANTE: Só posso responder se estou identificado com um fragmento; porque, então, sinto que estou incompleto...

KRISHNAMURTI: Exatamente. Sentis que estais incompleto e, por conseguinte, tratais de identificar-vos com os outros fragmentos. Ora, quem é a entidade que está procurando identificar-se com a multiplicidade? Ela é um dos fragmentos; por conseguinte, trata-se de um artifício. Entendeis? Estamos sempre dizendo: "Preciso identificar-me".

INTERROGANTE: Não é melhor nos identificarmos com muitos fragmentos, para nos tornarmos mais completos?

KRISHNAMURTI: Não, não é melhor. Ora, senhor, primeiramente deixai-me explicar isso de novo. Há em mim muitos fragmentos. Um dos fragmentos diz que identificar-me com um só fragmento causa confusão. Esse fragmento põe-se a fazer esforços tremendos para identificar-se com os outros fragmentos. Assim, digo: "Identificar-me-ei com os outros fragmentos". Quem é essa entidade que tenta identificar-se com os outros fragmentos? É também um fragmento, não achais? Por conseguinte, ela está iludindo a si própria. Isto é tão simples! Bem, continuemos; há tanto que considerar, e ainda não saímos da superfície.

Vemos que não há nenhuma divisão real. Isso eu vejo não verbalmente. Percebo que o observador é um fragmento

que se separa dos restantes fragmentos para observá-los. Nessa observação, há uma divisão: observador e coisa observada; e há conflito, há confusão. Quando a mente percebe essa fragmentação e a futilidade de dividir-se a si própria, pode então ver o movimento total. Se não o vedes, não podeis fazer "a próxima pergunta", ou seja: Que existe além do consciente? Ou abaixo, acima, ao lado? — conforme preferirdes.

Assim, se tendes muito interesse, cabe-vos descobrir o que é a consciência, e quando é que estais consciente. Entendeis esta pergunta? Eu estou trabalhando sozinho! Senhor, tendes de aprender tudo o que é necessário aprender a este respeito; e, aprendendo-o, podereis ajudar outros a aprender. Portanto, aprendei agora, pelo amor de Deus! Esta é vossa missão na vida! Estamos perguntando que coisa é essa que se chama "consciência"? Quando é que dizeis "Estou consciente"?

INTERROGANTE: Quando há pensamento.

KRISHNAMURTI: Mais para perto!

INTERROGANTE: Quando há dualidade.

KRISHNAMURTI: O quê? Mais para perto! Estais indo para muito mais longe!

INTERROGANTE: Quando estamos fragmentados.

KRISHNAMURTI: Senhor, escutai: Quando é que sabeis que estais consciente? Isto é tão difícil assim?

INTERROGANTE: Quando sofro.

KRISHNAMURTI: Diz aquela senhora que estamos conscientes quando sofremos, quando há conflito, quando temos um problema, quando estamos resistindo; de contrário, a vida é um fluir manso, igual, harmônico. Se estais vivendo sem contradição, tendes consciência disso? Tendes consciência de quando sois supremamente feliz?

INTERROGANTE: Tenho.

KRISHNAMURTI: Sim?

INTERROGANTE: Que significa "estar consciente"?

KRISHNAMURTI: Não tendes necessidade de mo perguntar: vós mesmo ireis descobri-lo. No momento em que vos tornais

consciente de que sois feliz, existe ainda felicidade? Ao dizerdes "Como estou contente!" — foi-se o contentamento. Quando estais contente, podeis dizê-lo?

INTERROGANTE: Se estou consciente do contentamento.

KRISHNAMURTI: Que então já é "passado"! Só se pode estar consciente de uma coisa que passou, ou de um conflito, de uma dor, quando temos percebimento de estarmos confusos. Qualquer perturbação que se verifica nesse movimento é "estar consciente", e nossa vida toda inteira é uma perturbação contra a qual estamos resistindo. Se em vossa vida não houvesse nenhuma desarmonia, diríeis alguma vez "estou consciente"? Quando seguis o vosso caminho, sem nenhuma espécie de atrito, de resistência, de batalha, nunca dizeis "eu existo". Só quando dizeis "Eu serei", "Eu sou" — só então estais consciente.

INTERROGANTE: Esse estado a que vos referis não é o mesmo "processo" de identificação com uma árvore...?

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Eu já expliquei a identificação. Ao ver uma árvore, não a tomo por uma mulher ou uma igreja: é uma árvore; isso não é identificação. Vede, senhor, descobrimos uma coisa, aprendemos uma coisa: Só há consciência quando há "vir a ser", ou no tentar "vir a ser". "Vir a ser" implica conflito: "Eu serei". Quer dizer, só existe conflito enquanto a mente está presa ao verbo "ser". Toda a nossa cultura baseia-se nesta palavra "ser": "Serei um homem bem sucedido", "Sou um fracassado", "Preciso realizar alguma coisa importante", "Este meu livro vai transformar o mundo". Estais-me seguindo? Enquanto há esse movimento de "vir a ser", há conflito, e esse conflito torna a mente "consciente". Ou, diz-se "Preciso ser bom", em vez de "Serei bom": *ser* bom. Isso é também uma forma de resistência: ser bom. "Ser" e "Vir a ser" são a mesma coisa.

INTERROGANTE: Pode-se estar consciente de um conflito?

KRISHNAMURTI: Pode-se, decerto. De outro modo, não seria possível "estar consciente".

INTERROGANTE: Uma pessoa não pode estar tão envolvida em um conflito que não o percebe?

KRISHNAMURTI: Decerto; isso é uma forma de neurose. Senhor, já visitastes alguma vez um hospital de alienados — qualquer de vós? Eu estive num deles — não como doente, porém em companhia de um analista — e todos os doentes — do andar mais alto, onde são confinados os mais violentos, ao andar mais baixo, onde se acham os mais ou menos mansos — todos se achavam em conflito (elevado ao grau de "exageração", bem entendido). A diferença é só que eles estão "lá dentro", e nós "cá fora".

INTERROGANTE: Estou tentando distinguir entre "consciência" e "percebimento".

KRISHNAMURTI: É a mesma coisa. "Percebimento" implica que se está consciente da divisão. Quando se está consciente sem haver divisão e escolha, isso significa que a mente não está presa do movimento de "vir a ser" ou de "ser". Entendestes? O movimento da consciência é, todo ele, no sentido de "vir a ser" ou de "ser": "vir a ser famoso", "vir a ser" um trabalhador social, útil ao mundo. Após observar a fragmentação, após observar o movimento total da consciência, descobre-se que todo esse movimento se baseia nisto: "vir a ser" ou "ser".

Se aprendestes isto, senhor — e não simplesmente concordastes comigo — podeis fazer agora uma pergunta inteiramente diferente: Que existe além do movimento de "vir a ser" e de "ser"? Vós não estais fazendo esta pergunta, mas eu a faço. Vós a compreendeis, senhor? Olhando este problema da consciência, tanto do ponto de vista analítico como do filosófico, percebi que a divisão foi criada pelo "vir a ser" ou "ser". Quero "ser hinduísta", porque isso não só me promete vantagens materiais, mas também progresso espiritual. Se rejeito o hinduísmo, quero "ser outra coisa", "ser eu mesmo", identificar-me comigo mesmo. Aí temos idêntico processo, mais uma vez. Assim, observo, vejo que o movimento total da consciência é esse movimento de "ser" ou "vir a ser" alguma coisa, ou "não ser" ou "não vir a ser". Ora, como vejo esse movimento? Vejo-o como coisa exterior a mim, ou vejo-o sem o centro que, como "eu", observa o "vir a ser" e o "não vir a ser"? Compreendeis esta pergunta? Não, parece-me que não.

Percebo que a consciência total é esse movimento. Dizendo "Percebo-o", significa isso que o percebo como uma coisa existente fora de mim, qual um quadro pendente da parede ou exposto à minha frente? Ou vejo esse movimento como parte de "mim", como minha própria essência? Vejo esse movimento de um centro? Ou vejo-o sem esse centro? Se o vejo de um centro, esse centro é o "ego", o "eu", que constitui a essência mesma da fragmentação. Por conseguinte, quando há observação por parte do centro, só estou observando o movimento como um fragmento, como coisa exterior a mim, a qual preciso compreender, "agarrar", com ela lutar, etc. Mas, se nenhum centro há, isto é, nenhum "eu", porém apenas um *observar* de todo esse movimento, esse observar conduzirá à "próxima pergunta". Assim, qual das duas coisas estais fazendo?

Vede, por favor, que não estamos fazendo "terapia em grupo", que isto não é um entretenimento de "fim de semana", que não estamos aprendendo de alguém alguma coisa — "como tornar-se sensível", ou "como aprender a viver criadoramente". Deixai de lado tudo isso. Estamos empenhados num trabalho difícil, numa investigação profunda. Ora, como estais observando? Se não se compreende esta questão, a vida se torna uma tortura, um campo de batalha. Nesse campo de batalha, desejais aperfeiçoar a artilharia, ou promover a fraternidade — mantendo-vos, entretanto, em vosso isolamento. Há quanto tempo vimos fazendo este jogo! Assim, se sois verdadeira e profundamente *sério*, deveis responder a esta pergunta: Estais observando o movimento total da consciência como uma entidade exterior, sem nenhuma relação com a coisa que estais observando? Ou estais observando sem nenhum centro? E, quando se observa dessa maneira, que sucede?

Podemos fazer uma pequena digressão? Todos vós sonhais muito, não é verdade? Já perguntastes porque sonhais? — não "como interpretar os sonhos?", que é uma pergunta impertinente, a que mais adiante responderemos. Mas, já alguma vez fizestes a pergunta pertinente, ou seja: Por que razão sonhamos?

INTERROGANTE: Porque nos achamos em conflito.

KRISHNAMURTI: Não, senhor, não respondais precipitadamente; "olhai" a pergunta. Porque sonhais? A "próxima per-

gunta" é: É possível um sono sem sonhos? Não digais "sim", senhor.

Todos vós sonhais; que são esses sonhos, e porque sonhais? Os sonhos, como já dissemos, são o movimento de continuação da atividade diurna, simbolizado, disposto em diferentes categorias, porém o mesmo movimento. Não é exato isto? Não concordeis, nem discordeis; averiguai isso. É tão óbvio! Se os sonhos são um movimento de continuação da atividade diurna, que sucede ao cérebro quando há essa atividade incessante, esse barulho constante?

INTERROGANTE: Não pode descansar.

KRISHNAMURTI: Que lhe sucede?

INTERROGANTE: Esgota-se, gasta-se.

KRISHNAMURTI: Ele se gasta. Nunca tem descanso. Nunca vê nada novo. Não rejuvenesce. Tudo isso está implicado quando há um contínuo movimento, uma continua atividade diurna, a qual prossegue, no cérebro, durante o sono. No estado de sono, pode-se prever algum acontecimento futuro, porque há então um pouco mais de sensibilidade, um pouco mais de percepção, etc.; mas, trata-se do mesmo movimento. Ora, pode esse movimento que se verifica durante o dia, terminar com o dia, não ser transportado para o sono? Isto é, ao irdes para a cama, estar inteiramente terminado? Não respondais já a esta pergunta. Nós vamos examiná-la.

Ao vos recolherdes ao leito, não costumais "fazer um balanço" de tudo o que fizestes durante o dia, ou simplesmente vos "jogais na cama e ferrais no sono?" Não costumais passar em revista o dia, dizendo "isto devia ter sido feito" ou "isto não devia ter sido feito"? — perguntando a vós mesmo a significação *disto* ou *daquilo*? Fazer esse balanço significa "pôr as coisas em ordem". O cérebro necessita de ordem, para funcionar eficientemente. Se sonhais, isto é, se o movimento das atividades do dia prossegue em vosso sono, não pode haver ordem. Como o cérebro necessita de ordem, ele a produz, instintivamente, enquanto dormis. Despertais um pouco mais revigorado, porque tendes um pouco mais de ordem. O cérebro não pode funcionar eficientemente se há qualquer forma de conflito, qualquer forma de desordem.

INTERROGANTE: Não existem outras espécies de sonhos, nos quais são transmitidas comunicações de diferente natureza?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar compreendei o que é "ordem". O movimento da vida diária prossegue no decurso do sono, porque nesse movimento diário há contradição, há desordem, desarmonia. E, durante o sono, por meio dos sonhos e diferentes formas de "não sonhar", o cérebro trata de estabebelecer a ordem em seu próprio caos. Se "fazeis ordem" durante o dia, o cérebro não tem necessidade de "pôr as coisas em ordem" durante o sono. Vede quanto isso é importante. Por conseguinte, o cérebro fica em repouso, quieto, revigorando-se, renovando-se. Não sei se já notastes, quando tendes um problema, como passais o dia a refletir nele, e com ele continuais a preocupar-vos durante a noite; na manhã seguinte, despertais, cansado do problema, mas continuais pelo dia a fora a atormentar-vos com ele, tal como um cachorro a roer um osso. Nesse trabalho ficais empenhado o dia inteiro, até à hora de irdes de novo para a cama. Afinal, o cérebro esgota-se de todo e, então, nesse estado de exaustão, podeis ver algo novo.

O que queremos dizer é coisa muito diferente: Ponde fim ao problema logo ao surgir. Não o transporteis para o dia seguinte, nem para o minuto seguinte: acabai com ele! Alguém vos insultou, vos ofendeu — dai-o por acabado! Alguém vos enganou, disse-vos coisas desamáveis: *vede* isso e não o leveis para a frente, não o ponhais às costas como um fardo. Acabai-o na mesma hora em que está sendo dito, e não depois.

A desordem é um estado neurótico do cérebro, que acaba provocando um caso de doença mental. "Ordem" significa terminar o problema logo que surge, de modo que o movimento do dia não prossiga durante a noite e não haja sonhos, porque fostes resolvendo tudo pelo caminho. Não sei se percebeis a importância disso. Porque, então, se pode fazer "a próxima pergunta": Que existe além de tudo isso? Dela trataremos amanhã.

7 de agosto de 1970.

DIÁLOGO VI

Toda ação procedente da consciência fragmentária produz confusão. O conteúdo da consciência controla a sua estrutura, ou esta é independente do seu conteúdo? Pode a consciência esvaziar-se de seu conteúdo? A rã que quer saltar para fora do charco da consciência. O macaco preso no espaço da consciência limitada pelo centro: a atividade egocêntrica. Que é espaço sem centro? Esclarecimento — um estado mental em que o macaco nunca está em ação. A atenção. O problema da atenção e as interrupções causadas pelo macaco. No apogeu da atenção, que acontece à estrutura integral do ente humano?

KRISHNAMURTI: Continuemos de onde paramos ontem, quando estávamos considerando a natureza e estrutura da consciência. Sem dúvida, a fim de poder operar-se uma total mutação na mente humana e, por conseguinte, na sociedade, é necessário considerar esta questão. Nela temos de penetrar profundamente, para descobrir se existe alguma possibilidade de a consciência passar por uma metamorfose, uma completa mudança de si própria. Porque é evidente que todas as nossas ações, sérias ou levianas, superficiais ou profundas, resultam, originam-se dessa consciência. E, como dissemos, dentro dessa consciência existem numerosos fragmentos, cada um dos quais assume o predomínio, conforme as circunstâncias. Se não compreendermos o conteúdo da consciência (e a possibilidade de o ultrapassarmos), toda ação, por mais significativa que seja, produzirá necessariamente confusão. Releva, pois, compreender bem claramente a natureza fragmentária de nossa consciência — o dar-se demasiada atenção a um fragmento, como o intelecto, uma crença, o

corpo, etc. Esses fragmentos que compõem a nossa consciência — de onde emana toda a ação — produzirão inevitavelmente contradição e aflição. Está claro isto, pelo menos verbalmente? Não tem sentido dizermos para nós mesmos que todos esses fragmentos devem ser reunidos ou "integrados", porque então aparece o problema relativo a *quem* tem a possibilidade de integrá-los, e, concomitantemente, o esforço para operar a integração. Assim, deve haver uma maneira de olhar todo esse conjunto de fragmentos com uma mente não fragmentária. É esta a matéria de que vamos tratar nesta manhã.

Percebo que minha mente — que também compreende o cérebro e todas as reações nervosas e psicológicas — percebo que a totalidade dessa consciência está fragmentada, fracionada, pela cultura em que vivemos, cultura criada pelas gerações passadas e continuada pela atual. E *toda* ação, ou o predomínio de um fragmento sobre os outros, levará inevitavelmente a uma enorme confusão. Dar especial importância à atividade social, a uma crença religiosa, a um conceito intelectual, à Utopia, isso inevitavelmente terá efeitos contraditórios e, por conseguinte, causará confusão.

Assim, pergunta-se: "Há uma ação que não seja fragmentária e não possa contradizer outra ação que irá verificar-se daqui a um minuto?"

Vemos que o pensamento desempenha um papel muito importante nessa consciência. O pensamento não só é a reação do passado, mas também a reação de todo o nosso sentir. Todas as nossas reações nervosas, esperanças, temores, prazeres, sofrimentos, estão nele contidos. Perguntamos, pois, se o conteúdo da consciência constitui a estrutura da consciência, ou se a consciência é indepedente dele.

Se a consciência se constitui de meus desesperos, minhas ansiedades, temores, prazeres, minhas inumeráveis esperanças, "sentimentos de culpa", e da vasta experiência do passado, então, nenhuma ação dela emanada poderá, em tempo algum, libertar a consciência de suas limitações. Não concordeis com o que estou dizendo, pois não estamos tratando de uma simples matéria escolar. Tende a bondade de pôr-vos em comunhão comigo — isto é, trabalhar, observar em vós mesmo o que estou dizendo

— e, depois, poderemos ir mais longe. Por ora, estou falando à maneira de introdução.

Minha consciência é o resultado da cultura em que vivo. Essa cultura tem estimulado e desestimulado várias atividades, vários prazeres, temores, esperanças e crenças. Essa consciência constitui o "eu". Toda ação nascida dessa consciência condicionada é, necessária e inevitavelmente, fragmentaria e, por conseguinte, contraditória, causadora de confusão. Se nascestes num mundo comunista, socialista, ou católico, vossa mente está condicionada por essa cultura, pelos padrões, valores, aspirações dessa sociedade. E toda ação oriunda dessa consciência não pode deixar de ser fragmentária. Não me façais perguntas, por enquanto; ficai observando a vós mesmo. Escutai, primeiro o que o orador tem a dizer, sem intrometerdes vossas perguntas ou pensamentos. Após terdes ouvido tudo, sossegadamente, podereis começar a fazer perguntas, podereis dizer "Estais enganado, estais certo", etc. Mas, se ficardes a questionar mentalmente o que se for dizendo, neste caso não estareis escutando, cessará a comunicação entre nós, não estaremos em comunhão. E, sendo extremamente complexo e sutil o problema que vamos considerar, deveis, previamente, escutar.

Estamos investigando o que é a consciência. É ela constituída das numerosas coisas que contém, ou é livre de seu conteúdo? Se é livre do conteúdo, então a ação resultante dessa liberdade não é ditada pelo conteúdo. Se não é livre, então o conteúdo dita toda a ação. Vamos agora "aprender" sobre essa consciência.

Observando a mim mesmo, percebo que sou o resultado do passado, do presente, das esperanças que tenho para o futuro. Tudo isso, e seus inúmeros fragmentos, constitui o palpitante conteúdo, a essência, da consciência; e toda ação nascida desse conteúdo não só será, necessariamente, fragmentária, mas, dela, não virá liberdade.

Pode, pois, essa consciência esvaziar-se e descobrir se existe uma consciência livre de onde promana uma ação inteiramente nova? Estou-me fazendo claro?

O conteúdo da consciência é como um pequeno charco onde uma pequena rã está a fazer enorme barulho. Essa rã diz: "Hei de descobrir como sair deste charco" — e se está esfor-

çando por ultrapassar a si própria. Mas, continua a ser uma rã aprisionada num charco. Pode esse charco esvaziar-se de todo o seu conteúdo? Meu pequeno charco é a cultura em que vivo, e meu pequenino "eu" — a rã que mora nesse charco — está a batalhar contra essa cultura e a dizer "Preciso sair daqui". Mas, ainda que consiga sair, continuará a ser uma insignificante rã, e o lugar para onde irá, não importa qual seja, será ainda "um pequeno charco" por ele próprio criado. Vede isto, por favor. A mente percebe que toda atividade a que se entrega, ou a que é forçada, é um movimento entre os limites da consciência e seu conteúdo. Em vista disso, que pode a mente fazer? Terá ela alguma possibilidade de ultrapassar essa limitada consciência? Esta é a primeira questão.

A segunda questão é: O pequeno charco onde mora a rã poderá expandir-se e ampliar-se, mas o espaço que ela criar continuará dentro dos limites de uma certa dimensão. Essa rã — ou, melhor, esse macaco — é capaz de adquirir uma enorme soma de conhecimentos, de ilustração e experiência. Esse saber e experiência poderão proporcionar-lhe um certo espaço para ele expandir-se; mas, no centro desse espaço, está sempre o macaco.

Assim, o espaço contido na consciência é sempre limitado pelo centro. Se existe um centro, a circunferência ou fronteira da consciência, por mais que se dilate, é sempre um limite. O tal macaco poderá meditar e seguir sistemas vários, mas será sempre um macaco. Por conseguinte, o espaço que criar para si próprio será sempre limitado e superficial. Esta é a segunda questão.

Agora, a terceira: Que é espaço sem centro? Tratemos de descobri-lo.

INTERROGANTE: Pode essa consciência, com suas limitações, transcender a si própria?

KRISHNAMURTI: Pode o macaco, com suas intenções e aspirações, sua vitalidade, libertar-se de seu condicionamento e ultrapassar as fronteiras da consciência criadas por ele?

Por outras palavras: Pode o "eu" — o macaco — por meio de atividades várias — meditação, repressão, ajustamento, não ajustamento — transcender a si próprio? Pode sua incessante atividade, seu movimento, transportá-lo para fora de seus limi-

tes? Quer dizer, pode o conteúdo da consciência, o esforço por parte do macaco, dar ao "eu" a possibilidade de libertar-se do confinamento no charco? Assim, pergunto: Pode o macaco quietar-se completamente, para ver a extensão de suas próprias fronteiras? E há alguma possibilidade de ultrapassá-las?

INTERROGANTE: No centro está sempre o macaco e, por conseguinte, não há espaço vazio, não há espaço para a liberdade.

KRISHNAMURTI: Senhor, notais, por vós mesmo, que estais sempre a agir com base num centro? Esse centro pode ser um motivo, esse centro pode ser o medo, pode ser a ambição — estais sempre a agir com base num centro, não? "Eu te amo", "Eu te odeio", "Quero ser poderoso" — toda a ação que conhecemos parte de um centro. Ainda que esse centro se identifique com a comunidade ou com uma filosofia, continua a ser o centro; e a coisa com que ele se identificou se torna o centro. Estais cônscio de que esse movimento se está sempre verificando, ou há momentos em que o centro está inativo? Isso acontece: repentinamente, estamos observando, vivendo, sentindo, sem nenhum centro. E essa é uma dimensão totalmente diferente. Mas, logo o pensamento entra em ação, dizendo "Como foi maravilhoso *isso*, gostaria de continuar assim". Então, "isso" se torna o centro. A lembrança de uma coisa sucedida há poucos segundos torna-se o centro, graças ao pensamento. Percebemos o espaço que esse centro cria ao redor de si? — o isolamento, a resistência, as formas de fuga? Enquanto existir um centro, existirá o espaço por ele criado; e desejamos expandir esse espaço, porque sentimos que a expansão do espaço é necessária para vivermos com amplitude. Mas, nessa consciência expansível está sempre o centro e, por conseguinte, o espaço, por mais que se dilate, será sempre limitado. Observai a vós mesmo, não fiqueis apenas escutando; observai-vos e descobrireis muito simplesmente essas coisas. E a batalha das relações se trava entre dois centros, cada um deles querendo expandir-se, impor-se, dominar — os macacos em plena atividade!

Portanto, desejo *aprender*. Dizendo "Vejo isso muito claramente", a mente está aprendendo. Como se torna existente aquele centro? É ele o resultado da sociedade, da cultura, ou é um centro divino — desculpai-me o uso desta palavra "divino"

— o qual sempre foi sufocado pela sociedade, pela cultura? Os hinduístas, e outros, chamam-no *Atman*, essa "Coisa Sublime" que temos dentro em nós e que está sempre sendo sufocada. Por conseguinte, urge libertardes a mente, para que ela deixe de ser sufocada, e a coisa real, o macaco real, possa sair.

O centro, evidentemente, é criado pela cultura em que vivemos, por nossas memórias e experiências condicionadas, por nossa própria fragmentação. Por conseguinte, não é só a sociedade que cria o centro, mas também o centro movimenta a si próprio. Pode esse centro ultrapassar as fronteiras que ele próprio criou? Pode esse centro, silenciando a si próprio, controlando-se, meditando, seguindo um padrão, "explodir" e "ir além"? Não pode, decerto. Quanto mais ele se ajustar ao padrão, tanto mais forte se tornará, embora imagine que se está libertando. "Esclarecimento", por certo, é aquele estado mental onde o macaco nunca está em ação. Como poderá o macaco pôr fim a suas atividades? — não pela imitação, ou o ajustamento, ou o dizer "Fulano alcançou o esclarecimento, vou aprender dele" — tudo isso são artes do macaco.

Percebe o macaco as manhas que pratica consigo mesmo, dizendo: "Estou disposto a ajudar a sociedade, a transformar a sociedade, estou interessado nos valores sociais, no comportamento virtuoso, na justiça social"? Respondei a isso, senhor! Não achais que tudo isso são manhas que o macaco pratica consigo mesmo? Isto é tão claro, que não há duvidar a seu respeito. Se não tendes certeza disso, senhor, então examinemo-lo, consideremo-lo juntos.

INTERROGANTE: Às vezes, pareceis dizer que ajudar a sociedade, prestar serviços sociais, é beneficiar a outrem. Mas, eu tenho o sentimento de que não sou diferente da sociedade, e, assim, entregar-me a trabalhos sociais é a mesma coisa que trabalhar para mim mesmo: não faço distinção.

KRISHNAMURTI: Mas, se não fazeis distinção — não tenho nenhuma intenção de menoscabar-vos, senhor! — pergunto-vos: O "centro" continua existente?

INTERROGANTE: Não devia continuar.

KRISHNAMURTI: Nada de "não devia" — porque então entramos num domínio muito diferente — "devia", "não devia",

"podia", "não podia" — isto é, no domínio da teoria. O *fato* é este: embora eu reconheça que eu e a sociedade somos uma unidade, continua o centro, o "eu", o macaco, em ação?

A primeira questão é esta: Percebo que enquanto houver qualquer movimento por parte do macaco, esse movimento levará inevitavelmente a alguma espécie de fragmentação, ilusão e caos. Em palavras mais simples: Esse centro — o "eu", o egoísmo sempre em atividade, ainda que eu seja "divino", esteja muito interessado na sociedade e diga "Eu sou a sociedade" — esse centro está em ação? Se está, então a frase "Eu sou a sociedade" não tem sentido nenhum.

A segunda questão é: Como pode esse centro desaparecer? Por meio da determinação, da vontade, de exercícios e várias formas neuróticas de compulsão, dedicação, identificação? Todo movimento dessa ordem é próprio do macaco; por conseguinte, a consciência e o espaço nela contido estão ainda ao alcance do macaco.

Assim, diz a mente: "Estou vendo com toda a clareza" — "vendo", no sentido de estar percebendo a coisa, tal como se percebe este microfone, isto é, sem condenação: *vendo*, simplesmente. E, então, que acontece? Para se ver uma coisa, escutar uma coisa, necessita-se de atenção completa, não? Se desejo compreender o que estais dizendo, preciso prestar-lhe toda a atenção. Nesse atenção está em atividade o macaco? Verificai isso.

Quero escutar o que estais dizendo — que pode ser importante ou sem importância — e para compreendê-lo preciso prestar atenção; quer dizer, minha mente, meu coração, meus nervos, tudo deve pôr-se em perfeita harmonia, para prestar atenção — a mente não separada do corpo, o coração não separado da mente: um todo perfeitamente harmônico, atento. Isso é que é atenção. Pode a mente prestar atenção completa às atividades do macaco? — sem condená-las, sem dizer "certo" ou "errado"? — estar simplesmente observando as manhas do macaco? Nessa observação não há análise. Isso é realmente importante, senhores, "cravai-lhe os dentes". No momento em que ela analisa isoladamente um dos fragmentos, lá está o macaco em atividade! É, portanto, a mente capaz de observar dessa maneira, com essa

atenção completa, todos os movimentos do macaco? Que sucede quando há atenção *completa*? Vós a estais prestando?

Sabeis o que significa "prestar atenção"? Quando estais inteiramente atento àquele trem, não há resistência contra ele, não há impaciência. Ora, quando se está escutando dessa maneira, existe um centro e, nele, um macaco em atividade? Verificai-o, senhor, não espereis que eu diga nada, averiguai-o! Estais escutando este orador com *toda* a atenção? — quer dizer, sem interpretar o que ele está dizendo, sem concordar, nem discordar, sem comparar ou traduzir o que ele diz, para ajustá-lo a vossa própria mentalidade? Havendo qualquer atividade desse gênero, não há atenção. Prestar toda a atenção significa que a mente se pôs inteiramente em silêncio para escutar. Estais fazendo isso? Estais escutando o orador, agora, com essa atenção? Se estais, existe nela algum centro?

INTERROGANTE: Estamos passivos.

KRISHNAMURTI: Não importa se estais passivos ou ativos. Perguntei "Estais escutando?" "Escutar" significa "estar atento". E, nessa atenção, está em atividade o macaco? Não digais nem "sim" nem "não": descobri, aprendei! E qual é a natureza dessa atenção onde não há centro, com um macaco a fazer manhas?

INTERROGANTE: Nessa atenção a mente está vazia de pensamento?

KRISHNAMURTI: Não sei, senhor. Não a "verbalizeis", com expressões tais como "sem pensamento", "vazia", etc. Aprendei, descobri (e isso requer uma atenção constante, e não uma atenção passageira) a natureza da mente, quando nesse estado de atenção completa.

INTERROGANTE: Ao dizermos que a mente não está presente, ela está presente.

KRISHNAMURTI: Não, senhor; se se diz que ela não está presente para a comunicação verbal, então está presente a memória. Mas eu estou perguntando: Quando estais completamente atento, existe "centro"? Ora, isto é tão simples!

Quando estais assistindo a uma coisa verdadeiramente divertida, que vos faz rir, existe algum centro? Se uma coisa vos

interessa, e não estais a "tomar partidos", porém simplesmente observando, existe, nesse observar, algum centro, ou seja o macaco? Se não há centro, a questão, então, é esta: Pode essa atenção fluir, manter-se em movimento — não apenas um momento e depois desaparecer — porém continuar a fluir, naturalmente, suavemente, sem esforço algum? "Esforço implica a presença do macaco, o aparecimento do macaco. Estais-me acompanhando?

O macaco *deve* entrar em ação quando se trata de executar um certo trabalho. Mas, nasce da atenção essa atividade do macaco, ou é independente da atenção? Ir para o escritório, trabalhar — isso é um movimento da atenção ou é movimento do macaco, que entra em ação e diz: "Quero ser melhor que meus colegas, ganhar mais dinheiro, trabalhar mais, competir, tornar-me gerente, etc."? Penetrai isso, senhor. Qual dos dois movimentos existe em vossa vida — o movimento da atenção (por conseguinte, muito mais eficaz), ou o movimento do macaco? Respondei a isso, senhor, por vós mesmo. Se o macaco entra em ação e faz alguma diabrura — e os macacos estão sempre fazendo diabruras — pode essa diabrura ser apagada e não deixar marca? Continuai a penetrar, senhores! Não estais vendo a beleza que há nisso!

Ontem alguém vos disse uma coisa inverídica. Entrou em ação o macaco, dando-vos vontade de dizer "Você é um mentiroso!"? Ou o que houve foi o movimento da atenção, no qual não está em atividade o macaco? Se foi, então aquela inverdade não produz marca nenhuma. Quando o macaco reage, ela deixa marca. Assim, pergunto: Pode essa atenção estar sempre em movimento? Não, "Como manter uma atenção contínua?" — porque então é o macaco quem está perguntando. Mas, quando existe sempre o movimento da atenção, a mente acompanha, simplesmente, esse movimento.

Cabe-vos responder a esta pergunta: Pode a atenção estar sempre em movimento? Eis, com efeito, uma pergunta de vital importância. Nós só conhecemos o movimento do macaco, e só uma vez ou outra temos a atenção em que o macaco absolutamente não aparece. Mas, depois, o macaco diz: "Eu quero ter essa atenção" — e lá se vai ele para o Japão, aprender a meditar, ou para a Índia, sentar-se aos pés de alguém, etc.

Perguntamos: Esse movimento da atenção não está em nenhuma relação com a consciência, tal como a conhecemos? Não está, evidentemente. Pode essa atenção, como movimento, fluir, como fluem todos os movimentos? E se o macaco entra em ação, pode ele próprio tornar-se cônscio de estar em ação e, assim, não intrometer-se no movimento da atenção?

Ontem alguém me insultou, e o macaco estava acordado para dar a resposta, mas, como se tornou cônscio de si próprio e de todas as conseqüências de suas manhas, ele se quietou e deixou a atenção fluir. Não é questão de "como manter o movimento". Importa perceber isso, porque, no momento em que se diz "preciso manter o movimento", isso é ação do macaco. Mas, se o macaco sabe que está em atividade, então, a sensibilidade própria desse percebimento torna-o imediatamente quieto.

INTERROGANTE: Nesse movimento da atenção, não há interesse egoísta; por conseguinte, não há resistência, nem desperdício de energia.

KRISHNAMURTI: Senhor, atenção significa energia elevada ao mais alto grau, não é verdade? Na atenção, está concentrada toda a energia, não fragmentada. No momento em que ela se fragmenta e começa a ação, então está em atividade o macaco. E quando o macaco — que também está aprendendo e se tornou sensível, cônscio — percebe o desperdício de energia, logo se aquieta, naturalmente. Não há, então, a um lado o macaco, e a outro lado a atenção; não há divisão entre o macaco e a atenção. Se há divisão, a atenção se torna "eu superior"... sabeis quantos artifícios os macacos inventaram. Mas a atenção é um movimento total, uma ação total, não oposta à atenção. Infelizmente, o macaco tem também vida própria e desperta.

Ora, quando não há centro nenhum, isto é, no apogeu da atenção, podeis dizer-me o que então acontece? Que aconteceu à mente que está atenta em tão alto grau, sem o mínimo desperdício de energia? Que sucedeu então? Dizei-o, senhores; não quero ficar falando o tempo todo!

INTERROGANTE: Há silêncio total. Não há auto-identificação...

KRISHNAMURTI: Não quero nenhum dos artifícios inventados pelo macaco! Que foi que sucedeu, não só ao intelecto, ao cére-

bro, mas também ao corpo? Muito já falei, mas não aprendestes! Se este orador não voltar mais aqui, se morrer, que acontecerá? Como ireis *aprender*? Aprendereis de algum iogue? Nunca! Portanto, aprendei *agora*! Que foi que aconteceu à mente que se tornou sobremodo atenta, na qual se concentrou toda a energia — que sucedeu ao intelecto?

INTERROGANTE: Ele vê.

KRISHNAMURTI: Não o sabeis! Não façais conjecturas, por favor!

INTERROGANTE: Está totalmente quieto.

KRISHNAMURTI: Vede, senhor — o cérebro, que esteve em atividade, a trabalhar, o cérebro que inventou o macaco — não se tornou esse cérebro altamente sensível? Se não o sabeis, tende a bondade de não conjecturar. E há o vosso corpo: quando tendes aquela energia tremenda, não contaminada, não desperdiçada, que sucedeu à totalidade do organismo, à inteira estrutura do ente humano? É o que vos pergunto.

INTERROGANTE: Desperta, torna-se vivo, aprende...

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Ele precisa tornar-se vivo, para aprender; de contrário, não se pode aprender. Se dizeis "Creio no meu preconceito, gosto de meu preconceito, meu condicionamento é maravilhoso" — nesse caso estais dormindo, não estais desperto. Mas, no momento em que começais a questionar, a aprender, estais começando a "ficar vivo". Não é isso o que estou perguntando. Que foi que aconteceu ao corpo, ao cérebro?

INTERROGANTE: Há completa ação recíproca, não há divisão, mas percebimento total.

KRISHNAMURTI: Senhor, se não estais a dissipar energia com frioleiras, que sucedeu ao mecanismo do cérebro (pois ele é uma simples máquina)?

INTERROGANTE: Ele está vivo.

KRISHNAMURTI: Tende a bondade de observar-vos. Prestai atenção a qualquer fato, completamente, com vosso coração, vosso corpo, vossa mente, com tudo o que tendes, cada partícula, cada célula — e vede o que acontece.

INTERROGANTE: Nesse momento a gente não existe.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor. Mas, que aconteceu ao cérebro, não *a vós*? Concordo que o "centro" já não existe; mas existe o corpo, o cérebro. Que sucedeu ao cérebro?

INTERROGANTE: Ficou em repouso, regenerando-se.

KRISHNAMURTI: Qual a função do cérebro?

INTERROGANTE: Ordem.

KRISHNAMURTI: Não repitais o que eu disse, pelo amor de Deus!

Que é o cérebro? Ele evolveu no tempo; é o reservatório da memória; é matéria; acha-se em intensa atividade, reconhecendo, protegendo-se, resistindo, pensando, não pensando, assustado, buscando a segurança e, entretanto, na incerteza; repleto de memórias —não apenas a memória de ontem, mas séculos de memória, memórias raciais, memórias familiais, tradição. Todas essas memórias estão nele contidas. Ora, que aconteceu a esse cérebro, naquela extraordinária atenção?

INTERROGANTE: Renovou-se...

KRISHNAMURTI: Não quero ser descortês — mas, está novo o vosso cérebro? Ou apenas estais dizendo uma palavra? Dizei-me, por favor, que sucedeu a esse cérebro tão mecânico? Não digais que ele se tornou "não mecânico". O cérebro é puramente mecânico, reagindo sempre de acordo com seu condicionamento, seu *fundo* (*background*), seus temores, seu prazer, etc. Que acontece a esse cérebro mecânico quando não há o mínimo desperdício de energia?

INTERROGANTE: Começa a tornar-se criador....

KRISHNAMURTI: Deixemos isso para amanhã.

8 de agosto de 1970.

DIÁLOGO VII

Recapitulação. A mente necessita de ordem para funcionar adequadamente; o pensamento toma a segurança por ordem. O macaco irrequieto não pode achar a segurança. Diferença entre estabilidade mental e segurança. A busca de segurança só produz fragmentação. A mente em que não existe busca de segurança. "Não há segurança". Compreender a si próprio é compreender o movimento do pensamento. Na mente que está sobremodo atenta não há fragmentação da energia. A comunicação não verbal. Como alcançar o estado que é infinito e atemporal e no qual "o conceito do viver e do morrer tem um significado totalmente diferente".

KRISHNAMURTI: Nestas últimas semanas estivemos considerando juntos inúmeros problemas concernentes a nossas vidas — os problemas que nós mesmos criamos e os que a sociedade nos cria. Vimos também que nós e a sociedade não somos duas entidades diferentes, porém um movimento de relações. Se qualquer pessoa está seriamente interessada na sociedade e ativamente empenhada em alterar a sociedade — seus padrões, seus valores, sua moralidade — mas não está cônscia de seu próprio condicionamento, então esse condicionamento produzirá fragmentação na sua ação; por conseguinte, haverá mais conflito, mais aflição, mais confusão. Tudo isso consideramos mais ou menos cabalmente.

Estivemos também considerando o que é o medo, e se a mente poderá em algum tempo livrar-se completa e totalmente dessa carga — tanto superficialmente como profundamente. E examinamos a natureza do prazer, coisa bem diferente da alegria,

do deleite. Examinamos, por igual, a questão dos inúmeros fragmentos que compõem nossa estrutura, nosso ser. Em nosso exame, vimos que esses fragmentos dividem e mantêm separadas todas as relações humanas; e que um dado fragmento assume a autoridade e se torna o analista, o censor dos outros fragmentos.

Ontem, ao considerarmos a natureza da consciência, examinamos a questão da atenção. Dissemos que a atenção é um estado no qual toda a energia se acha altamente concentrada; e que nessa atenção não existe observador, não existe "centro" que, como "eu", está atento.

Vamos agora, tdos nós, aprender, averiguar o que acontece à mente, ao cérebro, a todo o nosso ser psicossomático, quando a mente está intensamente atenta. Para compreendermos isso com clareza, por nós mesmos, devemos primeiro perceber que a descrição não é a coisa descrita. Podemos descrever, em todas as suas minúcias, este pavilhão, mas essa descrição não é o pavilhão. A palavra não é a coisa, e, desde o começo, deve ficar-nos perfeitamente claro que a explicação não é a coisa explicada. Satisfazer-se com descrições, explicações, é a maneira mais infantil de viver, e parece-me que a maioria de nós assim vive. Satisfazemo-nos com a descrição, com a explicação, com o dizer-se "Eis a causa" — e vamos flutuando ao sabor da corrente. Mas, o que nesta manhã queremos fazer é descobrir por nós mesmos o que acontece à mente — sendo a mente o cérebro e toda a estrutura psicossomática — quando há essa atenção intensa em que não existe nenhum "centro" como observador ou censor.

Para compreender-se isso, aprendê-lo realmente e não satisfazer-se, simplesmente, com a explicação dada pelo orador; para descobri-lo, tem-se de começar com a compreensão de "o que é". Não "o que deveria ser" ou "o que foi", mas "o que é".

Acompanhai-me. Viajemos juntos. É muito interessante caminhar juntos, aprendendo. Evidentemente, fazem-se necessárias enormes mudanças, no mundo e em nós mesmos. As tendências de nossos pensamentos e ações se tornaram de todo em todo infantis, contraditórias, diabólicas — se podemos empregar esta palavra. Inventa-se uma máquina de matar, e logo aparece uma "antimáquina" para "matar" aquela máquina. É

o que se está fazendo no mundo, não só no domínio social, mas também na área mecânica. E a mente que está deveras interessada, toda entranhada da importância da mudança, tanto psicológica como exterior, deve examinar este problema do ente humano e sua consciência, seus desesperos, seus temores, suas ambições, suas ansiedades, seu desejo de preenchimento desta ou daquela forma.

Assim, para compreendermos tudo isso, devemos começar vendo "o que é". "O que é" não é apenas o que está à nossa frente, mas também o que existe "além". Para verdes o que está à vossa frente, necessitais de percepção muito clara, incontaminada, livre de preconceitos, não empolgada do desejo de transcendê-lo, mas simplesmente interessada em observá-lo; em observar não só "o que é", mas também "o que foi" — que é também "o que é". "O que é" *é* o passado, *é* o presente, e *é* o futuro. Vede bem isto! Assim, "o que é" não é estático, porém um movimento. E, para acompanhar o movimento de "o que é", necessitais de uma mente muito clara, uma mente sem preconceitos, sem deformações. Isso significa que há deformação sempre que se faz algum esforço. A mente não pode ver "o que é" e transcendê-lo, se de alguma maneira está preocupada em alterar "o que é", ou em ultrapassá-lo, ou em reprimi-lo.

Para observar "o que é", faz-se mister energia. Para se observar qualquer coisa necessita-se de energia. Para escutar o que estais dizendo, necessito de energia; isto é, preciso de energia quando desejo realmente, a todo preço, compreender o que estais dizendo. Mas, se não estou interessado, e escuto indiferentemente, preciso apenas de uma fraca dose de energia, que depressa se dissipa. Destarte, para se compreender "o que é", cumpre ter energia. Ora, os fragmentos de que somos compostos representam a divisão dessa energia. "Eu" e "Não eu", "cólera" e "não cólera", "violência" e "não violência" — são fragmentos da energia. E quando um fragmento assume autoridade sobre os demais fragmentos, a energia que funciona é fragmentária. Estamos em comunicação? "Estar em comunicação" significa estar aprendendo juntos, trabalhando juntos, criando juntos, vendo juntos, compreendendo juntos; não é apenas eu ficar falando, e vós ficardes escutando e dizendo "intelectualmente com-

preendo"; isso não é compreensão. "Comunicação" é um movimento em que se está aprendendo e, por conseguinte, agindo.

Vê, pois, a mente que todos os fragmentos — meu Deus, vosso Deus, minha crença e vossa crença, representam fragmentações da energia. A energia é fragmentada pelo pensamento, e o pensamento é o movimento do condicionamento, questão à qual não voltaremos agora, porque precisamos ir para diante.

Deste modo, a consciência é a totalidade desses fragmentos de energia. E, como dissemos, um desses fragmentos é o observador, o "eu" — o macaco, em incessante atividade. Tende sempre em mente que a descrição não é a coisa descrita, e que vos estais observando por meio das palavras do orador. Mas, as palavras não são a coisa e, por conseguinte, o orador pouco importa. O importante é vossa observação de vós mesmo e de como a energia foi fragmentada. Podeis ver isso — ou seja "o que é" — livre do fragmento representado pelo observador? Pode a mente ver todos os fragmentos que compõem o todo da consciência? Esses fragmentos representam a divisão da energia. Pode a mente vê-los, sem um observador que faz parte dos numerosos fragmentos? Importa compreender isso. Se a mente não é capaz de ver os inúmeros fragmentos sem ser pelos olhos de outro fragmento, nesse caso jamais compreendereis o que é atenção. Estamo-nos entendendo?

A mente vê os efeitos, tanto exteriores como interiores, da fragmentação. Exteriormente, os governos soberanos, com seus exércitos, seu racismo, etc.; divisão em nacionalidades, crenças, dogmas religiosos; divisão na ação social e política — Trabalhistas, Conservadores, Comunistas, Capitalistas. Tudo isso foi criado pelo pensamento, visando à segurança. Pensamos que, por meio da fragmentação, teremos segurança, e esse pensamento cria mais fragmentação. Percebeis isso? Não verbalmente, porém realmente, como um fato? Jovens e velhos, ricos e pobres, vida e morte — vedes essa constante divisão, esse movimento de fragmentação causado pelo pensamento, que fica envolvido no condicionamento resultante dessa fragmentação? Pode a mente ver esse movimento todo inteiro, sem haver um "centro" a dizer: "Vejo-o"? Porque, se há esse centro, ele logo se torna um fator de divisão — "eu" e "não eu" — que sois vós. O pensamento criou esse "eu" por causa do desejo ou do impulso

a buscar segurança, proteção. E nesse desejo de encontrar a segurança dividiu a energia em "eu" e "não eu", trazendo, assim, a si próprio, a insegurança. Pode a mente ver isso como uma totalidade? Não pode, se há algum fragmento como observador.

Já perguntamos: Qual a natureza da mente que se acha sumamente atenta, na qual não existe nenhuma fragmentação? Foi aí que paramos ontem. Não sei se investigastes, ou aprendestes, de ontem para hoje; este orador não é um professor que vos está ensinando, transmitindo conhecimentos. Para descobrir aquilo, não deve haver, naturalmente, nenhuma fragmentação, vale dizer, nenhum esforço. Esforço significa deformação e, como a mente de quase todos nós está deformada, não tendes nenhuma possibilidade de compreender o que significa "estar completamente atento" e de descobrir o que acontece à mente que se acha totalmente cônscia, atenta.

Há diferença entre "segurança" e "estabilidade". Dissemos que o macaco é esse "eu" permanente, com seus pensamentos, seus problemas, ansiedades, temores, etc. Esse pensamento, esse macaco irrequieto, está sempre a buscar a segurança, porquanto tem medo de errar em suas atividades, seus pensamentos, suas relações. Ele quer que tudo seja mecânico, garantido. Conseqüentemente, traduz "segurança" por "precisão mecânica". É a estabilidade diferente da segurança — não digo seu "oposto", porém uma *dimensão diferente*? Precisamos compreender isso. A mente que está inquieta e a buscar segurança jamais encontrará a estabilidade. Como é belo ser estável ("firme" não é a palavra apropriada), inabalável, inamovível, e, contudo, capaz de infinita mobilidade! A mente que busca segurança não pode ser estável — ser móbil, ágil e, contudo, irremovível, qual um rochedo.

Percebeis a diferença? Qual das duas coisas está ocorrendo em vossa vida? Está o pensamento — o macaco irrequieto — a buscar a segurança e, não a encontrando numa direção, a buscá-la noutra direção? Nessa inquietação, ele quer achar a segurança; por conseguinte, jamais a achará. Poderá dizer "Há Deus" — outra invenção do pensamento, uma imagem criada através de séculos de condicionamento. Ou foi condicio-

nado pelo mundo comunista, onde se diz "Não há Deus" — também condicionamento.

Assim, que estais vós fazendo? — buscando segurança em vosso desassossego? O desejo de estar em segurança é uma coisa das mais curiosas. E essa segurança precisa ser aprovada pelo mundo. Escrevo um livro, e nele encontro minha segurança. Mas esse livro precisa ser aprovado pelo mundo, do contrário não tenho segurança. Vede em que deu isso: Minha segurança na dependência da opinião do mundo! "Meus livros estão sendo vendidos aos milhares". Criei, pois, um valor: o mundo! Buscando a segurança por meio de um livro — ou do que quer que seja — estou na dependência do mundo por mim criado. E isso significa que estou constantemente a enganar a mim mesmo. Oh, se pudésseis ver isto! Assim, o desejo de segurança, por parte do pensamento, é o caminho da incerteza, da insegurança. Quando há atenção completa, e nenhum centro, que sucede à mente, nesse estado de intenso percebimento? Existe nela segurança? Existe nela a mínima inquietação? Por favor, não concordeis comigo; muito importa descobrirdes isso.

Como sabeis, senhores, a maioria de nós anda a buscar uma solução para as agonias do mundo, uma solução para a moralidade social — que é imoral; a tentar descobrir uma maneira de organizar uma sociedade em que não haja injustiça social. Através dos séculos, o homem sempre buscou Deus, a Verdade — ou como se chame — sem jamais encontrá-lo, porém sempre crendo nele. Mas, quando se crê em Deus, naturalmente cada um tem experiências de acordo com sua crença — portanto, experiências falsas. Assim, na sua inquietação, no seu desejo de proteção, de segurança, de tranqüilidade, o homem inventou todas essas garantias imaginárias, projetadas pelo pensamento. Ao nos tornarmos cônscios dessa fragmentação da energia — que, por conseguinte, deixa de ser fragmentária — que sucedeu na mente que esteve buscando a segurança? Em sua inquietação, ela esteve a correr de um temor para outro. Assim, que vos cabe fazer, qual a vossa resposta?

INTERROGANTE: Já não estamos isolados, não há mais medo.

KRISHNAMURTI: Já consideramos isso, senhor. A menos que isso esteja acontecendo realmente convosco, não digais nada,

porque não tem sentido. Podeis inventar, podeis dizer "Sinto-o", mas, se sois verdadeiramente *sério*, se desejais aprender, tendes de penetrar fundo nesta questão. É vossa missão; é *vossa vida* — e não apenas o espaço desta manhã.

Como vistes, ao atravessarmos a aldeia, a caminho do pavilhão, toda gente estava indo para a igreja — religião de "fim de semana". Mas, aqui, não há "religião de fim de semana". Estamos interessados numa "maneira de viver" na qual a energia não seja fracionada. Se chegásseis a compreender isso, teríeis um extraordinário "senso de ação".

INTERROGANTE: Senhor, perguntando-se "Que se pode fazer?", logo o macaco se põe em movimento. "Dispara-se" a pergunta, e a pergunta "dispara" o macaco.

KRISHNAMURTI: Só fiz a pergunta para ver onde estais.

INTERROGANTE: Só um fragmento está atuando.

KRISHNAMURTI: Sim. Só um dos fragmentos daquela energia que foi fracionada está a buscar incansavelmente a segurança. Eis, justamente, "o que é". É isso que todos nós estamos fazendo. Esse desassossego, essa constante busca e indagação, esse aderir a um grupo e depois ir procurar outro grupo — o macaco nunca pára — tudo isso indica que a mente anda em busca de uma maneira de vida na qual só a segurança lhe interessa.

Ora, quando se percebe isso bem claramente, que aconteceu à mente — já não interessada na segurança? Obviamente, ela não tem medo. A segurança se torna uma coisa muito trivial quando se vê que o pensamento fragmentou a energia, ou fragmentou a si próprio, e que, por causa dessa fragmentação, existe medo. E quando vemos a atividade fragmentária do pensamento, então, somos capazes de enfrentar o medo, de agir. Assim, perguntamos: "Que aconteceu à mente que se tornou sobremodo atenta? Existe, nela, algum movimento de busca? Tende a bondade de descobrir isso.

INTERROGANTE: A atividade mecânica se detém de todo.

KRISHNAMURTI: Compreendeis minha pergunta? Quando estais sumamente atento, a mente ainda está buscando experiên-

cia, buscando a compreensão de si própria, tentando ultrapassar a si própria, tentando descobrir o que é ação correta, o que é ação incorreta, buscando uma permanência em que possa amparar-se — permanência nas relações, na crença, ou em alguma conclusão? Continua a haver esse movimento quando estamos completamente cônscios?

INTERROGANTE: A mente já não busca nada.

KRISHNAMURTI: Sabeis o que significa fazer uma asserção dessas com tanta facilidade? "Não buscar nada" — que significa isso?

INTERROGANTE: Estar a mente pronta para receber algo novo, algo que ela é incapaz de imaginar.

KRISHNAMURTI: Não, minha senhora, vós não compreendestes. A mente percebeu a atividade do macaco no seu desassossego. Essa atividade — que é ainda energia — o pensamento a fracionou, no seu desejo de achar uma segurança permanente, uma certeza, uma garantia. Assim, dividiu ele o mundo em "eu" e "não eu", "nós" e "eles", e busca a Verdade como meio de segurança. Observado isso, pergunto: Está a mente ainda a buscar o que quer que seja? Buscar implica um estado de inquietação — não achei a segurança aqui, vou para lá e, não a encontrando, vou para acolá.

INTERROGANTE: A mente não está então interessada em buscar.

KRISHNAMURTI: A mente em que não há centro algum não se interessa em buscar. Mas, está isso sucedendo em vós?

INTERROGANTE: No momento em que estamos atentos, é isso o que sucede.

KRISHNAMURTI: Não digais isso, senhor!

INTERROGANTE: Acontecem à mente coisas de toda ordem quando ela pára de lutar.

KRISHNAMURTI: Vistes alguma vez, ao dardes um passeio ou estando sentado em sossego, o que significa estar totalmente vazio? — *não* isolado, *não* retirado, *não* erguendo um muro em

redor de vós e vendo, depois, que não estais em relação com coisa alguma; não aludo a nada disso. Quando a mente está totalmente vazia, isso não significa que ela ficou desmemoriada; as memórias lá estão, pois sabeis o caminho de casa ou do escritório. Refiro-me ao vazio da mente que fez deter-se o movimento de busca.

INTERROGANTE: Tudo *é*, e eu *sou*. Que é "eu sou"? Quem é esse "eu" que diz "sou"? O macaco?

KRISHNAMURTI: Tende o cuidado de não repetir o que disseram os propagandistas, o que disseram as religiões, o que disseram os psicólogos. Quem é que diz "eu sou"? — o italiano, o francês, o russo, o crente, o dogma, os temores, o passado, o homem que está sempre a buscar, e aquele que busca e acha? Ou aquele que se identificou com sua casa, seu marido, seu dinheiro, seu nome, sua família? — palavras, palavras, palavras! Não; vós não percebeis isso. Mas é o fato. Se percebeis que sois apenas um feixe de memórias e de palavras, deixa de existir o irrequieto macaco.

INTERROGANTE: Se a mente está de todo vazia quando nos estamos dirigindo ao escritório, porque ir para o escritório? Porque continuamos a fazê-lo?

KRISHNAMURTI: Tendes de ganhar a vida, tendes de voltar a casa, tendes de sair deste pavilhão.

INTERROGANTE: Então, a questão é seguramente esta: Como posso estar vazio, com a memória em funcionamento?

KRISHNAMURTI: Ora, senhor, vou dizer-vos uma coisa muito simples: isso de segurança é uma coisa que não existe. Essa incansável busca de segurança parte do observador, do "centro", do macaco. E esse macaco irrequieto — ou seja o pensamento — fragmentou o mundo e o pôs numa terrível desordem. Quanta aflição e agonia tem ele causado! E isso o pensamento é incapaz de resolver; por mais inteligente, e sagaz, e erudito, e capaz de funcionar eficientemente, o pensamento não tem nenhuma possibilidade de pôr em ordem este caos. Deve haver uma maneira de sair dele sem ser por meio do pensamento. Desejo comunicar-vos que, nesse estado de atenção, nesse movimento da atenção, desapareceu todo senso de segurança, porque

há estabilidade. Essa estabilidade nada tem que ver, absolutamente, com a segurança. Quando o pensamento busca a segurança, tem a idéia de que ela é algo de permanente, irremovível e, por conseguinte, ele se torna mecânico. O pensamento busca a segurança nas relações. Nessas relações, cria uma imagem. Essa imagem se torna "o permanente" e fragmenta as relações — vós tendes a vossa imagem, e eu tenho a minha. Nessa imagem, o pensamento se firmou e identificou como "a coisa permanente".

Exteriormente, foi isso o que fizemos: vossa pátria, minha pátria, etc. Abandonando tudo isso, abandonando-o, por ter visto sua total futilidade e nocividade, a mente o dá por definitivamente acabado. E, então, que sucede na mente para quem terminou de todo o conceito de segurança? Que sucede a essa mente que, estando tão atenta, se tornou absolutamente estável, de modo que o pensamento já não busca a segurança em forma nenhuma e percebe que essa coisa chamada "o permanente" não existe? Eu vos estou apontando os fatos; a descrição não é a coisa descrita.

Vede que isto é muito importante. O cérebro evolveu com a idéia de se pôr em perfeita segurança. A mente, o cérebro, deseja a segurança, porque, sem ela, não pode funcionar. Se não há ordem, o cérebro funcionará ilogicamente, neuroticamente, e por isso está sempre a desejar a ordem, tendo dado à ordem o significado de "segurança". Se esse cérebro continua a funcionar, continuará a buscar a ordem por meio da segurança. Assim, quando há atenção, está o cérebro ainda a buscar segurança?

INTERROGANTE: Senhor, só há o presente.

KRISHNAMURTI: Senhor, estou procurando transmitir-vos uma coisa. Posso estar totalmente enganado, posso estar dizendo asneiras. Mas, a vós compete descobrir, por vós mesmo, se estou dizendo asneiras.

INTERROGANTE: Tenho a impressão de que, no momento em que estou atento, não estou buscando. Mas essa atenção pode cessar; então, estarei novamente a buscar.

KRISHNAMURTI: *Jamais!* Esse é que é o ponto essencial. Se o pensamento percebe que tal coisa — a permanência — não

existe, *jamais* tornará a buscá-la. Isto é, o cérebro, com suas memórias relativas à segurança, e o cultivo que ele recebe numa sociedade baseada na segurança, com idéias e uma moralidade baseadas na segurança, esse cérebro se tornou totalmente vazio do movimento de busca da segurança.

Já alguma vez aprofundastes bem esta questão da meditação, qualquer de vós? A meditação não se interessa na meditação, mas, sim, no meditador. Percebeis a diferença? A maioria de vós estais interessados na meditação, no que fazer para meditar, no como meditar "passo por passo", etc. Mas, a questão não é esta, absolutamente. O "meditador" é a meditação. Compreender o "meditador" é meditação.

Ora, se examinastes bem a questão da meditação, tereis visto que o "meditador" precisa acabar, pela compreensão e não pela repressão ou o "assassínio" do pensamento. Quer dizer, compreender a si próprio é compreender o movimento do pensamento — que é o movimento do cérebro com suas memórias — é compreender o movimento do pensamento, que está buscando a segurança, etc.

Ora, pergunta o meditador: "Pode esse cérebro tornar-se totalmente quieto?" E isso significa: Pode o pensamento estar completamente quieto e, entretanto, funcionar em razão dessa quietude, não considerada como um fim em si? Provavelmente estais achando isto complicado demais, mas, em verdade, é muito simples.

Sabemos, pois, que na mente de todo atenta não há fragmentação da energia. Notai bem: não há fragmentação da energia — a energia é *total*. Essa energia está operando sem fragmentação quando vos dirigis ao escritório.

INTERROGANTE: Talvez fosse possível alcançar-se uma compreensão real, sem a ajuda da palavra; mediante uma espécie de contato direto com a coisa que se deseja compreender. E, conseqüentemente, não haveria necessidade de palavras, que são uma fuga.

KRISHNAMURTI: Nisso é que está o busilis. Podeis estar em comunicação sem palavras — já que as palavras são empecilhos?

INTERROGANTE: Posso.

KRISHNAMURTI: Vede, senhor, posso comunicar-me não verbalmente convosco acerca da mente que está toda atenta e, contudo, é capaz de funcionar no mundo sem dividir em fragmentos a energia? Compreendestes esta pergunta?

INTERROGANTE: Compreendi.

KRISHNAMURTI: Pois bem; posso comunicar-vos aquilo sem fazer uso da palavra? Como sabeis que posso? Que coisas estais dizendo, todo vós!

INTERROGANTE: Creio que podeis.

KRISHNAMURTI: Vede, estivemos falando quase cinco semanas seguidas, explicando as coisas, entrando em minúcias, consagrando-lhes todo o nosso coração. E vós compreendestes — ainda que verbalmente? E quereis compreender não verbalmente! Isso é possível se vossa mente está em contato com o orador com a mesma intensidade, a mesma paixão, e ao mesmo tempo, no mesmo nível. Assim, podeis estar em comunicação com ele. Estais? Ora, escutai aquele trem! Sem palavras, estabeleceu-se comunicação entre nós, porque ambos estamos escutando o barulho do trem, no mesmo momento, com a mesma intensidade, a mesma paixão. Só assim há comunicação direta. Estais atento com a mesma intensidade e ao mesmo tempo que o orador? Não estais, decerto. Senhor, quando segurais a mão de outra pessoa, podeis fazê-lo por simples hábito ou costume. Ou podeis segurar a mão da outra pessoa e, entre ambos, estabelecer-se comunicação, sem se pronunciar uma só palavra, quando ambos se acham, nesse momento, no mesmo grau de intensidade. Mas, nós não temos "intensidade", nem paixão, nem interesse.

INTERROGANTE: Não a todas as horas.

KRISHNAMURTI: Não digais isso; nem por um minuto!

INTERROGANTE: Como o sabeis?

KRISHNAMURTI: Eu não o sei. Se tendes essa intensidade, sabeis então o que significa estar vigilante, atento e, por conseguinte, já não estais buscando a segurança; por conseguinte, já não estais atuando ou pensando com base na fragmentação.

Olhai o que sucedeu a uma mente que percorreu todo o caminho que estivemos percorrendo, todas as discussões e trocas de palavras. Que aconteceu à mente, à pessoa, que esteve realmente escutando tudo?

Em primeiro lugar, essa pessoa se tornou sensível, não apenas mentalmente, mas também fisicamente. Deixou de fumar, de beber, de tomar drogas. E, ao falarmos sobre a questão da atenção, deveis ter visto que a mente já não está em busca de nada, nem a afirmar nada. Essa mente é bastante móbil e, contudo, perfeitamente estável. Em virtude dessa estabilidade e sensibilidade, ela é capaz de agir sem dividir a vida ou a energia em fragmentos. Que descobre essa mente, além da ação, da estabilidade? O homem sempre andou em busca de uma coisa que ele considera ser Deus, a Verdade; sempre lutou para alcançá-la, por causa de seu medo, de sua fraqueza, seu desespero e desordem. Buscou essa coisa, e pensou tê-la descoberto. E essa descoberta, ele tratou de organizá-la.

Conseqüentemente, o que é estável, altamente móbil, sensível, não busca nada; vê algo que nunca foi achado. Para essa mente, o tempo deixou completamente de existir — o que naturalmente não significa que podemos perder o trem. Assim, um estado existe, que é atemporal e, por conseguinte, infinito.

Se o alcançardes, vereis como é maravilhoso. Eu poderia descrevê-lo, mas a descrição não é a coisa descrita. Compete-vos descobri-lo com o observar-vos; nenhum livro, nenhum instrutor vo-lo pode mostrar. Não dependais de ninguém. Não ingresseis em organizações espirituais. Cumpre-vos aprender tudo isso de vós mesmo. E, então, a mente descobrirá coisas incríveis. Mas, para tanto, não pode haver fragmentação, porém uma extraordinária estabilidade, agilidade, mobilidade. Para essa mente, não existe o tempo e, por conseguinte, o conceito relativo ao viver e ao morrer tem um significado inteiramente diferente.

9 de agosto de 1970.